

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 3 - Número 15 - Dezembro de 1997

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil

Analy Alvarez

Efrén Colombani

Luiz Amorim

Vera Nunes

Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 3 - número 15 - Dezembro de 1997

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jônatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP

CEP 01301-980; Tel.: (011) 258-7445 Fax.: 259-9495

EDITORIAL

Sensibilizados e felizes com a receptividade que a TEATRO DA JUVENTUDE tem conquistado, gostaríamos de externar nossos agradecimentos a todos que nos incentivam por carta, telefonemas e pessoalmente. O número de cartas que temos recebido, nos parabenizando, solicitando revistas e informações, vem extrapolando o espaço disponível. Tanto que, neste número abrimos mais páginas para podermos publicá-las. Este fato, de certa forma isolado, considerando que nossa revista tem uma tiragem de 11 mil exemplares - muito pouco diante da dimensão do nosso país - demonstra a emergente necessidade de cultura do nosso povo. E este aspecto é muito positivo, porque só sentimos falta daquilo que conhecemos e, mais ainda, daquilo que amamos.

Bem de encontro a esta filosofia, a seção "Como Fazer" está trazendo um artigo do conceituado diretor de teatro Roberto Vignati sobre o trabalho de direção em grupo. Segundo ele, os espetáculos que ficam famosos através dos tempos são aqueles que apresentam um envolvimento racional e emocional entre o palco e os anseios dos espectadores. É preciso dizer mais?

Neste número estamos publicando três peças: **Mestre Esopo e seus bichos muito loucos**, de Analy A. Pinto e Maria Eugênia Di Domenico, um interessante texto para crianças que resgata os personagens das fábulas de Esopo, incluindo o próprio autor na história. Esta foi uma das primeiras peças de Analy, autora que hoje vem se destacando no cenário dramaturgico nacional tendo algumas peças premiadas, como "Quem tem medo do ridículo, Clark Gable?", "As Polacas" e "Cabaré Lupicínio". Dirigida para adolescentes e adultos, a peça **O Testamento do Cangaceiro** foi escrito por Chico de Assis, um dos mais importantes dramaturgos da nossa geração, cujas peças já cruzaram oceanos e foram montadas em outros países. Responsável pelo teatro político dos anos sessenta, Chico nunca abandonou a idéia de que o teatro deve ser uma tribuna das discussões sociais. Esta peça, embora trilhe na linha da comédia e do imaginário, tem uma nítida proposta social.


Finalmente, para amadores e adultos, a premiadíssima e encenadíssima **Eles não usam black-tie**, de Gianfrancesco Guarnieri, orgulho de nossa dramaturgia, que foi reconhecida até mesmo no exterior e transformada em filme, o qual foi premiado com o troféu Leão de Ouro em Veneza (Itália).

Na seção "Livros", **O jogo dramático infantil**, de Peter Slade, apresenta técnicas para que educadores e pais estimulem, sem interferir, o jogo dramático espontâneo da criança e do adolescente.


A Teatro da Juventude é isso - cultura e prazer e, nesta primeira edição do ano desejamos um feliz 1998 para você.

Erné Vaz Fregni

PARABÉNS À TEATRO DA JUVENTUDE (TJ)


 *Vimos através desta acusar o recebimento da coleção TJ, fornecida pela Secretaria, através da Delegacia Regional de Cultura de Campinas. Este material é de grande importância para a composição e aprimoramento dos grupos de teatro que se formam a cada dia em nosso Estado, e principalmente para aperfeiçoamento dos grupos já formados, como é o caso de nossa cidade. Agradecemos por mais este trabalho realizado pela Secretaria de Cultura, e aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.*

*Vânia Gonçalves Noronha - Diretora
Depto. Cultura e Turismo
Prefeitura Municipal de São João da
Boa Vista - SP*

 *Parabéns pela importante revista até agora publicada com tanto zelo e eficiência, gerando a certeza de que seus caríssimos leitores vêm encontrando, a cada edição, material importantíssimo para o desenvolvimento de cada grupo teatral interessado.
Dirijo um grupo de jovens, recentemente*

organizados. Por ser a maioria inexperiente com teatro, aplico a eles um trabalho de base. (...) Estou separando uma boa peça, publicada em uma das revistas TJ. Fica aqui o meu muito obrigado pela atenção de vocês.

*José da Silva Moais - Diretor
Comunidade Kolping - Escola Teatral
"Zé Poeta" - Maracá - SP*

 *Sou atriz teatral e técnica em trabalhos para teatro na Educação com crianças e adolescentes, e venho parabenizar Tatiana Belink e o secretário Marcos Mendonça por acordar a revista TJ. A mesma tem facilitado muito meu trabalho. Tanto com textos e indicações de livros e "Como Fazer".
A revista é um informativo de seqüência completa do fazer teatral, aproveitando também para parabenizar Zecarlos de Andrade pelo magnífico texto "Soltando o Verbo", que tem servido de inspiração aos meus alunos na busca da pesquisa e da criação literária. Parabéns a Zecarlos e a Gilda Vandenbrande pelo "O Buchicho".*

*Lígia Runenal - atriz
Morro dos Ingleses - São Paulo - SP*

ESPAÇO PARA GRUPOS NA TJ



Venho por meio desta parabenizá-los pela qualidade que permanece a cada edição desta revista, tão importante no meio teatral, principalmente no interior, que temos uma carência em relação a bancos de textos.

Além dos cumprimentos, tenho o intuito de registrar uma sugestão: que dediquem um espaço a grupos teatrais, uma coluna onde vocês possam apresentar grupos, estilos e trabalhos desenvolvidos por eles (por nós), divulgando seus trabalhos e propiciando experiências através deles. Muitos grupos trabalham exaustivamente em suas montagens, com pesquisas e elaborações, para depois serem poucos vistos. Acredito que, com um espaço na TJ, haverá um maior interesse neles, pois saberão o caminho que trilharam e que pode ser interessante para os outros. Esperando em algum momento ser atendido, despeço-me, cordialmente.

Nilceu Bernardo - Grupo Teatral "Atos & Cenas" - Casa da Cultura "Prof. Maria Bove Coneglian"

MATERIAL PARA ARTES CÊNICAS



A escola apenas realizou apresentações teatrais em festas comemorativas, o gênero sempre foi mais para encenação do que peça propriamente dita. Estou querendo formar um grupo de teatro na escola com alunos de 6^{as} e 7^{as} séries e gostaria de ter como apoio alguns dados técnicos sobre o teatro, indicações de livros de exercícios cênicos e outras informações que sejam de valia para

realização do projeto que pretendo colocar em prática. Fiz um curso recentemente com o Marcelo Campos, oferecido pela 1^a Delegacia de Ensino de Campinas. Nosso grupo de professores decidiu por desenvolver nas escolas que atuam um grupo permanente de teatro.

*Luciene da Silva - professora
1^a Delegacia de Ensino de Campinas -
EEPG Adoniran Barbosa - Valinhos - SP*

Resp.: A Livraria Cena Brasileira apenas comercializa livros sobre teatro. Possui, inclusive, um Boletim Informativo. O endereço é al. Barão de Limeira, 1.204, cj. 11; São Paulo - SP. Tel.: (011) 221-9524. Materiais de pesquisa podem ser encontrados na EAD - ECA (Escola de Arte Dramática da USP). Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 334-Cidade Universitária, São Paulo - SP. Tel.: (011) 818-4244; e também no Museu Lasar Segall. Rua Berta, 111, V. Mariana, São Paulo - SP. Tel.: (011) 574-7322.

DIREITOS AUTORAIS



Gostaria de saber como conseguirei obter autorização sobre a peça "Em Moeda Corrente no País", pois nosso grupo gostaria muito de apresentar esta peça. Estaremos esperando maiores informações.


*Gislene Gomes da Silva - Atriz
Grupo Stúdio Art's*

Resp.: Quem fornece esta autorização é a SBAT - Sociedade Brasileira de

*Autores Teatrais. Av. Ipiranga, 1123,
8º andar. Tel.: (011) 229-9011.*


SOLICITAÇÃO DA TJ

TEXTOS PARA A TJ


 *Venho, mais uma vez, fazer um pedido de recebimento da revista que mais tem me alegrado nos últimos tempos, a nossa TJ. Estou contente que vocês tenham sempre levado meu pedido com atenção, sempre me enviando assim que eu faço os pedidos. Isso é uma demonstração de respeito e seriedade que faz da Secretaria de Estado da Cultura um órgão público que merece toda a atenção do Governo do Estado e de nós, estudantes, professores e profissionais do ensino. Mando, também, um texto que escrevi em 1994 para ser encenado na escola em que estudei, a E.E.P.S.G Prof. Elias de Mello Ayres, aqui em Piracicaba. a peça não foi encenada, mas o pessoal que leu achou interessante na época.(...) Se o texto não for aprovado, e puder ser devolvido, seria uma boa idéia. Aliás, eu tenho um grande medo de que se apropriem de um texto meu. Certa vez eu descobri que isso aconteceu e passei a esconder os textos que eu escrevia para que ninguém visse. Foi difícil recomeçar, mas criei coragem novamente e aqui estou. Abraços a todos.*

***Luis Roberto Arthur de Faria
Piracicaba - SP***


Resp.: Agradecemos o envio de seu texto, o qual será analisado, e também a carta anterior, com sugestões de textos clássicos estrangeiros e alguns da dramaturgia nacional. Valeu. Continue nos escrevendo.

 *Venho, por meio desta, solicitar os exemplares 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10 da TJ, para que eu e meu grupo "Pastelão" possamos continuar nossos estudos e debates sobre trabalhos publicados nestas revistas. Parabéns.*


***Malbataham Nascimento - Diretor
Grupo Pastelão de Teatro
Jacareí - SP***

 *O Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina oferece diferentes cursos de graduação na área de Artes, entre eles Artes Cênicas. Assim é de nosso interesse manter nosso acervo atualizado com os mais recentes lançamentos nestas áreas. Gostaríamos de solicitar informações sobre a possibilidade de receber a doação das publicações desta editora para nossa Biblioteca. Ressalta-se que, da impossibilidade da remessa das mesmas através de doação, solicitamos informações sobre assinaturas, preços, prazos, licitações, periodicidade e afins.*


***Lúcia Marengo - Biblioteca Setorial do
CEART - Florianópolis - SC***

 *Venho por meio desta solicitar os exemplares da TJ em nome da escola de inglês C.C.A.A. (Centro Cultural Anglo Americano), que servirão como material de apoio para estudos e criação de um grupo teatral formado por quinze pessoas, na faixa etária de 14 a 26 anos de idade.*


***Fabiano Vasconcelos de Moraes -
C.C.A.A. - Martinópolis - SP***

 *Estou trabalhando com adolescentes e desejo receber a TJ para que possa melhorar e dar seqüência no ensaio com adolescentes.*


*Nivaldo dos Santos da Conceição -
Casa de Cultura Raul Seixas
São Paulo - SP*

 *Solicito os números da revista "TJ", pois a mesma facilitará muito meu aprofundamento sobre o teatro. Faço parte de um grupo teatral "Nascente", que existe há 8 anos, e também ajudo um pequeno grupo de adolescentes, com teatro e terapia na minha comunidade.*

*Sidnei de Lara Nóbrega - Comunidade
São João Batista - Grupo Teatral
"Nascente" - Itapecerica da Serra - SP*


 *Somente agora tomei conhecimento da Revista TJ. Gostaria de recebê-la normalmente. Sou professor de Educação Física e várias vezes trabalhei com teatro nesta escola. Pretendemos montar a peça "O palhaço triste e a rosa", publicada na TJ nº. 9, com alunos do 1º grau.*

*Eugênio José de Camargo Barros -
professor E.E.P.S.G "Aldo Angeliru -
Porangaba - SP*


 *Fiquei muito feliz em encontrar uma revista de tão bom nível e especializada numa área onde os recursos são escassos, o teatro. Sou professor de Educação Artística e, apesar da minha habilitação específica ser em música, não consigo mais ver a arte fechada por áreas e sim numa missão integrada, na qual artes*

plásticas, musical e cênica se completam. Gostaria, se possível, receber os números atrasados, pois tenho proposta de teatro no meu programa escolar e também ministro curso livre de teatro na "Escola Tip". Parabéns pelo trabalho! Continuem! Abraço a todos.


*Flávio César Noro - professor
Santo André - SP*

 *Venho através desta solicitar todos os números da publicação TJ, pois para meus estudos e pesquisas será de suma importância. Atualmente faço parte de uma Cia Teatral, com atores de 13 a 50 anos.*


*Israel Monteiro - ator
Cia de Teatral Meceni
São Paulo - SP*

 *Venho, por meio desta, representar o Centro Comunitário São Vicente de Paulo, instituição que trabalha na formação de crianças e adolescentes no bairro de Vila Marlene em Jundiaí. Por se tratar de uma maioria de crianças carentes, procuramos oferecer atividades a fim de um desenvolvimento cultural, e ao ter contato com algumas publicações desta revista, chegamos à conclusão que seria de grande valor trabalhar com peças de teatros. Na medida do possível, pedimos a sua colaboração em nos enviar exemplares dessa publicação.*


*Irmã Maria Celina - Centro
Educativo de Formação e Orientação
Cristã para Crianças e Adolescentes -
Jundiaí - SP*

 *Através desta solicitamos de vossa senhoria os exemplares do número 01 ao atual da TJ e, se possível manter em vosso cadastro nossa empresa para que possamos as futuras revistas. Este material será utilizado na formação de nossos atores em nossa oficina teatral, hoje com um cadastro de 40 alunos na faixa de idade entre 8 a 65 anos.*

*Ailton do Carmo - Diretor - Braxellas -
Agency Model's
Cidade Ocian - Praia Grande - SP*


 *Gostaria de cumprimentar a Secretaria da Cultura pela feliz iniciativa de reedição da TJ. Sou professora há 26 anos e montei com os alunos de minha escola várias peças com textos da antiga publicação da TJ. Participo ativamente dos movimentos ligados ao teatro em minha cidade, já participei de várias oficinas de teatro promovidas pela Secretaria de Estado através das Divisões Regionais de Cultura de Ribeirão Preto e São Carlos. Atualmente ministro Oficinas teatrais na Escola Joanica e gostaria imensamente de receber, se possível, as novas publicações da TJ, pois uma das grandes dificuldades que encontramos aqui no interior é quanto aos textos e também às indicações bibliográficas para estudo e atualização no fazer teatral.*

*Lígia Christina Simão Nicolucci -
Escola Joanica - Matão - SP*


 *Primeiramente, venho parabenizar a Comissão de Teatro e o Secretário de Estado da Cultura, Marcos Mendonça,*

pelo brilhante trabalho realizado em benefício da cultura em um país tragicamente marcado pelo abandono às mais simples manifestações artísticas, principalmente a arte amadora. A publicação da TJ vem preencher uma lacuna de carência de informações e acesso a textos, provocados pelo descaso e abandono ao nosso belo e competente teatro amador. Tenho um grupo de teatro aqui em Presidente Prudente e sou leitor da TJ, porém o acesso a leitura é sempre complicado. Reconheço a utilidade destas publicações e, em nome do "Teatro Essência", gostaria de passar a receber as próximas edições e, se possível, alguns números já publicados. Agradeço a atenção e a valorização de nosso Teatro.

*Carlinhos Vítolo - Ator, Diretor - Teatro
Essência - Presidente Prudente - SP*

 *Solicitamos através desta a possibilidade de nos enviar exemplares da revista de teatro, fornecida por esta Secretaria do Estado da Cultura, para que possamos aprimorar nossos conhecimentos no campo das Artes Cênicas. (...) Sem mais para o momento, aproveitamos a oportunidade para externar nossos protestos de elevada estima e consideração.*

*Anderson Clayton C. Figueiredo -
Secretário da Cultura
Prefeitura do Município de Osasco - SP*

 *Somos uma Cia. de Teatro que está se profissionalizando. Por obséquio, pedimos a colaboração de vocês, enviando-nos a TJ, para que consigamos*

realizar esse objetivo, e levar a cultura a muitos jovens brasileiros.

**Talita Bertri - Cia Abaré de Teatro
Itanhaém - SP**



Em decorrência dos trabalhos do Grupo CAPA, venho por meio desta, solicitar a V.Sa., o recebimento da revista TJ, Ao tomar conhecimento da existência desta revista de teatro fiquei muito feliz em saber que a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo teve está brilhante idéia em ajudar os grupos de teatro do estado. A revista TJ vem preencher um espaço muito importante para o grupo, que é o de informar, orientar e divulgar um pouco mais o nosso teatro. O Grupo CAPA, hoje com 30 pessoas participando diretamente ou indiretamente do estudo teatral, tem como objetivo popularizar o teatro em Mauá, descobrir novos talentos da arte de representar.

**Paulo Jorge Cardoso de Moraes - Grupo
CAPA - Mauá - SP**



Sou formada em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e atualmente estou dirigindo dois grupos de teatro aqui de Mogi Mirim: a Cia Teatro Zelândia e o Grupo Kamaleão. Também sou professora de teatro para crianças em fase escolar (que vai de 1a a 7a série). Ministro também pela Secretaria Estadual de Cultura - regional de Limeira, oficinas e cursos em cidades aqui da região. Como o acesso ás publicações teatrais é raro aqui em nossa cidade, gostaria de solicitar-lhes a

possibilidade de enviar-me a revista "TJ", que com certeza será de grande utilidade nos trabalhos que venho desenvolvendo com os alunos-atores daqui. Se for possível, gostaria de solicitar-lhes também que me enviassem os números atrasados, a fim de que possa organizar uma biblioteca para uso comunitário dos mesmos, que chegam hoje ao total de 112 alunos.

**Cilene Reis Lima - professora de Artes
Cênicas
Mogi Mirim - SP**



Venho solicitar a V.Sa., se possível, a cessão da Coleção TJ (completa) para utilização dos alunos interessados em desenvolver peças teatrais na minha escola. (...)Parabenizo a equipe que elaborou a citada coleção, e aguardo breve resposta.

**Ana Luiza Amorim Rego - E.E.S.G.
Genaro Domarco de Mirassol
Mirassol - SP**



Gostaria de receber às revistas TJ para nossa unidade escolar, que conta com alunos de 1o e 2o grau.

**Aparecida Hirose - Vice Diretora
E.E.P.S.G "Chojiro Segawa" - Delegacia
de Ensino de Suzano - Suzano - SP**



Venho por meio desta solicitar alguns exemplares da revista TJ, para consulta. Sou autora teatral, sendo que as peças "Maria Quitéria", com direção de Fernando Peixoto, no Teatro Itália e "O Princípio do Aveso - Dom casmurro",

no Centro Cultural São Paulo, são de minha autoria, destinadas, sobretudo, ao público de escolas.

**Marici Salomão - autora
São Paulo - SP**



Solicito todos os exemplares da TJ à entidade Cínicos do Cênico, que assiste crianças e adolescentes com o intuito de levar a cultura teatral adiante. Vinhedo é uma cidade do interior na qual o teatro não é muito divulgado. Nosso grupo é o que mais se destaca, sendo que os textos são escritos pelos próprios atores. Como são muitos os integrantes, não temos estrutura para realizar tantas peças. Vi a revista numa biblioteca em São Paulo, na qual tirei uma fotocópia.

**Lúis Gustavo Schiezarro - Diretor
responsável
Entidade Cínicos do Cênico
Vinhedo - SP**



Caros editores da revista TJ, aprecio muito a revista e me é muito útil nas atividades do nosso grupo de teatro. Tenho conseguido exemplares da revista com amigos, por isso não tenho todas e gostaria de receber os números 8, 9 e 10. Uma sugestão: que tal incluir uma sinopse das peças publicadas junto com o roteiro? É interessante para termos, antes de ler, uma idéia geral do enredo.

**Pércio Colletti - Casa do Timóteo -
Grupo Teatral "Sementes do Amanhã"
São Bernardo do Campo - SP**



Trabalhamos com teatro com crianças de pré escola (2 a 6 anos) e de 1a a 8a

série (7 a 14 anos). Ministramos oficinas de teatro e no final do curso encenamos uma peça teatral como fruto do trabalho realizado. Nosso grupo trabalha em creches, asilo de velhos, APAE e crianças carentes. Gostaria de pedir se fosse possível qur vocês mandassem a revista TJ e livros com peças teatrais para enriquecimento do nosso trabalho.

**Rosimary Roque Bonatti - Grupo "Du
vi de o dó"
Mogi Mirim - SP**



*Solicitamos o envio da TJ número 2, 10 e 11. Maria Cecília Soubhia -
Bibliotecaria Chefe*

**Museu Lasar Segall
São Paulo - SP**

**SOLICITAÇÕES PELO PREENCHIMENTO
DA FICHA PUBLICADA NO FINAL DA
REVISTA**

**Wilma Bortolan Gayer - Diretora
E.E.P.G. "Dr. Jorge Tibiriçá"
Bragança Paulista - SP**

**Nelson Raul da Cunha Fonseca
Organização Sorocabana de Ensino
Sorocaba - SP**

**Pedro Sene -
Equipe Teatral "Apostolos"
Itápolis - SP**

**Emílio Fonseca Filho
Grupo de Teatro Porto Feliz
Porto Feliz - SP**

- Marí Elisa Pinto*
Sociedade Recreativa Mairinque
Mairinqui - SP
- Solange Nascimento*
Cia. Teatral "Arqueiros do Brasil"
Santa Fé do Sul - SP
- Vera Maria A. Mendes*
Escola Cooperativa de Piracicaba
Piracicaba - SP
- Reinaldo Spada*
Grupo de Teatro "Na Mão e na Boca"
São João da Boa Vista - SP
- Iara Trevisan Buso*
Ē.M.E.F. "Com. Hermenegildo
Matinelli"
São Paulo - SP
- Sérgio Ricardo Gameroti*
Mamãe Associação de Assistência à
Criança Santamarense
São Paulo - SP
- Mariza Nelli da Silva Santos*
Colégio "Cecília Meireles"
Apiá - SP
- Marcello Marra*
Grupo Teatral Entreatus
Sorocaba - SP
- Elisete Martins - professora*
CEFAM : E.E.S.G. "Dr. João Tortello"
Sorocaba - SP
- Margarete Susan Poli*
Instituição Educacional
Prof. Luiz Rosa
Jundiaí - SP
- Waldires Bruno*
Serviço Social do Comércio - SESI
Santos - SP
- Luíz Antonio Domingues*
Núcleo de Ensinos
Experimentais Casa Nossa
São Paulo - SP
- Mayra Ribeiro Porto Ferreira*
E.E.S.G. "Dr. Álvaro Guião"-
Biblioteca
São Carlos - SP
- Carlos Amato*
Grupo de Teatro Etinerante Amato
Guaratinguetá - SP
- Vânia Gonçalves Noronha*
Centro Cultural Pagu
São João da Boa Vista - SP
- Sonia Valéria Marchezim de Souza*
E.E.P.S.G. "Prof. Francisco de
Oliveira Faraco"
São Manuel - SP
- Maria de Souza Amorim*
E.E.P.G. "Papa João Paulo I"
Santo André - SP
- Elza Pacheco*
Colégio Stocco
Santo André - SP
- Paulo Martins Santiago*
Escola de Teatro "Romilda Varella"
Itapira - SP
- Maristela Dall'oca*
E.E.P.S.G. "Prof. Alberto Salotti"
São Paulo - SP

Aparecida Maria de Castro Duarte
E.E.P.G. "Prof. Francisco Alves Brizola"
Bauru - SP

Flávia A. S. Furlan
EMEI: Prof. "Amélia da S. Passos
Macchetti"
Brodowski - SP

Olga Bastos Traballi Tardeli
CIEP - "Prof. Octávio César Borchi"
Americana - SP

Edna Maria da Costa
Uirapuru
São Paulo - SP

Agnaldo Grênova
Grupo Antakarana de Teatro
Atibaia - SP

Zenaide Aparecida Figueiredo
Escola de Educação I
nfantil Ser Criança
Presidente Prudente - SP

Eduardo Francisco
Centro de Divulgação e
Valorização da Leitura
São Paulo - SP

Denise Miranda
Grêmio Estudantil "Paulo Freire"
São Paulo - SP

Jair Guilherme Filho
Colégio "Mater Amabilis"
Guarulhos - SP

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

Escreva para:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, nº. 2.333, 9º andar
São Paulo - SP
CEP 01301-980; Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

Direção no teatro de grupo	16
Roberto Vignati	

Livros

O jogo dramático infantil	21
Peter Slade	

Textos

Infantil

Mestre Esopo e seus bichos muito loucos	23
Analy A. Pinto e Maria Eugênia Di Domenico	

Adolescente/Adulto

O Testamento do Cangaceiro	43
Chico de Assis	

Eles não usam black-tie	77
Gianfrancesco Guarnieri	

DIREÇÃO NO TEATRO DE GRUPO

O diretor e o grupo devem ter uma filosofia, uma proposta, um objetivo junto à comunidade. Espetáculos que ficaram famosos através dos tempos estão ligados ao envolvimento racional e emocional entre o palco e os anseios dos espectadores.

Roberto Vignati*

Antes de mais nada é preciso deixar claro que em arte não há regras definitivas, e só se atinge um resultado artístico quando temos plena consciência do objetivo do nosso trabalho. E o resultado artístico depende da sensibilidade, formação e vivência de cada um.

O teatro, além dessa subjetividade, traz consigo uma incrível e fascinante característica efêmera. Nada é mais estranho do que a sensação que experimentamos ao entrar no palco após o fim de uma apresentação, e olharmos a platéia vazia, onde minutos antes havia vida, integração emocional e delirantes aplausos. A compreensão clara de que tudo fica na lembrança de quem viu e participou daquele momento mágico, é que nos dá a certeza de que o teatro jamais morrerá, porque está sempre vivo na memória de alguém.

Tudo que nos ensinam, tudo que aprendemos é válido, importante para alguns e, muitas vezes, insignificante

para outros. É sempre oportuno lembrar o que Vitorio Gassman (famoso ator italiano de teatro e cinema) disse em uma entrevista ao jornalista Luciano Lucignani que, se não me falha a memória, se resumia no seguinte: "pode-se e deve-se ironizar sobre os eventuais excessos formais do aprendizado técnico da nossa profissão, mas ignorar esse aprendizado é muito pior. É burrice".

Nos meus 38 anos de carreira, com mais de 50 direções só no palco, três realizações foram marcantes no cenário nacional e estão ligadas a jovens grupos de teatro. A primeira, "Tempo dos Inocentes e Tempos dos Culpados" (1972), com o Grupo Doces & Salgados, causou grande impacto e apreensão na época da ditadura militar. Desse trabalho saíram: Luís Alberto de Abreu (hoje um autor consagrado), Ednaldo Freire (ator e diretor que se impõe a cada novo trabalho), Jussara Freire (na época minha assistente e hoje uma atriz de sucesso), Mário César Camargo (vários

prêmios de melhor ator). A segunda, a "Bella Ciao" (1982), com o Artevida, foi o único espetáculo da história da premiação da Associação Paulista de Críticos de Arte, e talvez da história do teatro brasileiro, a premiar como melhor ator todo o elenco. A terceira, "Macambira", com vinte e cinco atores e músicas especialmente compostas, e que fez temporada de sucesso.

Nestes três trabalhos, apliquei os mesmos objetivos, idéias e ideais que procuro passar agora aos diretores que tenham grupos e queiram obter resultados surpreendentes com seus trabalhos.

Para valorização do seu trabalho, o diretor e o grupo devem ter uma filosofia, uma proposta, um objetivo junto à comunidade.

Escolha do texto

O texto a ser encenado deve passar por uma rigorosa seleção e corresponder plenamente aos anseios e problemas da população. A integração entre o que acontece no palco e a realidade que a cidade está vivendo, jamais poderá ser esquecida, se o grupo quiser realmente ocupar um espaço no cenário cultural de sua comunidade.

Essa integração, amplamente discutida, é que fará da arte individual

e do grupo uma arte maior, e levará o teatro desse grupo a se sobrepor, transformado em mais forte e mais exigente em qualidade, tanto da parte do grupo, quanto da comunidade. Essa discussão deve ser exposta em todos os meios de comunicação locais, não só como notícias e em colunas sobre arte. Se

necessário, deve chegar até a brincar com os brios da população no sentido de incentivá-la a participar de uma conquista vital para o seu município, a revitalização de sua história e

"O teatro é a arte da paciência, da disciplina, do armazenamento de conhecimentos, da espera do momento certo para expressar tudo o que se apreendeu."

momento cultural. Que tudo seja abordado e tratado como forma de orientar e canalizar a juventude para participar das discussões dos problemas de seu tempo.

A escolha do texto é essencial mas, se o grupo não encontrar o texto certo, que proponha suas idéias aos autores locais, incentivando assim o aparecimento de novos autores teatrais.

Desenvolvimento do trabalho

Se o grupo tiver dez atores e apenas cinco estão realmente preparados, que se faça um espetáculo com os cinco apenas, distribuindo tarefas que levem os outros cinco integrantes ao aprimoramento para trabalhos futuros. Isto vai facilitar o entendimento de uma disciplina imprescindível para o

ator e também o bloqueio de características egocêntricas de muitos diretores carreiristas que não medem deformações para atingir o sucesso rápido.

É necessário que o diretor leve o ator a descobrir a necessidade de uma formação aprimorada, de um trabalho de pesquisa, para que ele faça de seu corpo e mente instrumentos de trabalho mais completos, acabando com o improvisado no mal sentido - idéia que a televisão vem impondo como uma grande qualidade

artística brasileira. É preciso que o diretor deixe claro aos seus atores as diferenças entre o teatro e a televisão.

A televisão é arte imediatista, puramente de consumo, e, portanto, a maioria de suas produções resulta superficial e descartável. O teatro é a arte da paciência, da disciplina, do armazenamento de conhecimentos, da espera do momento certo para expressar tudo o que se apreendeu. O ator de formação teatral nunca é pego de calça curta quando chega ao sucesso. O ator de televisão vive caindo do cavalo quando tem nas mãos uma boa personagem.

É dever do diretor despertar o entusiasmo de sua equipe pela pesquisa, levando todos a ler a obra inteira de cada autor escolhido, organizando discussões sobre o texto e suas ligações com o momento social que todos estão vivendo, transformando o espetáculo numa

obra orgânica, viva. Deve exigir de cada ator autenticidade, verdade dos sentimentos da personagem que está interpretando. Deve levar os atores a transportar para o palco o equivalente de seres humanos que encontramos no cotidiano da vida. Mesmo quando o objetivo é fazer rir, o ator deve primeiro trabalhar o sério da

personagem, para depois partir para a crítica ou o deboche, que resultam na comédia ou na farsa proposta pelo texto. A comédia fica muito mais prazerosa quando resulta de uma situação

“O trabalho fica muito mais rico e dourado quando tratado com seriedade e sem apelações.”

vivenciada pelas personagens. O trabalho fica muito mais rico e dourado quando tratado com seriedade e sem apelações. Atingirá muito o espectador no jogo catártico que se estabelece entre o palco e a platéia. O sucesso de interpretações e espetáculos que ficaram famosos através dos tempos, estão diretamente ligados ao enorme poder de catarse, de envolvimento racional e emocional entre o que acontece no palco e os anseios dos espectadores na platéia.

Cabe ao diretor, durante o processo de ensaios e toda a temporada - com tato e determinação -, deixar claro que problemas individuais e carências de cada um nada têm a ver com a proposta real do trabalho, e que sempre acabam desvirtuando o objetivo central da realização e da arte.

Quanto à interpretação, o diretor deve procurar trabalhar cada ator e sua

personagem, esmiuçando o caráter, personalidade da intérprete, para que ele não repita interpretações e procure explorar toda sua potencialidade.

Hoje, no Brasil, temos diretores que sabem armar esteticamente espetáculos (em nome dessa estética muitas vezes sacrificam o conteúdo da obra), mas não dirigem os atores que

geralmente ficam perdidos no palco, em busca de personagens que não encontram nunca. É comum os diretores adjetivarem sobre as personagens para os atores - "ela é mais vibrante", "a angústia dele é muito maior!" -, mas não dão elementos para os atores chegarem a realizar a química

emocional que desejam; não abrem as comportas emocionais de seus atores para que eles compreendam e expressem as emoções de suas personagens.

É evidente que todo esse conhecimento técnico do ofício teatro, tanto o quanto o ator, adquirem estudando, lendo, pesquisando, não se contentando com os primeiros resultados. A improvisação é importante, mas não basta. O músico precisa conhecer a partitura, as notas musicais; o bailarino deve aprender os passos para executar uma boa coreografia; por que só o ator acha

que apenas através do improviso pode interpretar bem uma personagem? Sem o conhecimento técnico, um dia "baixa" o santo e a personagem aparece. No dia em que o santo não "baixar", o resultado é geralmente patético.

Vejo o teatro como uma arte de

integração comunitária, um ato lúdico, de divertimento sim, mas principalmente uma arte de resoluções sociais, de abertura de caminhos, de uma constante busca de linguagens.

E nessa busca de integração comunitária, o diretor é o grande catalizador das

energias do grupo ou o criador dessa energia, fazendo do seu trabalho não só uma escolha artística, mas uma opção em que o homem e sua cultura estejam acima de tudo através da arte. Entre os livros que foram de grande significado no início da minha formação, gostaria de citar: "Como Fazer Teatro", de Henning Nelms, da Editora Letras e Artes do Rio de Janeiro; "Teatro Vivo", de Elmer Rice, da Editora Fundo Cultural. "A linguagem da encenação teatral", de Jean-Jacques Roubine, da Zahar Editores, também foi muito enriquecedor, assim como toda a obra de Stanislaski e os livros do grande

"A improvisação é importante, mas não basta. O músico precisa conhecer a partitura, as notas musicais; o bailarino deve aprender os passos para executar uma boa coreografia; por que só o ator acha que apenas através do improviso, pode interpretar bem uma personagem?"

professor-ator Eugênio Kusnet:
"Iniciação à arte dramática", "O ator
e o método" e "Introdução ao Método
da Ação Inconsciente".

* **Roberto Vignati** é um dos mais conceituados
diretores brasileiros. Entre seus inúmeros
trabalhos, dirigiu sucessos como: "Bent", "Bella
Ciao", "Brincando em cima daquilo", "Uma
Rosa para Hitler", a novela "Pai Herói!", os
programas "Sítio do Pica-pau Amarelo" e
"Mundo da Lua".

O JOGO DRAMÁTICO INFANTIL

O Jogo Dramático Infantil, de Peter Slade, tradução de Tatiana Belinky, da Summus Editorial, 102 págs. Dirigido a educadores e pais, considerando o crescente interesse sobre o assunto. O livro é uma versão abreviada do "Child Drama", do mesmo autor inglês, e na edição brasileira as fotos foram substituídas por fotos atuais em situações voltadas à nossa realidade. Mais do que ensinar o fazer teatral, o autor se propõe a desenvolver o jogo dramático espontâneo, criado pela própria criança, que, quando orientado para canais construtivos por um adulto interessado, interfere diretamente

na arte infantil, seja ela referente às artes plásticas, dança ou artes cênicas.

Segundo o autor, o Jogo Dramático, "é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade *inventada* por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos. (...) A raiz do jogo dramático é a brincadeira

de representar o *jogo*.

Tendo realizado seu trabalho em escolas pré-primárias, primárias e secundárias, o professor Slade, desenvolveu seu trabalho com mais de 30 mil crianças menores de quatorze anos, além de ter criado drama imaginativo espontâneo com pessoas de diferentes faixas etárias e diversos tipos. Entre estes, professores, atores profissionais, militares, arquitetos, operários, executivos, terceira



idade, estudantes, delinqüentes, crianças
sadias e retardadas etc.
Nessas suas experiências Slade comprovou que o Jogo Dramático Infantil "ajuda os indivíduos jovens a descobrirem a paz e a confiança em si mesmos e a reparti-los com os outros, a se tornarem abertos e leais e a fazerem bem o seu trabalho. Os adultos também encontram paz e descobrem novas áreas de expressão".
O livro propõe aos educadores o sistema que deve ser utilizado, enfatizando que sua função é a de encorajar sem interferir; mostra a diferença entre "Jogo projetado", no qual usa-se mais a mente e o "Jogo Pessoal", que envolve a pessoa inteira - mente e corpo.
Dividido em seis capítulos, explica os princípios gerais do Jogo Dramático Infantil e sua importância no desenvolvimento da crianças; demonstra como os pais devem interagir com elas e indica suas necessidades, desde as menores (de 1 a 5 anos) até as da fase pré-adolescente.
O livro apresenta ainda sugestões de atividades, exercícios e diálogos que estimulam a criatividade da criança, além de noções temáticas e de soluções espaciais, com desenhos ilustrativos para a formação do grupo. O último capítulo oferece uma série de 36 perguntas e respostas muito útil que elucida as questões sobre o assunto.

Trechos do livro

"Quando não tolhidas pelos adultos, as crianças podem encontrar auto-expressão e assim procurar atingir o pleno desenvolvimento de sua personalidade."

"A partir do jogo projetado, podemos esperar desenvolver mais tarde: artes plásticas, o tocar instrumentos musicais, amor pela pesca, jogos e esportes não violentos, o ler e o escrever, produção de peças teatrais."

"Em todos os nossos relacionamentos com crianças, devemos continuamente dizer a nós mesmos: 'Se eu fosse realmente esta pessoazinha, nesta situação, o que eu faria, o que pensaria, o que diria?' Quanto maior a sua capacidade de percepção nessa linha de pensamento, mais desinteressado será o seu amor, e mais compreensivo você se tornará."

Opinião de um dos diretores de escola: "No começo eu pensei que era só conversa. Eu jamais poderia acreditar que o Jogo Dramático Infantil faria tamanha diferença para as crianças e para o clima da minha escola. Isto, finalmente, é liberdade sem licenciosidade".

Infantil

**Mestre Esopo e seus bichos muito
loucos**

Analy A. Pinto e Maria Eugênia Di
Domenico

MESTRE ESOPPO E SEUS BICHOS MUITO LOUCOS

Analy A. Pinto e Maria Eugênia Di Domenico

PERSONAGENS

Vendedor de doces e Macaco
Vendedor de cata-ventos e Sapo
Vendedora de bonecos e Raposa
Malabarista e Cegonha
Flautista e Galo
Comedor de fogo e Lebre
Comprador e Ratinho
Compradora e Tartaruga
Esopo, Zeus e Boi

CENÁRIO

Cena 1 – Uma praça, na Grécia antiga.

Cena 2 – O Olimpo.

Cena 3 – A Floresta.

Duas colunas gregas ao fundo, no centro, ambientam bem as duas primeiras cenas e elas podem se transformar em árvores para a terceira cena. O mais é imaginação do cenógrafo.

CENA 1

(Os atores entram de todos os lados formando uma alegre e movimentada feira da Grécia antiga. Além dos vendedores e compradores, existiam nessas feiras artistas os mais variados. Um malabarista é imprescindível. O flautista e o comedor de fogo podem ser substituídos por artistas afins. Quanto mais gente, cores, movimento, mais bonita a cena. Todos falam, pechinçam e fazem seus pregões.)

VEND. DE DOCES *(cantando seu pregão):* Olha os doces!!! Que doces tão doces tão doces!!! Os doces mais doces!!!

VEND. DE CATA-VENTOS *(outro pregão):* Cata-ventos, cata-ventos! Olha o vento, olha o vento! Ca - ta - ven - toooossss!

VEND. DE BONECOS *(outro pregão):* Bonecos, bonecos! Os mais lindos da cidade! De lã, de pano ou de pau. Até parecem de verdade!

VEND. DE DOCES: Olha os doces!!! Os

mais doces!!!

COMPRADOR (*muito apressado*): Onde fica o vendedor de queijos? Onde fica? Onde fica?

VEND. DE CATA-VENTOS: Ca - ta - ven - toooossl! Cata, cata vento, vento. Olha o vento!

COMPRADOR: Pode me dizer onde fica o vendedor de queijos?

VEND. DE BONECOS: Bonecos, bonecos! Até parecem de verdade!

VEND. DE DOCES: Balas de meeelll! Ambrossiaaaaasss!

COMPRADORA (*anda muito devagar e carrega um enorme cesto*): Ai, que preguiça! Odeio sair. Se já tivessem inventado o telefone na Grécia antiga eu podia fazer compras sem sair de casa.

COMPRADOR (*rápido. Pra cá e pra lá*): Onde está a banca dos queijos? Onde está? Onde está?

ESOPO (*entrando com um cesto pequeno*): Eu procuro uma coisa pra encantar as crianças.

VEND. DE CATA-VENTOS: Aqui. Cata-ventos. Os melhores da Grécia!

ESOPO: Cata-ventos? Pra quê?

VEND. DE CATA-VENTOS: Pra conhecer a direção dos ventos.

ESOPO: A mim que vivo em terra, não me interessa a direção dos ventos. Eu busco algo que oriente o meu pensamento.

(*Vai pra outro vendedor.*)

COMPRADORA: Ai, que cesta pesada! (*Caminha muito lentamente.*)

ESOPO: Eu procuro algo que encante as crianças.

VEND. DE BONECOS: Bonecos! Não há criança que não goste de bonecos.

(*Movimenta os bonecos com graça.*)

ESOPO: São lindos! Mas duram pouco.

O pano se rasga, a cabeça se desfaz. Eu procuro algo que seja eterno.

(*Vai pra outro vendedor.*)

VEND. DE DOCES: Eu tenho aqui, senhor, doces. De tâmaras, damascos ou ambrosias! Balas de mel! As crianças devoram com rapidez, mas o gosto que lhes fica na boca, é eterno!

ESOPO: Eu não procuro alimento para o corpo, mas sim para o espírito.

VEND. DE CATA-VENTOS: O que ele procura não existe!!! Quem é esse louco?

VEND. DE BONECOS: É o escravo de Xanto. O tal Esopo.

VEND. DE CATA-VENTOS: O corcunda?
ESOPO (*fazendo-se corcunda*): Como queira meu senhor.

COMPRADORA: Não é o Esopo. Esopo é gago.

ESOPO (*gaguejando*): Isso é lenda.

VEND. DE DOCES: Sai pra lá, seu escravo horroroso. Além de feio tem idéias que lhe deformaram a cabeça.

ESOPO: Idéias nunca deformaram nada. A falta de idéias é que deixa as cabeças ocas!

VEND. DE DOCES: Pra mim o que importa é uma boa aparência. A beleza enche os olhos!

ESOPO (*irônico*): Você de fato é um belo pavão. Mas não há dúvida que é melhor voar bem acima das nuvens, com asas fortes, do que pavonear-se aqui no chão. Belas plumas não fazem belas aves.

VEND. DE DOCES (*sem graça*): Histórias... Histórias...

VEND. DE BONECOS: Mas ele é Esopo. Eu não disse? A única coisa que

esse sujeito sabe fazer é inventar histórias.

ESOPO: Eu não invento histórias. Eu observo histórias. Minhas fábulas são vocês.

COMPRADORA: Essa conversa vai longe. Vou sentar e esperar terminar a discussão.

(Entra no cesto, ficando só com a cabecinha de fora.)

VEND. DE CATA-VENTOS *(pro comprador):* Ele é mais maluco do que eu pensava. Só conta histórias e vem dizer que as fábulas somos nós?

COMPRADOR *(apressado):* Isso não interessa. Não interessa. Onde estão as verduras?

ESOPO *(irônico):* Quanto mais observo os bichos, mais eu entendo os homens.

COMPRADORA: Ei Esopo! O que é que eu sou nas tuas fábulas? A Cegonha, a Raposa ou o Macaco?

ESOPO *(olhando-a bem):* A Tartaruga.

COMPRADORA: Ah! Ah! Ah! O que eu tenho a ver com a Tartaruga. Por que eu sou parecida com ela? Zeus me livre!

ESOPO: Por quê que você pensa que é diferente? *(Todos param curiosos e se aproximam, ficando ao redor dele.)* Porque você pode contar uma história de tartaruga e ela não pode contar uma história de gente.

VEND. DE BONECOS: Ora, que bobagem.

VEND. DE DOCES: E daí?

ESOPO: E daí que o homem é o único animal que tem imaginação, fantasia. Era uma vez.....

(A feira vai se desfazendo, os feirantes

e compradores vão se transformando em bichos, que são os convidados de Zeus. Esopo tira da sua cestinha barbas e cabeleira brancas, o manto etc e, aos olhos do público, vai se tornando Zeus. Tudo isso enquanto cantam e dançam.)

(MÚSICA):

Era uma vez... Era uma vez...

Imagine, imagine

Um gato xadres???

Não!!!

Um português???

Imagine! *(Com ironia.)*

Era uma vez... Era uma vez...

O quê?

Um criador chinês!

Não!!!

Imagine! *(Com ironia.)*

O quê?

Um criador chinês!

Não!!!

Imagine! *(Com ironia.)*

O quê?

Imagine...

Onde?

Na Grécia antiga

Era uma vez... Era uma vez...

O que? Uma formiga?

Onde?

No Olimpo, céu dos deuses

Mitologia

Imagine *(Duvidando.)*

Fantasia

Imagine, imagine,

Neste momento

Uma festa de casamento

Que alegria!!!

CENA 2

(O cenário agora representa o Olimpo. Nuvens devem pender do urdimento etc. Idéia de céu.)

GALO (*tocando corneta*): Casa-se hoje o grande Zeus. Ele convida todas as criaturas da Terra para a grande festa que fará realizar em sua casa, no Olimpo.

(*Correria, alvoroço entre os bichos.*)

RAPOSA: Que bom, festa no Olimpo.

LEBRE: Quero chegar bem cedo!

RATINHO: Tomara que seja festa de queijo e vinho!

(*Corre-corre já os coloca na marcação da festa.*)

SAPO (*dando três pancadinhas com um imenso bastão*): Lady Cegonha Pernalta, a boa de bico.

CEGONHA (*entrando*): Muito gentil de sua parte.

(*Vai saudar Zeus.*)

SAPO: Sua Majestade, a Rainha da Esperteza: A Raposa.

RAPOSA (*entra de lornhão, observando tudo e todos. Finória*): Muito bom, muito bom.

(*Também vai saudar Zeus.*)

ZEUS (*avança cantando com voz de barítono*): Hoje estou me casando Com Hera, a de olhos bovinos. Quero todos se banquetecendo. Comendo, bebendo, ao som dos sinos.

SAPO (*baixo profundo*): Ao som dos sinos.

TODOS: Ao som dos sinos.

ZEUS: Já bebeu tanto o seu Peru. Que mal consegue ficar de pé. Não é que agora só diz glu-glu. E se põe a andar de marcha a ré.

SAPO: É do peru!

TODOS: É do peru!

RAPOSA: Muito linda a sua festa. Mas já vou me retirando. Comi e bebi tanto néctar Que vou embora cambaleando.

ZEUS: E as ambrosias vai levando.

TODOS: E as ambrosias vai levando. (*A raposa, sem jeito, disfarça e continua na festa.*)

ZEUS: Quero agradecer a presença de todos os amigos e convidá-los para a última dança, mas não esqueçam que depois vem a grande corrida anual.

TODOS: A Maratona!!!

ZEUS: Isso. A Maratona.

(*Todos formam um círculo ao redor de Zeus e se dão as mãos. Ele estala os dedos e comanda uma dança folclórica tipo Zorba, enquanto cantam.*)

MACACO: Nós é que temos que agradecer. O convite pro festim.

GALO: São horas. É tempo de amanhecer. Pena que esteja chegando ao fim.

TODOS: Tudo que tem começo, tem que ter fim. Tudo que tem começo, tem que ter fim

RAPOSA: Agora vamos todos pra maratona. Pra ver quem vai ganhar.

LEBRE: Ora, ora dona espertalhona. Quem comigo quer apostar?

TODOS: Com a Lebre não vou apostar. Com a Lebre não.....

(*Param estupefactos ao ver que a Tartaruga vem entrando calmamente.*)

ZEUS (*furioso*): Por que se atrasou tanto?

TARTARUGA: Eu não estava com vontade de sair de casa. Tenho uma preguiça!

(*Espanto de todos. Reação indignada de alguns.*)

ZEUS (*mais furioso ainda*): O quê? Sua insolente! Trocar o meu esplêndido palácio por uma vala?

TARTARUGA (*muito calma*): Sentia-me bem satisfeita e teria ficado feliz em continuar lá. Tenho uma preguiça...

(Senta no cesto exatamente como a compradora da cena 1.)

ZEUS (*indo pro trono*): Ah é!!! Pois muito bem. Se gosta tanto assim de sua preciosa casa, daqui em diante há de carregá-la sempre às costas, e assim carregada cump[~] o trajeto da Maratona.

(Durante ^{essa} fala, a Tartaruga vai se pondo de quatro e ficando com o cesto grudado às costas. Reação espantada de todos. Música solene. Zeus começa a ser içado do trono, subindo para o urdimento. Ruído de trovões, raios, muita fumaça. As nuvens sobem também.)

ZEUS (*voz tonitroante*): "A Preguiça encontra o seu próprio castigo."

CENA 3

(Todos olham para cima assustados com o poder divino. Congelam na posição. Mudança de luz. O Galo dá o primeiro apito como juiz da corrida. Os bichos preparam-se para correr. Perfilam-se. Segundo apito – ficam em posição de largada. Terceiro apito – começa a Maratona. A corrida serve para que os atores preparem a Cena 3 – a Floresta. Enquanto tudo acontece, a Tartaruga, em 1º plano, tenta se locomover com dificuldade. A Lebre, sempre correndo, se aproxima da Tartaruga.)

LEBRE (*rindo e fazendo troça*): Você é lenta hein! (*Corre pelo palco e volta.*) Desengonçada!!!

TARTARUGA: Sou lenta e desengonçada, mas sou feliz,

mais desengonçada é quem me diz.

LEBRE: Também, carrega a casa nas costas, né. Não vai chegar nunca a lugar nenhum.

TARTARUGA (*segura de si*): Quer apostar?

(*Continua na dela com movimentos muito lentos.*)

LEBRE: O quê? Quer apostar comigo? Eu sou a Lebre, lépida e veloz! Mais rápida que o vento!

(*Ri.*)

TARTARUGA: Na hora que você quiser. Aposto uma medalha de ouro, como ganho de você.

LEBRE (*dando pulos de satisfação*): O quê! Uma medalha de ouro? (*Olhando o próprio peito.*) Este peito foi feito para medalhas. (*Ela já deve ter umas duas a três medalhas no peito.*) Sou colecionadora. Como o Leônidas! (*À parte.*) Será que algum dia também chego a Ministra?!

TARTARUGA (*continuando seu caminho*): Veremos, veremos.

LEBRE: O Galo será nosso juiz. Hei, senhor Galo, senhor Galo, por favor.

GALO (*solene, respeitoso, deve estar vestido como juiz de futebol*): Pois não, dona Lebre. Como está dona Tartaruga?

LEBRE: Queremos que apite uma corrida para nós.

GALO (*espantado*): Uma corrida entre a Lebre e a Tartaruga? (*Ri cocoricando.*) Mas dona Lebre, a senhora é uma profissional! É tetra campeã! Disputar com a dona Tartaruga não tem a menor graça.

(*Ri cocoricando.*)

TARTARUGA *(na dela)*: Vamos parar de cocoricar senhor Galo, e vamos começar logo. Tenho mais o que fazer.

GALO: Dona Tartaruga, a senhora Já tem mais de 100 anos!! Acho que está começando a ficar esclerosada. Está lelé da cuca. Onde se viu competir com dona Lebre?

TARTARUGA: Não pedi sua opinião. Só quero o senhor como juiz.

GALO *(meio sem graça, cocorica)*: Bom... Então... Isto é... Quer dizer... Temos que estabelecer as regras do concurso.

TARTARUGA *(com humildade)*: Uns 10 km pra mim está bom demais.

GALO: A senhora concorda dona Lebre?

LEBRE: Quero começar, quero começar. Concordo. Concordo com tudo. Tá tudo bom. Já fiz meu esquentamento. Por onde começo? Rápido, rápido.

GALO: A corrida será sem obstáculos e o percurso pode ser... Hum... Vejamos... Como o da São Silvestre. Meu bandeirinha por favor.

(Entra o sapo com um saco de golfe contendo bandeirinhas de papel de duas cores diferentes - vermelho e azul. No saco estão também cinco postes pequenos que serão colocados na platéia e onde serão fincadas essas bandeirinhas durante a corrida.)

SAPO *(coaxando, cansado, ele transpira muito e deve ter um lenço com o qual se enxuga o tempo todo - fala com voz de baixo profundo)*: Pronto senhor juiz. Aqui estou.

GALO: Bom, bom... Vejamos: Saída da av. Paulista.

(Tira do saco do Sapo o poste onde está escrito: Partida e Chegada e o coloca numa extremidade do palco. Começam a entrar os bichos que vão assistir a corrida: Cegonha, Raposa, Boi, Ratinho e Macaco. Vêm animados, cumprimentam as corredoras etc.)

GALO *(descendo para a platéia, sempre seguido do Sapo)*: Passando aqui pela av. Brig. Luiz Antônio *(O Sapo finca um poste.)*, indo pela São João *(Outro poste.)*, Ipiranga *(Outro poste.)*, Consolação *(Este, no palco, oposto ao primeiro.)*, terminando aqui, na av. Paulista

(Aponta o poste já colocado no palco.)

SAPO *(vindo atrás do Galo, cansado, transpirando e se enxugando muito)*: Percurso longo hein senhor juiz! Sem fiscal não vai dar. Sem fiscal não vai dar. Vai dar bode.

GALO: Bode? Bode não! Já sinto o mau cheiro. *(Para as crianças.)* Quem quer ser fiscal do Galo? Quem quer?? *(Escolhe duas ou três crianças.)* Bandeirinha, coloque crachás naquele, naquele e naquele.

SAPO *(tira os crachás que devem estar pendurados do lado de fora do saco, e pendura nas crianças como um colar; devem ser crachás bem grandes.)*: É isso aí. Faz o serviço direito hein!

(O Sapo vai pegando as bandeirinhas do saco e distribuindo para as crianças enquanto o Galo explica.)

GALO: As bandeiras vermelhas são da Lebre e as azuis são da Tartaruga. Quando cada um passar por aqui, vocês fincam suas bandeiras. Qual a cor da Lebre?

(Crianças respondem: vermelha!)
Isso. Então quando ela passar
vocês põem a bandeira
vermelha. E qual a cor da
Tartaruga? *(Crianças respondem:
azul!)* Muito bem, então quando
ela passar vocês põem a
bandeira azul. E quem vai ganhar a
corrida?

(Improvisa com as crianças.)

SAPO: Oh, senhor Juiz, o importante é
competir. Vencer é um detalhe.
*(Tira do saco uma cordinha com
estacas e coloca na frente dos
bichos feito cordão de
isolamento.)* Com licença, com
licença.

(Vai pra junto do Galo.)

RAPOSA *(com uma cestinha de
piquenique, lencinho na cabeça
e óculos escuros classe média
americana):* Adoro corridas. Não
perco uma! *(Canta.)*

Nasci para torcer
Para que negar
Quando vejo uma corrida
Não quero largar

TODOS: Não importa o vencedor
O bom mesmo é o torcedor – Refrão

RATINHO: Aqui está o “bookmaker.”

Pronto pra investir

Façam logo suas apostas

Não vão desistir

TODOS: Não importa o vencedor
O bom mesmo é o apostador – Refrão

RATINHO: Façam suas apostas, façam
suas apostas.

BOI *(refletindo):* Essa noite sonhei com
uma plantação de cenouras.
(Pausa.) Vai dar Lebre na
cabeça. Seu Ratinho, vem cá.

MACACO: Eta bicho burro. Isso aqui é
maratona, não é jogo do bicho

não. A Lebre vai ganhar porque é
a mais veloz. Eu também aposto
nela.

*(Os dois fazem suas apostas com o
ratinho.)*

RAPOSA: Torça comigo dona
Cegonha, relaxe.

*(Tira da cestinha dois pompons de
torcedora e dá um para a Cegonha.)*

CEGONHA *(assustada):* E agora, o que
que eu faço com isso?

RATINHO *(fazendo as contas):* Uhhh!
Todo mundo apostou na Lebre!
(Tentando ser otimista.) Mas vai
dar zebra, quer dizer, tartaruga!

GALO: Vai ser dada a largada.
Atenção...

*(Ele tira um revólver e dá um tiro pra
cima. As corredoras saem. A Lebre
dispara na frente. Chega ao 2º poste
onde tá escrito av. Brig. Luiz Antônio, e
improvisa com as crianças.)*

LEBRE *(improvisa):* Quem vai fincar
minha bandeirinha aqui no
poste? Você? Você não, a sua é
da Tartaruga. Põe a vermelha
aqui, vamos, rápido. Etc e tal.

*(Sai para o 3º poste. A Tartaruga inicia
sua caminhada lentamente.)*

GALO: Senhor Sapo, agora tenho que
ir. Vou pôr ordem no galinheiro. O
senhor e meus fiscais tomem
conta da corrida.

SAPO: Fique sossegado. Tá comigo tá
com Deus. *(Pras crianças.)* Quem
é o fiscal do Galo? Quem vai me
ajudar a fiscalizar a corrida?

BOI: A Lebre tá chegando no 3º poste,
lá na av. São João. A Tartaruga
nem chegou na Brigadeiro ainda.
O meu sonho valeu.

*(A Lebre chega ao 3º poste e improvisa
outra vez com as crianças sobre as
bandeirinhas. Dá um tempo, talvez saindo*

para o saquão ou algo semelhante. O Macaco começa a batucar na caixa de fósforo. Cegonha e Raposa agitam seus pompons de ráfia.)

RAPOSA: Corre dona Tartaruga, corre dona Tartaruga. Coitadinha, ela precisa de uma força!

CEGONHA (*agitando seu pompom sem nenhuma convicção*): Ai dona Raposa, não sei que graça a senhora vê nisso. Acho tão “brega”! Isso só serve pra abrir o apetite. Estou com uma fome!

RAPOSA: Se a senhora não achar “brega”, nós podemos fazer um piquenique. Eu a convido pra almoçar.

(Mostra a cestinha de piquenique.)

CEGONHA: Imagine! Adoro um convescote! Quer dizer, piquenique. Vamos, vamos já. *(Vai pegando a cestinha da mão da Raposa.)* Onde vamos estender a toalha?

RAPOSA (*tornando a pegar a cesta*): Espera aí. Olha a tartaruga! Chegou no 2º poste *(Pras crianças.)* Quem é o fiscal do Galo aí? Vai! Põe a bandeirinha da Tartaruga!

RATINHO: Ainda no 2º poste? Assim não há “bookmaker” que resista! Ela vai quebrar minha banca.

CEGONHA: Vamos dona Raposa. Estou morrendo de fome.

(Pegando a toalha da cesta e estendendo no chão.)

RAPOSA (*tira dois pratos rasos da cesta e um potinho de papas e coloca um pouco em cada prato*): Espero que a senhora goste desta papa de milho. Eu mesma fiz!

CEGONHA: O cheiro é ótimo! Deve estar uma delícia! HUUHHH!

(A Raposa lambe rapidamente o seu prato enquanto a Cegonha não consegue comer o seu.)

RAPOSA: Ah! como estava boa esta papa! *(Fingindo não perceber o problema da Cegonha.)* Ué, a senhora não comeu nada? Não está gostando? Será que a minha comida é muito “brega” para o seu requintado paladar?

CEGONHA (*sem graça*): Não, dona Raposa, absolutamente. Não se ofenda, mas é que... Prato raso... Bem... Com o meu bico... Não consigo...

RAPOSA: Ora, é muito simples. Veja. *(Come tudo do prato da cegonha.)*

CEGONHA (*tonta de fome e vendo que foi tapeada*): Bem, acho melhor ir para casa. Está ficando tarde!

RAPOSA: Não senhora. Agora que já almoçamos vamos ver a corrida até o fim.

CEGONHA (*pensa um pouco*): Só se a senhora vier tomar chá comigo após a corrida.

RAPOSA: Com o maior prazer. Combinado. *(Guardam as coisas e voltam pra corrida.)* Olhe, olhe, a Tartaruga chegou ao 3º poste!

MACACO: Mas a Lebre já está no 4º poste, na av. Ipiranga, olhe só. *(Enquanto Lebre e Tartaruga colocam suas bandeirolas e improvisam com as crianças, o Macaco começa a dançar. Samba pra valer batucando numa caixinha de fósforo ou num pandeiro.)*

MACACO (*cantando*):
Vai dar Lebre na cabeça
E eu vou enriquecer
Com o dinheiro da aposta
Como um rei eu vou viver!

TODOS (*cantando*):

O Macaco quer ser rei
Só se for rei da avenida
Porque nasceu pra sambar
Não é mais nada na vida!

(O Boi é o único que não participa da brincadeira porque está morto de inveja. Furioso.)

RATINHO: O Macaco o que é?

RAPOSA E CEGONHA: É o rei do samba!!!

RATINHO: O macaco o que é?

MACACO (*fazendo galanteios pra Cegonha*): Sou ladrão de muié.

CEGONHA: Ai que espirituoso! É um rei mesmo!

SAPO (*tirando do seu saco de golfe uma coroa e uma capa de arminho e colocando no Macaco*): Neste momento eu te proclamo o "rei da folia".

RAPOSA: Claro, claro, o Rei Mono.
(Morre de rir.)

BOI: Nada disso. O Rei Mono sou eu, fui eleito no ano passado, porque sou o mais gordo.

SAPO: Aqui só é rei quem sabe sambar!

MACACO: E sambar é comigo mesmo.
(Continua dando show, como assista de escola de samba.)

BOI: E comigo também.

(Dança desajeitadamente. Pinoteia e empina sem elegância. Vaias gerais.)

RAPOSA: Cai fora. O macaco é que é o rei! Rei Mono! Viva o Rei Mono!

TODOS: Viva!

CEGONHA: Dona Raposa, desculpe corrigi-la, mas o rei do carnaval é Rei Momo e não Rei Mono.

RAPOSA (*no mesmo tom*): Dona Cegonha, desculpe corrigi-la, mas Mono quer dizer macaco, e é a este rei que me refiro.

RATINHO: Não ouviu não, desengonçado? Vamos, desocupa espaço. Cai fora.

SAPO: Aqui só é rei quem sabe sambar! Sai daí!

CEGONHA: Seu Boi, o senhor está fazendo um papel ridículo. " Não vá além daquilo que é capaz".

(O Boi constrangido sai da pista e se retira trombando com a Lebre que está chegando no 5º poste. Este deve ser rua da Consolação.)

LEBRE: Eh! Seu Boi, calma. Quem tá na maratona sou eu! Aliás, acho que estou tão adiantada! Empresta o binóculo. *(Pega o binóculo do pescoço dele e, sem tirá-lo, espia pra ver se a Tartaruga vem vindo. Ele é obrigado a ficar esperando.)* Ihhh!!! A pamonha ainda nem chegou no 4º poste. *(Larga os binóculos e o Boi sai resmungando.)* Dá tempo de descansar e comer uma cenourinha. *(Tira a cenoura do bolso e começa a comer.)* Ai, como estou cansada!

(Senta e acaba adormecendo.)

RATINHO: Olha a dona Lebre ali, já no 5º poste! Mais um e ela ganha a corrida!!!

MACACO: É, seu Ratinho, vai ficar na pior. Vai perder até as calças.

RATINHO (*desesperado e trágico*): Sou um rato honrado! Pago ao rei todas as apostas!!! *(À parte pra platéia.)* Estou falido! Não tenho como pagar! Que farei, que direi, que clamarei! Ó fortuna!!! Que fortuna que nada. Eu não tenho um tostão! Só me resta fugir! *(Escurece. Mudança de luz. Descem no fundo do palco duas telas brancas e transparentes)*

para efeito de sombra chinesa. Essas telas deverão diminuir o Rato e aumentar o Leão. Os demais atores saem aproveitando o escuro. Estamos agora noutra ponta da floresta, na gruta do Leão.) Na floresta, no escuro, ninguém vai me encontrar. (Vai saindo de fininho pra trás da tela. Música de suspense.) Já estou bem distante do local da corrida. Acho que aqui ninguém vem me procurar. Uf! Estou seguro. (Senta e se encosta no que pensa ser uma pedra, e na verdade é o Leão que, ao contato, rugue ferozmente e se mexe. O Ratinho dá um pulo pra trás assustado e o Leão é iluminado por inteiro, aumentado pelo truque da tela. Ele deve ficar assustador. O Ratinho tenta falar e não consegue. Tenta fugir, tropeça cai, quer levantar-se aflito e a pata do Leão cai sobre o rabo dele, prendendo-o. Ele consegue se recuperar.) Poupe minha vida, ó poderoso senhor. Sei que o acordei e ofendi, mas foi por acaso. Desculpe-me, mas sou apenas um pobre ratinho.

LEÃO (Ri Ironicamente. Os sons emitidos pelo Leão deverão ser conseguidos por efeitos sonoros.)

RATINHO: Endividado, sim senhor. Falido a ponto de fugir para não ser massacrado pelos credores.

LEÃO (Ri com desdém.)

RATINHO: Mas eu sou um rato honrado! Prometi, vou cumprir. Quer dizer, se o senhor me deixar sair daqui.

LEÃO (Ri novamente, criando um suspense.)

RATINHO (pra platéia): Se ficasse os

bichos me pegavam, se correr o bicho come! Tô no mato sem cachorro.

LEÃO (Se desinteressa pelo Rato. Levanta a pata e volta a dormir na posição anterior.)

RATINHO (vira-se pro Leão e se vê solto. Nem acredita. Constata que o Leão adormeceu de novo. Ouve-se seu ronco forte. O Ratinho vai saindo de costas. Suspense.) Consegue sair de trás da tela se arrumando como se tivesse nascido de novo.): Estou salvo!!!

(Nesse instante uma rede desaba sobre o Leão, prendendo-o numa armadilha.)

LEÃO (Ruge assustadoramente enchendo a floresta com seu eco.)

RATINHO (morto de medo, se atira no chão como se uma bomba tivesse detonado, depois cria coragem e, pé ante pé, volta pra trás da tela, na extremidade oposta ao Leão): Coitada de "Sua Majestade". Caiu na armadilha!!! Os homens estão sempre querendo aprisionar os bichos! Mas se depender de mim não levam nem a dona Minhoca. (Assume a postura de He-Man. Bate no peito e grita.) "Pela honra da floresta! Eu tenho a força!!! (Avança em direção do Leão e começa a roer as amarras da armadilha.) Fique calmo Majestade. Vou tirá-lo daí. Estou roendo as cordas e já já o senhor estará livre. O senhor poupou minha vida, eu agora salvo a sua.

(A rede se solta das amarras e sobe. O Leão está livre. Estende a pata ao Ratinho, num gesto de gratidão.)

RATINHO (também estendendo a

mão): Não me agradeça seu Leão
"Amor com amor se paga".

(Sobe a luz da boca de cena onde a Tartaruga está ultrapassando a Lebre que dorme placidamente.)

RATINHO: Até outro dia Majestade!!!
(Nesse instante a torcida se manifesta da coxia. Gritaria geral.)

MACACO: Acorda, dona Lebre. A
Tartaruga está ultrapassando a
senhora. Ela vai ganhar!
(A Lebre nem se mexe.)

RAPOSA: Dá-lhe dona Tartaruga.

RATINHO *(ainda atrás da tela, ouve a gritaria e percebe que a Tartaruga está ganhando):* Êpa, estou ouvindo boas novas. Com licença, Majestade, mas minha sorte me espera. *(Acaricia a pata do Leão.)* Nunca acreditei em pata de coelho. Pra dar sorte mesmo, é segurar na pata do Leão.

(Apagam-se as luzes da sombra chinesa, as telas sobem, o Leão some e o Ratinho já está na corrida, enquanto os outros torcedores estão entrando e a Tartaruga está chegando no primeiro poste. O da Chegada.)

RAPOSA: Ruga, ruga, ruga. Viva a Tartaruga!

TODOS: Ontem, hoje, amanhã. A Tartaruga é campeã!

MACACO: Pra mim aí tem cambalacho! Mas isso não fica assim não. Comigo não *(Vai acordar a Lebre, sacudindo-a.)* Acorda, acorda. Você é lebre ou é bicho preguiça?

LEBRE *(dando um salto, assustada):* Já ganhei? Já ganhei?

MACACO: Você tá pra correr ou pra dormir?

LEBRE *(sem entender nada):* O quê?

Correr, correr, tô chegando, tô chegando, tô chegando!

MACACO: Lanterninha! Quanto te pagaram pra perder a corrida, hein? *(Saindo furioso.)* Cantando vitória antes da hora. Eu devia ter desconfiado.

LEBRE: Perder? Quem perdeu? Eu? *(Sai correndo em direção ao poste da Chegada, e atropela o Galo que vem entrando distraído, preparando a voz – fazendo cocorejos – para o discurso de entrega da medalha.)*

GALO *(levantando-se):* Oh, dona Lebre, onde vai com tanta pressa? A corrida já acabou, a Tartaruga já ganhou e a senhora já dançou.

LEBRE: Eu perdi? Não acredito.

GALO: Claro, eu vim aqui pra cantar a vitória.

RAPOSA: Perdeu sim. Quem dorme muito chega no fim.

RATINHO: Melhor pra mim.

GALO *(colocando a medalha no peito da Tartaruga):* Ao vencedor, as batatas, não, quer dizer, a medalha.

(Todos aplaudem.)

GALO *(para a Lebre):* Ao perdedor, as batatas, não, quer dizer, a cenoura. Senhor Sapo, dê-lhe o prêmio de consolação.

(Sapo pega uma cenoura do seu saco e dá pra Lebre.)

LEBRE *(saindo muito triste, com as orelhas murchas):* Perdi. Não brinco mais.

GALO: A campeã da Maratona, a nossa... A nossa... A nossa veterana. *(Ri com discreção.)* Dona Tartaruga, tem algo a declarar?

TARTARUGA *(tomando a palavra):*

“Devagar se vai ao longe”
(*Pausa.*) devagar eu chego lá.
(*Aplausos.*) Agora com licença,
vou descansar porque esse trem
aqui ó (*Mostra a casa nas
costas.*), pesa demais da conta,
bem. Num güento mais não. (*Sai
cantando lentamente.*) Devagar
se vai ao longe, devagar eu
chego lá.

(*Todos cantam em coro acenando pra
ela.*)

TODOS: Devagar se vai ao longe.
Devagar eu chego lá.

RAPOSA: Ah! que festa linda. Só faltou
o champanhe... Adoro
champanhe!

CEGONHA (*puxando-a de lado e
cochichando*): Eu tenho um
champanhe aqui, na bolsa.

(*Raposa se espanta.*)

RAPOSA: Então, no lugar do chá
prometido, eu aceito o
champanhe. (*Cegonha tira as
taças “tipo flutes”, da bolsa,
entrega uma pra Raposa e vai
tirar o champanhe quando o
Galo se aproxima. Ela a esconde
na bolsa outra vez e cada uma
esconde a taça atrás de si.*)

GALO: Vim me despedir das senhoras.
Já vou indo porque tenho que
cantar noutra freguesia. Bom,
então, adeus.

AS DUAS: Tchau, tchau, seu Galo. Até
a próxima.

RATINHO: Seu Galo, seu Galo, me dei
conta de que o Boi não me
pagou.

GALO: Eu não sou juiz de aposta. Fui
juiz da corrida, é outra coisa. Já
estou me retirando. O seu Sapo
talvez possa ajudá-lo.

SAPO (*resmungando*): Tudo eu, sempre

eu. Por que não vai o senhor
mesmo?

RATINHO: É pra mim que ele deve. O
senhor acha que ele vai me abrir
a porta? Por favor seu Sapo,
inventa uma desculpa e traz ele
aqui. O resto deixa comigo.

SAPO (*resmungando*): Tá bom. Tá
bom. Tudo eu. Sempre eu. (*Sai.*)
(*Ratinho vai contar seu dinheiro no
fundo do palco.*)

RAPOSA: Só porque eu sou raposa ele
vai contar o dinheiro longe de
mim.

CEGONHA: Quem tem fama, deita na
cama.

(*As duas riem juntas.*)

RAPOSA: Enfim, sós.

(*Estende o copo pra ser servida.*)

CEGONHA (*estourando o
champanhe*): Um brinde às
corridas, à Tartaruga...

RAPOSA: E a nós, grandes torcedoras.
(*Bebem. Raposa não consegue enfiar
o focinho na “flutes”. Fica
embaraçada.*)

CEGONHA (*servindo-se novamente e
dirigindo-se à Raposa com ironia*):
Aceita mais, dona Raposa.
Como? Ainda não bebeu? Não
gostou? A senhora não adora
champanhe?

RAPOSA (*sem graça*): Adoro, claro,
mas sabe... Nesta taça... Meu
focinho...

CEGONHA: Muito simples. Veja.
(*Bebe tudo da taça da outra.*)

RAPOSA (*começa a chorar*): Eu não
consigo. Adoro champanhe, mas
só consigo beber em taça rasa. A
senhora fez isso de propósito. Sua
bicuda, horrorosa.

(*Sai chorando.*)

CEGONHA (*rindo*): “Não faças aos

outros o que não queres que te façam”.

BOI (*entrando com o sapo*): Onde é a festa. Tem festa mesmo? Não estou vendo nada. Será que a festa já acabou?

RAPOSA (*cruzando com eles*): Festa, que festa? Vocês vão em alguma festa?

SAPO: É a festa da cobrança. Comigo é assim: apostou, perdeu, pagou.

BOI: Apostou o quê? Não apostei nada com o senhor.

SAPO: Sou do signo de Libra. Não posso ver injustiça. Gosto das coisas certas. Eu vi, sou testemunha.

RAPOSA: Dizem que sou tão sabida, mas não estou entendendo nada!!!

RATINHO: Eu explico. O senhor Boi apostou na Lebre. Deu Tartaruga e ele tem que me pagar.

BOI: Então foi pra isso que o senhor me trouxe aqui, seu Sapinho? Não tinha festa nenhuma. Mentiroso!

CEGONHA: Deixa disso seu Boi. Calma!

BOI: Se eu pago ou não pago é problema meu.

RATINHO: E meu também.

BOI: Pois é seu Ratinho, nosso. Mas esse chulé não tem nada com isso. Ele é muito enxirido.

SAPO (*nervoso*): Olha lá como fala comigo. Retira esse negócio de chulé.

BOI (*cantando*):

O Sapo não lava o pé
Porque não qué, porque não qué.

SAPO (*furioso*): Não me provoca, seu Boi. O senhor não sabe com quem está falando.

BOI: Com quem estou falando? Ora, com um sapinho titica.

SAPO (*assumindo postura de boxer*): Ora, quer brigar? Quer brigar?

Vem. Vem. Vem pra briga, vem.

BOI: Fica na tua, nanico. Só brigo com gente do meu tamanho.

SAPO: Pois então eu vou ficar do seu tamanho!

(*Começa a inflar e a crescer.*)

CEGONHA: Seu Sapo, pára com isso. Assim o senhor estoura...

RAPOSA: Igual, balão. (*Ri.*) Até que seria engraçado.

RATINHO: Vamos parar com isso. Seu Sapo, se acalme. Senhor Boi, vamos acertar nossas contas e deixa o resto pra lá.

(*Todos estão estupefatos com o tamanho do Sapo.*)

RAPOSA: Ai, que gozado! E se a gente furasse ele hein?

CEGONHA (*assustadíssima, gritando*): Vai explodir.

RATINHO (*também gritando*): Ele vai explodir!

BOI (*medroso*): Eu não tenho culpa. Ele vai explodir porque quis.

RAPOSA: Explode! Explode!

(*Todos gritam ao mesmo tempo, enquanto o sapo continua inflando.*)

CEGONHA: Ele vai explodir.

RATINHO: Acudam.

CEGONHA: Coitado.

RAPOSA: Explode! Explode!

(*Todos os outros vão entrando assustados.*)

MACACO: O que que está acontecendo?

LEBRE: O que é isso?

GALO: Façam ele parar.

(*O sapo cresce, cresce, e “explode”.*
Esse inflar deve ser um truque de figurino. A roupa de plástico deve ser inflável, de maneira controlada. Explodir significa esvaziar a roupa.)

TARTARUGA (*entrando lentamente*): O que que vai explodir?

SAPO: Eu. Explodi de raiva!!!

BOI (*pra tartaruga*): Ele inchou tanto para ficar do meu tamanho que quase empacotou.

GALO: Seu Sapo, "A gente nunca deve parecer mais do que é".

TARTARUGA: E agora?

RAPOSA: E agora?

LEBRE: E agora?

(Todos começam a cantar enquanto vão transformando tudo no cenário inicial, isto é a feira.)

MÚSICA:

Era uma história

Imaginem!

Imaginem!

Gostou?

Gostou?

Gostou?

Mestre Esopo me contou,

Há muitos séculos atrás,

Era uma vez

Era uma vez

Era uma vez

Na Grécia antiga

O quê?

Uma formiga

E o que mais?

Ora,

Os animais,

Iguais a gente

Eu não, você, bicho louco

Psiu

Vamos ouvir Mestre Esopo.

(Esopo se coloca no centro do palco.

Os outros vão se sentando ao redor

dele na posição característica do contador de histórias e seus ouvintes.)

ESOPO: E agora? Eu vou embora. Mas antes quero saber se vocês conhecem bichos iguais a estes meus.

VEND. DE BONECOS: Bichos não sei.
(Olhando para a compradora.)

Mas tem gente aqui tão parecida com a Tartaruga!

COMPRADORA: Em compensação tem uma vendedora que é um raposa em forma de gente.

COMPRADOR: Eu tenho um vizinho parecido com o Macaco. Sambista dos bons.

ESOPO: Então. Eu escrevi sobre bichos ou sobre gente?

VEND. DE DOCES: Sobre bichos.

VEND. DE BONECOS: Sobre gente.
(Inicia-se uma discussão. Esopo pega a sua cesta e vai saindo de fininho.)

VEND. DE CATA-VENTOS

(interrompendo): Chega de discussão. O que interessa mesmo é que essas histórias... Como é mesmo o nome?

MALABARISTA: Fábulas.

VEND. DE CATA-VENTOS: É, essas fábulas, que são histórias, são ótimas.

VEND. DE BONECOS: Eu gostei tanto, que vou contar pro meu filho, que vai contar pro filho dele, que vai contar pro filho dele, que.....

VEND. DE DOCES: Ih! Chega! Já sei, vai de mãe pra filho até 1998.

COMPRADOR: Deixa de sonhar com o futuro, homem. Me vende uns doces aí.

VEND. DE DOCES: Ah, você também só pensa em comer, comer, comer. Não vê nós agora estamos alimentando o espírito?

VEND. DE CATA-VENTOS: O comprador tem razão. Agora é hora de voltar ao trabalho.

Cata-ventos, cata-ventos, olha o vento, olha o vento. Quem compra um cata-vento, ganha de quebra uma história.

VEND. DE BONECOS: Bonecos, bonecos

que parecem de verdade. Olha a
Tartaruga que ganhou da Lebre.

Na corrida mais louca da cidade.

VEND. DE DOCES: Olha os doces! Os
mais doces. Vão agradar qualquer
um. Tenha bico ou focinho. Tem
tudo nesse mundinho.

*(Os pregões vão se tornando música e
se fundem na música final.)*

Era uma vez... Era uma vez...

Imagine, imagine

Um gato xadrez?

Não!!!

Um português?

Imagine! *(Com ironia.)*

Era uma vez... Era uma vez...

O quê?

Um criado chinês!

Não!!!

Imagine! *(Com ironia.)*

O quê?

Imagine...

Onde?

Na Grécia antiga

Quem?

Um corcunda grego gago

Um corcunda gago grego?

Não me diga!

O escravo de Xanto?

Esse mesmo

O Mestre Esopo

Aquele louco?

Cadê? Cadê?

Cadê Mestre Esopo?

Foi embora

E agora?

Agora vamos nós

Contar sua história!

FIM

Adolescente/ Adulto

O Testamento do Cangaceiro
Chico de Assi

O TESTAMENTO DO CANGACEIRO

(Os Perigos da Bondade e da Maldade)

“Não é uma peça anti-religiosa, é uma peça contra a fome e a exploração. E será, portanto, contra todas as instituições que pregam a passividade do homem e das classes diante do problema da exploração do homem pelo próprio homem.”

Chico de Assis

PERSONAGENS

Contador
Cearim
Madrinha
O Cego
Cangaceiro
O Cabo
O Sargento
A Prostituta
Ercília
O Sacristão
O Vigário
O irmão do Cangaceiro
O Bodegueiro
O Cachorro
Os camponeses
e mais ninguém, apenas um narrador

NOTA: O papel do irmão do Cangaceiro poderá ser interpretado pelo mesmo ator que fizer o Cangaceiro. O papel do Bodegueiro poderá ser interpretado pelo arrador. Os camponeses poderão ser atores dobrando papéis.

Primeira Parte: Os perigos da bondade

CENA 1

Prólogo

(No escuro, entra a gravação ou “vivo” da canção “Era Uma Vez”.)

CORO (*canta*):

Era uma vez...

Era uma vez...

Era uma vez uma história

Era uma vez uma história

e dentro da história

tinha outra história

Era uma vez
Dentro da história
da história
da história da história
Tinha uma porção de história
Era uma vez
Era uma vez
Era uma vez

NARRADOR: Era uma vez uma história
e dentro da história tinha outra
história
e dentro da história da história
tinha mais uma porção de
história.
Quem contou? Quem contou foi
certo velho,
certo dia em certa estrada,
na qual fazia seu caminho,
em tempo muito passado.
Lembrança boa guardei, tique
por tique,
os acontecimentos da narração.
História muito interminável,
entremeada nos dramas das
peripécias.
Povoada de um despotismo de
personagens,
tanto mais muito como na
Sagrada Escritura.
História que de tão grande,
pra contar de inteira havia de
passar mais de ano
sem nem parar pra comer ou
dormir.

NARRADOR: Não guardo de meu uso.
Conto.
Faço mesmo gosto de contar e
recontar.
Só por diversão de ver as caras
mudarem de jeito
quando a história muda de jeito.
Escolho as partes curtas,
que dão bom lugar de começo,
meio

e um bom ponto certo de
paragem...
Fim? Não... que só com morte ou
cataclismo.
Então eu conto:
Era uma vez um lugar muito triste
perdido nos longes do sertão.
Nos meses de verão a chuva
deixava de cair.
Os rios secavam e a terra
rachava.
Mas apesar disso havia gente
que vivia ali trabalhando a terra
e muitas vezes sucumbia ao
correr da estiagem
de fome, de sede, de espera.
Durante uma dessas secas, um
moço lavrador de nome
Cearim...

CENA 2 **Cemitério**

(Cearim entra e se ajoelha diante do túmulo dos pais.)

NARRADOR: ... perdeu seus velhos pais
que não aguentaram tantos
meses de sofrimento e privações.
O pobre moço se encontrou só
no imenso deserto.
Tinha resolvido deixar aquele
lugar! Para sempre,
não queria mais estar ligado
àquela terra
que só havia lhe dado desgostos
e sofrimento.
Porém a paisagem era por todos
os lados tão desoladora
que não soube o qual caminho
tomar quando então...

(Cearim está sem saber o que fazer.)

CEARIM: Ah meu Senhor, como é que
a gente pode ficar assim tão só e
triste. Mas tudo é certo na
vontade de Deus. Bem dizer meu

pai e minha mãe estão na felicidade eterna... Mas assim mesmo é tão triste. Por que é que tem que ser assim? Trabalho e mais trabalho e no fim tristeza e mais tristeza. A gente pegou de ser trabalhador e bom e cai nesse ficar triste. Nunca fiz mal, nunca. Nem pra gente, nem pra bicho, nem de pensamento escondido, nem de raiva, nem de nada nenhum... De bem que tenho na vida danada a promessa do céu. Ah meu bom senhor, por que assim tão triste eu tenho que ficar.

(Aparece a visão da Madrinha envolta em luz azul. Cearim, com medo, esconde o rosto entre as mãos.)

MADRINHA: Por que te escondes, meu filho? Não tenhas medo nem susto, estou aqui pra te ajudar.

(Cearim levanta a cabeça devagar até encarar a visão.)

CEARIM: Quem é a senhora?

MADRINHA: Sou tua madrinha.

Quando nasceste, tua mãe me fez voto e promessa.

CEARIM: Benção, madrinha...

MADRINHA: Deus te abençoe. O que queres?

CEARIM: Uma porção de coisas, posso pedir?

MADRINHA: Pode meu filho...

CEARIM: Que meus pais a quem acabei de dar enterramento voltem à vida.

MADRINHA: Meu filho, a vida é Deus quem dá, mas os viventes é que se encarregam dela e cada qual gasta a sua como quer. Depois, todo o vivente é mortal... Isso eu não posso fazer.

CEARIM: Então queria que parasse a seca e caísse uma chuvarada bendita e que então tudo virasse verde de novo e assim ficasse para sempre.

MADRINHA: Também não está no meu poder, as nuvens não obedecem aos santos. Só mesmo esperando... Quem sabe se um dia chove.

CEARIM: É... Quem sabe... Pelo menos queria então que a madrinha mandasse um castigo para o Coronel, dono dessas terras, que o danado tão logo parou de chover se escapou pra cidade deixando a gente meio com fome, meio com sede, meio morrendo. Bem que a madrinha podia mandar uma praga bem forte naquele filho de uma égua, que desse nele um quebrante desses de cair braço e perna, olho...

MADRINHA: Ohhhh! Que é isso, meu filho? Isso não é pensamento de cristão, não é coisa de filho de Deus, essa raiva e essa revolta. Pense que se ele fez mal, terá um dia seu castigo.

CEARIM: Bem que a madrinha podia dar uma apressadinha no castigo dele...

MADRINHA: Limpa teu coração desses pensamentos de pecado. Sê bom e puro, e sempre as coisas do mundo te farão feliz... O mundo é sofrimento, mesmo assim é a lei. É preciso viver de acordo com os ensinamentos da religião para poder salvar pelo menos a alma.

CEARIM: Amém madrinha... Mas é que na preocupação de salvar

a alma o corpo acaba se danando de uma vez. Ainda aqui estão meu pai e minha mãe que morreram a bem dizer de oito, madrinha. E lá está o Coronel, gordo que nem um capão na vida regalada e nem por isso deixa de ir na missa pensando na salvação. Eh madrinha, entre salvar a alma danando no oito e salvar a alma balançando numa rede, a madrinha tem que convir que salvar a alma balançando numa rede é muito mais arregalado e isso sem deixar de ser um cristão.

MADRINHA: Meu afilhado Cearim, os pedidos que me fizeste não posso conceder... Só o que posso fazer é te dar muita alegria e confiança, isso se continuares com a bondade no coração. Segue tua vida com a alma pura e sem pecado e sempre te ajudarei como posso; e se alguma vez te encontrares em dificuldades, clama por mim que virei ter contigo... Vais deixar tua terra?

CEARIM: Pois se nada mais resta a fazer por aqui, só se ficasse chorando tristeza até sucumbir. Quero tentar minha sorte e fortuna em algum outro lugar por aí, na cidade talvez. A madrinha podia me ensinar o caminho?

MADRINHA: Ih meu filho, eu não sei... Mas se não me engano, seguindo o leito seco do rio irás ter em uma cidade próxima.

CEARIM: Pois então a madrinha me desculpe, eu peço a bênção e

me retiro, pois tenho pouca água e menos ainda comida, e pelo jeito, assim sem saber ao certo, a caminhada pode ser longa.

MADRINHA: Te parecerá curta se estiveres alegre. Vai, meu filho, com a minha bênção e a minha proteção. Sê bom e puro, confia nos homens de bem e nos humildes, ajuda sempre a quem puderes e serás ajudado. Faz o bem e receberás em dobro... Até um dia, adeus... Cearim, precisando de alguma coisa e só chamar.

(A visão desaparece. Cearim abana a mão, dizendo adeus, e logo, carregando a cruz do túmulo, começa a caminhar cantando.)

CEARIM: *(canta)*

Pé na estrada caminhando
Felicidade vou buscar
Vou seguindo meu caminho
Um dia vou encontrar.
Lugar bonito, bonito
de gente boa e feliz
lugar bonito, bonito
do jeito que eu sempre quis.
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus Virgem Maria
Tenho muita proteção.

CENA 3

Cearim vira testamenteiro do Cangaceiro

NARRADOR: E lá se foi nosso Cearim, batendo marcha no leito do rio seco, feliz da vida. Cearim que já era bom, bom, bom, muito bom; ainda tinha no coração um pouco, muito pouco, de maldade,

mas depois das sábias e felizes
palavras da sua santa madrinha,
seguiu cantando em busca da
felicidade
que, em sendo bom, havia de
alcançar.

CANGACEIRO (*em off*): Aiiiiiiii! Me
acuda, eu morro.

(*Entra o Cangaceiro, todo armado,
cambaleando.*)

CANGACEIRO: Pelo amor de Deus que
eu morro!

CEARIM: Já tem ajuda, o que é que
lhe corre? Está mal?

CANGACEIRO: Estou é malferido.
(*Enfia a mão no peito e mostra o
sangue.*)

CEARIM: Nossa Senhora!... O que
sucedeu?

CANGACEIRO: Fui tocado por um
inimigo, há muitas horas que
venho errando nestes ermos,
carregando o balaço até que
não aguentei mais.

CEARIM: Ainda dói muito?

CANGACEIRO: Nem mais... Estou
mesmo na hora, um pé na terra
e outro no inferno, até sinto o
calor. Ouve moço, é um último
pedido de um moribundo, é
preciso que me dê ajuda.

CEARIM: O que tiver nas minhas
posses...

CANGACEIRO: Vivi uma vida danada
de cangaceiro matador, estou
finando na morte, é hora de
arrependimento... Abra meu
farnel, tire tudo o que tem dentro.

(*Cearim vai tirando do farnel uns
sacos de dinheiro, um crucifixo e,
finalmente, um retrato.*)

CEARIM: Cortando o leito do rio seco
existe uma estrada, passando
por ela se chega à cidade... Por

favor, procure a moça do retrato,
é uma pobre que eu infelicitei e
deixei penar no abandono. Dê a
ela um desses sacos de dinheiro...
Depois vá à igreja e com o
dinheiro desse saco mande rezar
uma missa pela minha alma.
Procure por aquelas bandas
meu irmão... É um cangaceiro
perigoso, mas, mostrando esta
carta, será bem recebido...
Entregue a carta e diga que
quem me matou foi o Juca
Felicidade... à traição... Pegue
minhas armas e meu chapéu e
mande benzer... O outro saco de
dinheiro é para você em paga
do seu auxílio e em
cumprimento da minha
vontade... Ai, me dê o crucifixo.

(*O Cangaceiro, depois de beijar o
crucifixo, bate as botas.*)

CEARIM: Bateu as botas.

(*Cearim apanha as coisas do
Cangaceiro e começa a
caminhada.*)

CANGACEIRO (*cantando*):

Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou na cidade pagar.
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus Virgem Maria
Tenho muita proteção.

CENA 4

Cearim é roubado pelo cego vidente

NARRADOR: E Cearim carregou com
os trastes do cangaceiro
pelo caminho da cidade.
Os conselhos da Madrinha
tinham sido de grande valia.
Mal praticara o bem e já a

paga no momento seguido se fez ver...

(Entra o Cego com o bordão, tateando no ar.)

CEARIM: Quem é o de lá?

CEGO: Um pobre cego que se perdeu nos caminhos.

CEARIM: Pois como então um cego sem visão se põe de andarilho nestes caminhos perdidos?

CEGO: Vinha pela estrada, tenho o costume de longas caminhadas, mas há três dias não sei por obra do que me perdi e já não sei onde me encontro.

CEARIM: Pois foi uma sorte ter dado comigo. Por estes lados não se vê nem homem nem planta, nem bicho. Para onde caminha?

CEGO: Pra cidade aí perto... Ah estou sentindo um cheiro bom de carne com farinha mais pão de macacheira e mais dois pedaços de rapadura.

CEARIM: Nossa, que me admiro que um cego até contar possa pelo cheiro...

CEGO: Quem conta não sou eu que sou um pobre cego, mas uma fome maldita.

CEARIM: Pois tome seu cego, coma e beba à vontade, o quanto quiser. Tem pouco, mas dá para acomodar uma fome.

(O Cego avança na comida.)

CEARIM: Vamos lá seu cego, não fique com modos de comer pouco para sobrar, ainda tenho mais um pedaço de carne e acho que amanhã sem tardança estou topando com a cidade...

CEGO: Se vai à cidade, também podia fazer a caridade de me levar junto, assim não passo o

perigo de me perder novamente.

CEARIM: Pois se é até melhor ter companhia na viagem. O caminho parece menos penoso. Mas só vou sair com o sol, é perigoso o caminho na noite.

CEGO: Pra mim é o mesmo que não tenho outra coisa senão a noite, mas trago canseira de dias, podemos passar a noite aqui mesmo e depois amanhã a gente segue caminho.

(Então, os dois se aprontam para dormir.)

CEGO *(canta):*

E que Deus nas alturas
vele por nós
que estamos no chão
e somos cristãos.

CEARIM: E a Virgem Maria.

(O Cego dorme. Cearim tira o retrato da moça do farnel e olha.)

NARRADOR: E o bom Cearim mais o cego seu protegido se aprumaram para puxar o sono pela noite calma e de grande lua.

E no dorme quase dormindo Cearim olhou o retrato da moça e embarcou num sonho bonito em companhia dela.

(Cearim dorme com um sorriso.)

NARRADOR: Tudo estava certo e calmo... Quando o cego...

(O Cego se levanta, olha para os lados e vai roubando tudo. Depois, foge de manso.)

NARRADOR: E Cearim seguiu dormindo

até que os primeiros raios de sol bateram em seu rosto mandando acordar.

(Cearim acorda, espreguiça e olha em torno. Dá pela falta do Cego e das coisas.)

CEARIM: Oi seu Cego... Ceguinho, onde está? Cego! Fugiu, danado!

CENA 5

A Madrinha, de novo

CEARIM *(se atira ao solo, desesperado. Ajoelha-se e chama):* Madrinha! Madrinha venha logo que é de muita precisão!

(A Madrinha aparece.)

CEARIM: Ah, Madrinha, ainda bem que a senhora veio no mesmo instante que fui roubado por miserável cego e o mais pior é que o tanto roubado nem meu era e mais ainda que era para pagar promessa de um que já morreu.

MADRINHA: Pois se ponha atrás do ladrão Cearim! Corra, corra, quem sabe se ainda alcança.
(Cearim sai correndo e logo volta.)

CEARIM: Mas se eu nem sei que rumo tomou o tal! Será que a madrinha não podia dar uma voadinha por aí e vê se acha o cego pra mim? Do alto é certo que se vê melhor.

MADRINHA: Isso é assunto terreno no qual eu não posso interceder. Você é quem tem que procurar.

CEARIM: Ah, Madrinha, mas se foi seguindo os seus conselhos de ser bom que eu me meti nessa e acabei roubado pelo cego...

MADRINHA: Tenha fé, Cearim!
(E dito isso, a visão desaparece. Cearim, fulo de raiva, cospe na mão, o cuspe pula na batida, e ele segue na direção da sorte.)

CENA 6

Cearim alcança o Cego

CEARIM *(logo topa com o cego dormindo):* Cego de olho comprido e perna curta, nem esperava que viesse em seu encaicho.

(Cearim ameaça com o coice da arma o rosto do cego, que recua.)

CEARIM: E nem cego é, o danado... Devia... *(tira o chapéu para o céu)* Deus me perdoe... era te meter chumbo no bucho... E nem cego é, o danado... Cego de às vezes, isso sim, em outras um vidente muito assanhado pra meter a mão nas propriedades alheias.

CEGO: Pelo amor de Deus, pensa que eu podia ter te matado enquanto dormia.

CEARIM: Era só o que faltava. Depois de comer minha comida, beber minha água e me roubar tudo o que tinha, ainda me matar.

CEGO: Tenha piedade de mim... Olhe que Deus ajuda a quem perdoa...

CEARIM: É, isso é uma coisa que está certa... Mas vai carregar as armas e o farnel até chegar na cidade.

(O Cego vai passando a mão na espingarda.)

CEARIM: Menos essa espingarda, que eu levo comigo, pra criar respeito e obediência. Pé no caminhar e não se faz de diferente que eu te arrebento o osso do mucumbu. Vai tocando...

CEARIM *(canta):*
Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro

Vou na cidade pagar.
Dedo firme no gatilho
Que é para ninguém me roubar
Se Deus não cuida de seu filho
Ele tem que se cuidar
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou com Deus Virgem Maria
Tenho muita proteção
Mas ainda vou de quebra
Com a espingarda na mão.

(E Cearim e o Cego vão caminhando.)

CENA 7

Cearim e Cego na Delegacia

NARRADOR: E caminharam toda a noite.

Cearim sempre de olho vivo no Cego.

No dia seguinte avistaram a cidade.

Afinal Cearim havia chegado.

CEARIM: Vem lá em baixo um miliciano da polícia, deve ser por causa das armas.

CEGO: E pois é, segura aí um pouco...
(Larga as armas na mão de Cearim.) Me acuda, me roubaram todo o meu dinheiro e querem me matar! Socorro... Ajutório! O que aconteceu com um cego um pobre cego vinha pela estrada com um dinheirinho que é toda a minha fortuna quando foi assaltado por um que se disse cangaceiro...

CABO: Esteja calmo seu cego! A lei já tomou conta do litígio.

CEARIM: É mentira, dona lei... Ele não é cego nada e nem eu também num sou cangaceiro... Prenda o falso cego e me solte.

CABO: Uma verdade com dois donos

é um caso muito especial e delicado, acho mais seguro levar os dois na presença da autoridade legal e competente, que lá tudo se resolve... Nem uma palavra, nem o cego e nem o outro e vamos tocando essa dúvida atropçada pro julgamento do sargento.

(E vai levando os dois para o xadrez.)

CEGO: Um pobre cego preso, eu vou me queixar ao bispo.

CEARIM: Ah falso cego do inferno.

CABO: Vamos entrando e com muito respeito, que esse é o templo da lei e da justiça... Só fala se perguntado e é proibido cuspir no chão.

SARGENTO: Vai prendendo. Quem são esses?

CEGO: Eu sou um pobre dum cego que foi roubado.

CEARIM: Ele é que é ladrão, seu sargento. E não é cego coisa nenhuma, vê de mais e ainda passa da conta.

SARGENTO: Em primeiro lugar, silêncio. Cabo, dê conta do ocorrido.

CABO: Aproximadamente cinco minutos depois da hora do café, eu estava me encaminhando para a Delegacia quando deparei com este indivíduo que gritava grito de socorro. Me encaminhei até o local e pude constatar que este indivíduo armado o ameaçava. Porém perguntando, esse disse ser aquele o ladrão e não ele, como este outro havia declarado; sendo assim, detive os dois e os conduzi até aqui para que o sargento proceda à investigação na forma da lei

como reza o artigo 265 do Código.

CEARIM: Mas ele é um ladrão danado, seu sargento...

SARGENTO: Prenda esse, enquanto eu dou decidimento, assim não atrapalha o processo da investigação.

CEARIM: Pois então me prendem e deixam solto o ladrão...

CABO: Cala o bico que o sargento está afinando o pensador pra dar decisão decidida.

CEARIM: Por que então o cego não vem ficar na jaula também?

CEGO: Eu precisava seguir caminho. Sou cego e não posso ficar longe de casa que dou cuidado a minha mulher.

CABO: Fique mudo seu cego.
(O Sargento, que caminha pela sala pensando, tem uma idéia. Aproxima a brasa do cigarro nos olhos do cego, que agüenta firme.)

SARGENTO: Seu cabo! Solte o cego, o outro fica detido!

CEARIM: Mas não pode ser, ele não é cego coisa nenhuma!

CABO: Está solto, seu Cego.
(O Sargento tem mais uma idéia.)

SARGENTO: Aqui está seu dinheiro... Dois sacos.

CEGO: Obrigado e Deus lhe pague, seu Sargento. E agora, com a sua licença, eu preciso ir pra casa...

SARGENTO: Então, está tudo certo e conferido?

CEGO: Tudo certo sim seu Sargento.

SARGENTO: Cabo! Prenda o cego e solte o outro... Então, não sabe o quanto dinheiro tem, seu Cego?

CABO: Sai da jaula... Entra o Cego.

CEARIM: Puxa, que Deus me ajudou, quase fico preso sem ter a culpa.

CEGO: Ah, seu Sargento, mas que injustiça, bem sei que são três sacos de dinheiro, porém tinha pensado em esquecer um aqui para o senhor, por agradecimento, por ter prendido o cangaceiro... E só não falei, seu Sargento, pra não dar impressão de estar pagando o trabalho da lei...

SARGENTO: Cabo! Solte o cego e prenda o outro.

CEARIM: Lá vou eu de novo, o danado do cego engana todo mundo.

CEGO: Por favor, o resto das minhas coisas.

(Cabo pega pra entregar e vê a fotografia da moça.)

CABO: Esse retrato de moça, no seu farnel, é seu?

CEGO: É... É sim, é minha mulher...

CABO: Pois como é o nome dela?

CEGO: Pois é nome é Maria.

CABO: E quando casou com ela?

CEGO: Pois há mais de dez anos...

CABO: E mora com ela?

CEGO: Moro, moro sim e tenho que ir logo senão ela sai à minha procura.

CABO: Tem filhos?

CEGO: Dois... dois só.

CABO: Pra cego é boa conta... A única coisa que me dá dúvida é que essa do retrato eu conheço muito bem, me caia um raio se não é a Ercília, uma mulher dama ruivosa que faz a vida lá no Castelo...

(O Cego pega o farnel e tenta correr, mas o Cabo o detém.)

CEARIM: Segura, segura... num disse que era mentira dele?

SARGENTO: Cabo! Prenda o cego e

solte o outro.

CEARIM: Muito agradecido, seu Cabo, que sua esperteza me livrou de ficar preso até nem sei quando e ainda mais de deixar o danado escapar.

CABO: Por que traz este retrato?

CEARIM: É que preciso encontrar a moça pra pagar uma promessa.

CABO: Promessa heim?

CEARIM: É sim, por quê?

CABO: É que faz tempo que eu não subo o Castelo pra pagar promessa.

CEARIM: Onde é que posso encontrar a moça?

CABO: Chegue na porta que lhe mostro.

(Cearim sai.)

CENA 8

Cearim conhece Ercília no Castelo

NARRADOR: Salvo pelo Cabo, Cearim subiu o morro em busca da moça do retrato. Ia feliz por começar a pagar a promessa do cangaceiro e principalmente por ir ao encontro da moça do retrato... Aquela com quem tinha sonhado muitas noites.

CEARIM *(canta):*

Pé na estrada caminhando
Felicidade buscar
Promessa de cangaceiro
Vou começar a pagar
Coração está batendo
Vou a moça encontrar
Logo, logo já estou vendo
Ela vai me deslumbrar
Pé na estrada caminhando
Alegria no coração
Vou subindo morro acima
Vou buscar minha paixão.

(Cearim na casa. Vem mulher.)

MULHER: Olá simpático.

CEARIM: A senhora me desculpe, é aqui que vive uma moça chamada Ercília?

MULHER: Ercília tem que vive aqui, mas há muito tempo que não é moça, que disso aqui não tem não.

CEARIM: Pois é... Eu precisava falar com ela.

MULHER: Dependendo da conversa, pode falar comigo mesmo... Garanto que é até melhor.

CEARIM: Tem que ser com a própria mesmo, é questão particular.

MULHER: Que será que ela tem que falta?... Pode entrar naquela porta.

(Cearim entra. Vem Ercília, com copos e garrafa.)

ERCÍLIA: Olá, entra...

CEARIM: Olá...

ERCÍLIA: Nunca viu?

CEARIM: Nunca não senhora.

ERCÍLIA: O que é que quer?

CEARIM: Vim trazer um mandado de um que morreu... Este retrato e mais este dinheiro.

(Vai tirando do farnel.)

ERCÍLIA: Pois então sente e muito obrigado... Quem me manda isso?

CEARIM: Ah... Isso foi alguém que lhe fez mal: da primeira vez.

ERCÍLIA: Ah, foi aquele peste que morreu... Em boa hora se lembrou do mal feito.

CEARIM: Mas ele se arrependeu e me encarregou da promessa.

ERCÍLIA: Não quer tomar alguma coisa? Bichinho...

CEARIM: Ah, bichinha, se tivesse um pouco de água eu aceitava.

ERCÍLIA: Água! Tenho coisa melhor.
(*Pega a garrafa e enche o copo*)

CEARIM: Disso aí eu não tenho costume.

ERCÍLIA: Costume se faz... Me ajuda a festejar o dinheiro que ganhei...

CEARIM: Eu tenho medo que me faça mal.

ERCÍLIA: Você é muito simpático, como é o seu nome?

CEARIM: Cearim... Eu não sou daqui, sou do campo, vim tentar a sorte na cidade... Andarilhei muito pra chegar aqui...

ERCÍLIA: Toma um pouco pra alegrar... Tirar poeira.

CEARIM: Eu não quero.

ERCÍLIA: Nem que eu peça?

CEARIM: Pois se pede eu vou até no inferno.

(*Cearim bebe e faz careta.*)

ERCÍLIA: É bom?

CEARIM (*rouco da pinga*): Muito bom... Sabe... eu no caminho com esse retrato olhava muito... A senhora é uma moça muito bonita.

ERCÍLIA: Obrigada... Toma mais um...

CEARIM (*bebe*): Pois... no caminho que quando eu encontrasse a senhora, a senhora eu...

(*Bebe.*)

ERCÍLIA (*chega perto e encosta o corpo nele*): O quê?

CEARIM: Eu...

ERCÍLIA: Pode falar, parece que está com medo de mim.

CEARIM: Quer que eu diga?

ERCÍLIA: Pois fala...

CEARIM: A senhora quer mesmo que eu diga?

ERCÍLIA: Pois fala de uma vez homem...

CEARIM: Olha que eu digo!

ERCÍLIA: Então?

CEARIM: Pois na verdade eu estou mesmo é com meio medo da senhora.

ERCÍLIA: E o que mais...

CEARIM: Mais nada não senhora...

ERCÍLIA: Nada mesmo?

CEARIM: Ih, mas eu sou muito envergonhado.

ERCÍLIA: Vergonha e roubar e não poder carregar.

CEARIM: Pois é que esse retrato que eu carreguei na viagem me deu umas voltas diferentes no pensamento. Coisa que eu nunca tinha pensado antes.

ERCÍLIA: Pois pense, ninguém lhe proíbe.

CEARIM: Mas só de pensar me dá um vermelhão quente na cara.

ERCÍLIA: Deixa eu ver se está quente mesmo.

(*Abraça Cearim e encosta o rosto no dele.*)

CEARIM: Danou-se de vez...

(*As luzes se apagam. No escuro, uns cochichos.*)

CEARIM (*no escuro*): Tirá a roupa pra quê?... Eu não vou nadar...

(*Passa o tempo e a luz se acende. Cearim, deitado, dorme. Um galo canto ao longe. É manhã.*)

CEARIM: Ercília... Ercilha...

(*Cearim levanta-se, olha em volta, percebe que foi roubado mais uma vez. Ajoelha-se em cima da cama.*)

CEARIM: Madrinha... Só ouça, não aparece aqui não, que o lugar não é de respeito. Mas é possível bondade pureza e auxílio se ninguém é besta e está sempre todo mundo na espera que o cristão feche o olho pra num zás se valer contra ele... É possível?

Me desculpe Madrinha, mas eu vou mudar de jeito nessa vida, se bem que não tenho dinheiro nem nada, que roubaram tudo... Não tem importância, até peço que de agora em diante não me ajude, faça o favor de fechar os olhos para certas safadezas, com perdão da palavra, que eu vou praticar. Eu quis fazer tudo do jeito certo Madrinha, mas é demais o acontecido. Desculpe muito mas eu vou agir por aí de um jeito bem diferente, que bondade e pureza só traz danação e prejuízo... A carta do cangaceiro! Lá tem coisa!

CENA 9

Cearim recupera a carta na Delegacia. Cearim vai à cadeia

CEARIM: Além de cego, virou surdo, danado?... Cadê a carta que eu preciso pagar a promessa do cangaceiro? Num fala... Eu espero sair da cadeia e te arreio de pancada.

CEGO: Pode ir embora que eu não estou bom pra conversa.

CEARIM: Num tá bom... Até parece que é um santo... Me dá a carta, senão...

CEGO: Só dou se der um jeito de me soltar.

CEARIM: Pois eu dou... Mas primeiro me dê a carta.

CEGO: Primeiro me solte.

CEARIM: Olha aqui seu cego, se um de nós dois não tem palavra, é o senhor. Me dê a carta que eu vou lá pedir pro sargento soltar...

CEGO: Palavra de honra?

CEARIM: Palavra de honra.

CEGO: Jura por Deus?

CEARIM: E pela Virgem Maria.
(O cego remexe o bolso e tira a carta. Cearim pega.)

CEGO: Agora vá falar com o sargento, conforme o trato e a jura.

CEARIM: Pode deixar seu cego... Vou lá, digo pro sargento que o senhor é um cego muito direito. Na verdade, o cego mais ceguinho que já vi. Pode deixar que eu falo com o sargento...

CEGO: Não faz mais que a obrigação, já que te dei a carta...

CEARIM: Pois é certo... Não faço mais que a obrigação... Até logo seu cego, passe bem... Lembranças pra família... Pra dona cega e os ceguinhos todos.

(Cearim vai até o sargento.)

CEARIM: Queria falar com o senhor, seu sargento...

SARGENTO: O que é? Já terminou a conversa com o preso?

CEARIM: Já terminei... Ele ainda tinha uma coisa minha guardada. Queria pedir uma coisa pro senhor, seu sargento.

SARGENTO: O que é, pode falar...

CEARIM: Queria pedir que ficasse de olho no bruto, que está caçando jeito de escapar. Acho bom reforçar a guarda que o cego não é de brincadeira. Me disse que ia mandar chamar alguns amigos bravos que ele tem por aí... Cinquenta... Tudo cego de profissão... E que a cegaiada vem aqui botá fogo na cadeia e pendura o cadáver... Pelado... do seu sargento por riba de um poste, que é pra cegaiada cuspi. Disse que vai se vingar de mim e do senhor, seu sargento.

SARGENTO: Ah, é assim? Pode deixar

que eu vou dar um tratamento psicológico nele.

CEARIM: Trata mesmo sargento, bem espicológico.

(O sargento sai com o cego pelo colarinho.)

CEARIM: Madrinha! quem não puder com o pote não segure na rodilha.

CENA 10

Ouro na Sacristia

NARRADOR: Cearim, que não sabia ler, resolveu procurar uma pessoa de confiança para ler a tal carta, e depois de muito pensar, achou que confiança mesmo só no vigário da paróquia... e lá foi ele.

(Cearim chega na porta da Sacristia. Vem o Sacristão.)

SACRISTÃO: Que deseja?

CEARIM: Falar com Seu Vigário, é um caso de muita precisão.

SACRISTÃO: De que se trata?

CEARIM: Olha, é com o vigário mesmo que eu quero falar e não com o sacristão.

SACRISTÃO: Pra falar com o vigário, primeiro precisa falar com o sacristão.

CEARIM: E pra falar com o bispo, eu preciso primeiro falar com o vigário, e pra falar com o papa, eu tenho que falar com essa padraizada toda.

SACRISTÃO: Olha a heresia aqui na sacristia.

CEARIM: Vai chamar Seu Vigário antes que eu me enfeze e entre na raça aí dentro dessa meleca.

SACRISTÃO: Oh, meleca! O templo do senhor.

CEARIM *(imita)*: O templo não... o templo do senhor, não. A sacristia

que é a casa do sacristão.

SACRISTÃO: Agora que eu não chamo mesmo.

CEARIM *(berra)*: Seu Vigário. Oh de casa... Seu Vigário!!! Tem visita!!

SACRISTÃO: Está maluco, o desgraçado.

(Vem o Vigário.)

VIGÁRIO: O que foi? Que barulhada é essa na porta da Igreja? Seu Sacristão, ordem... ordem...

SACRISTÃO: É esse herege, Vigário, fazendo arruaça na porta da Igreja.

CEARIM: Na porta da igreja, não! Na porta da sacristia, que pela Igreja eu tenho muito respeito, Seu Vigário, e esse sacristão de... Bênção, padre... Pois é, ele não queria deixar.

VIGÁRIO: O que é de tão importante assim que o faz desrespeitar a igreja com essa barulhada toda?

CEARIM: Só posso falar depois que esse sacristão for pra... Bênção, padre... tratar da sacristia e deixar a conversa entre eu e o Seu Vigário.

VIGÁRIO: Vá lá pra dentro.

SACRISTÃO: Por isso não respeitam mais a religião.

(Sacristão sai resmungando. Cearim puxa a carta.)

CEARIM: É uma carta muito importante que me mandaram e, como eu não sei ler, e já não confio mais em ninguém... A não ser no Seu Vigário, que é ministro de Deus na Terra e não mente e não engana porque se fizesse uma coisa dessas era um pecado desses de não ter mais tamanho de ir parar no fogo do inferno sem nem expiar no

purgatório. É esta aqui pro senhor ler pra mim saber o que ela diz.

(Vigário começa a ler, rosando em latim. Enruga a testa, sorri, fecha a carta e a enfia no bolso.)

VIGÁRIO: Não é nada de muito importante... Seu irmão manda dizer que está tudo bem e que logo manda notícias. Só isso. Até logo e que Deus o abençoe... Ah, toma aí um santinho.

(O Vigário deixa Cearim na porta da Igreja, com o santinho na mão.)

CEARIM: Está tudo muito bem... Ele ia morrendo... Vai mandar notícia, só se mandar do fogo do inferno... Espere aí que eu vou tirar isso a limpo.

(Cearim se esconde na Sacristia. Logo surgem o Vigário e o Sacristão.)

VIGÁRIO: Mas que coincidência. Aí está sem dúvida a mão de Deus! E logo agora que nós estamos precisando de uma reforma na Igreja! Ouça só... *(lê)* Meu irmão... Saudações cangaceiras. Deixei este escrito para o caso de acontecer alguma coisa rápida comigo. Em casos destes te farei jeito de te fazer saber que a botija com as moedas de ouro estão enterradas na sacristia da Igreja do Santíssimo. Dê uma parte ao vigário e manda rezar por mim. Seu irmão Diocleciano. P.S.: Ninguém sabe desta carta, pois quem a escreveu foi um piedoso sacristão, que por segurança e pra manter segredo, me encarreguei de apressar seu caminho na Terra, mandando o tal para o Céu, que é bem mais certo lugar para

uma alma tão piedosa. Do seu irmão Diocleciano Taturana.

SACRISTÃO: É um milagre... Mas não será um truque daquele indivíduo que trouxe a carta?

VIGÁRIO: Não está mais na Terra o sacristão que escreveu esta carta.

SACRISTÃO: Está aí o primeiro mártir da classe.

VIGÁRIO: É... enfim, está no terreno da Igreja, pertence à Igreja.

SACRISTÃO: À sacristia.

VIGÁRIO: À Igreja... Vamos tratar de desenterrar... Vê aí as ferramentas.

(O Sacristão pega a um canto uma enxada e uma picareta.)

SACRISTÃO: A gente vai ter que cavar tudo, não se sabe onde está?

VIGÁRIO: O importante é que esteja aqui... Na casa de Deus.

(Os dois começam a cavar.)

NARRADOR: E o padre e o sacristão, feito tatus fazendo casa, romperam a noite adentro no bate que bate, cava que cava e Cearim escondido no olha que olha, espera que espera. A certa altura, os dois tatus estavam morrendo de sono e caindo de cansados... E da botija... nada.

SACRISTÃO: Quem diria que andei pisando em ouro esse tempo todo.

VIGÁRIO: Quem diria...

SACRISTÃO: Louvado seja!

VIGÁRIO: Pra sempre seja louvado.

SACRISTÃO: Louvado seja!!!

VIGÁRIO: Pra sempre seja louvado!!

SACRISTÃO: Louvado seja!!!!

VIGÁRIO: Pra semp... Oh rapaz, reza menos e cavoca mais.

SACRISTÃO: Só falta aquele pedaço,

ali tem que estar...

VIGÁRIO: Tem que estar...

SACRISTÃO: A gente podia deixar pra amanhã.

VIGÁRIO: Não deixes para amanhã o que podes cavocar hoje. Mas você tem razão, eu estou que não agüento a ferramenta. Vamos dormir e depois a gente trabalha, não tem perigo de ninguém descobrir.

(Os dois se sentam e dormem. Cearim sai do esconderijo e pega a botija.)

SACRISTÃO (sonhando): O ouro.

VIGÁRIO: A botija...

SACRISTÃO: Louvado seja...

CEARIM: Pra sempre seja louvado.

(Cearim vai até o Narrador, que lhe dá um baú e um paletó enquanto fala.)

NARRADOR: Cearim nem dormiu aquela noite só pensando no logro que havia passado no sacristão e no vigário. No dia seguinte, foi à cidade, comprou umas roupas novas, um baú pra guardar o dinheiro e foi à Igreja, só pra ver.

(Cearim na porta.)

CEARIM: Oh de casa!

SACRISTÃO: O que você quer?

CEARIM: Vai chamar o vigário que eu quero falar com ele.

SACRISTÃO: Seu Vigário.

VIGÁRIO (acordando): Descobriu a botija?

SACRISTÃO: Está aí o moço da carta.

VIGÁRIO: Ah é você meu filho... O que quer?

CEARIM: Fazendo reforma, Seu Vigário?

VIGÁRIO: Pois é, uma coisinha à toa...

CEARIM: Uma reforma agrária, não é?

VIGÁRIO: Pois é. O que é que você

quer?

CEARIM: Vim buscar a carta do meu irmão que eu esqueci ontem...

VIGÁRIO: A carta! A carta eu joguei fora.

CEARIM: Foi fazer uma coisa dessas com a carta Seu Vigário?

VIGÁRIO: Olha, pra falar a verdade, não fui eu, foi o sacristão.

CEARIM: É ele tem mesmo cara de xibungo... Bem, Seu Vigário então não tem importância... Eu não faço questão de ficar sem ela pois já sei o que ela manda dizer. *(Bate no baú.)* Até à vista...

VIGÁRIO: Vai com Deus... Olha, toma um santi... Ah, já te dei um santinho.

(Cearim sai rindo.)

CENA 11

Cearim vai comprar terras

CEARIM (canta):

Pé na estrada caminhando
Vou minhas terras comprar
O dinheiro está sobrando
Sobra mesmo até pra dar
Seu vigário está cavando
Seu vigário e o sacristão
Vão revirar a igreja
Sem nunca achar tostão.
Pé na estrada caminhando
Melhorei a situação
Meu dinheiro bem guardado
É que é a minha proteção.

(Aparece a Madrinha.)

MADRINHA: Cearim, meu filho.

CEARIM: Ah, é a senhora. Bêncão madrinha. Como vai a coisa lá em cima? Como vai o Anjo Rafael, o Gabriel e os anjinhos todos? Bem? Então muito bem, já vou me despedindo, estou com uma pressa danada.

MADRINHA: Como vai a vida?

CEARIM: Boazinha, Madrinha.

MADRINHA: Então, meu filho, pagou a promessa do cangaceiro?

CEARIM: Isso eu paguei. Me escorcharam, me judiaram, andei preso, me enganaram, mas pagar promessa isso eu paguei.

MADRINHA: Você foi muito bom, meu filho.

CEARIM: Fui mesmo, isso é que se chama bondade da boa.

MADRINHA: Então estás com a vida terrena a gosto.

CEARIM: Tá especial, Madrinha!

MADRINHA: Quer dizer, então, que não precisas mais de mim?

CEARIM: Bem dizer, preciso mais não. Mas quero que a senhora apareça em casa pra tomar um cafezinho e comer uns beijus, pois vou comprar umas terras com um dinheirinho que eu achei por aí.

MADRINHA: Está bom meu filho, então até um dia.

(Antes que a Madrinha desapareça, Cearim chama.)

CEARIM: Madrinha! Oh Madrinha! Precisando de alguma coisa...
(Bate na caixa do dinheiro.) é só chamar!

MADRINHA: Adeus, meu filho! Seja bom!

CEARIM *(batendo na caixa):* Seja sim.

NARRADOR: E lá vai o nosso Cearim alegre e desimpedido, comprar suas terrinhas.

Sim senhor, o moço Cearim, com a cabeça em cima do pescoço, os pés na terra, sem mais nuvens de bondade nem maldades,

vai se tornar um homem rico e poderoso.

Mas numa curva do caminho...

(Aparecem, pelas costas de Cearim, o Cego e o irmão do Cangaceiro do testamento. Cearim se vira e se aterroriza diante dos dois terríveis facínoras, que estão armados até as gengivas.)

CEGO: Olha que bem nos encontramos. Pois está aí com muito interesse em ter uma conversinha com sua senhoria. Esse aí é o irmão do Cangaceiro que tu matou, roubou e ainda foi desenterrar a botija de ouro que estava enterrada na Igreja do Santíssimo. Se entenda com ele.

CEARIM: Agora é que eu estou mesmo entre a cruz e a caldeirinha.

(Vem a voz da Madrinha.)

MADRINHA *(em off):* Cearim, meu filho, quer ajuda?

CEARIM: Quero nada não, madrinha! Sozinho me arrumo melhor.

(O cangaceiro e o cego se preparam para matá-lo.)

NARRADOR: E assim, termina a primeira parte desta história. Nosso Cearim está encurralado pelo cínico cego e o terrível irmão do cangaceiro do testamento.

Dispensada a ajuda da madrinha, quem poderá salvá-lo?

Isso é o que veremos dentro de alguns minutos, na segunda parte desta história, parte que se intitula "Os perigos da maldade".

Fim da 1ª Parte

Segunda Parte:
Os perigos da maldade

CENA 12
Encurralado

NARRADOR: No último capítulo, vimos que Cearim, após ter ludibriado o padre e o sacristão, foi encurralado em uma curva do caminho pelo cego e pelo temível irmão do cangaceiro do testamento. A história agora continua inesperadamente...

CEARIM: Olhe aqui seu cangaceiro... É mentira do cego, eu ainda até que ajudei seu irmão a subir pro céu, cumprindo uma promessa que ele fez na horinha da morte.

CEGO: Tá vendo como é a esperteza dele?

IRMÃO: Dá pra cá esse baú.

CEARIM: Ai meu Deus, meu dinheirinho.

CEGO: Deixa que eu seguro.

IRMÃO: Segura aí que depois a gente divide.

CEGO: O que a gente vai fazer com o infeliz aí? Acho melhor ir tacando logo uns tiros bem dados que é pra ele desencarnar e não dar mais trabalho.

CEARIM: Ah cego do inferno, quer ver minha caveira seca...

IRMÃO: Acho que você tem sua razão, seu cego. Vamos trabalhar rápido. Olha aí, oh infeliz, pode ir rezando pra se desincumbir dos pecados...

CEARIM: Ai, agora eu estou frito... Espera aí! Que medalhinha é aquela no pescoço do cangaceiro. *(Olha de perto.)* Ah, já sei, vou fazer uma reza mais alta...

IRMÃO: Vai fogo...

CEARIM: E fico até contente de morrer neste dia santo. Dia do meu santo padroeiro.

IRMÃO: Lá vai...

CEARIM: Meu São Jorge abençoado, lá vou eu pro céu!

IRMÃO *(baixando a arma):* Pois quem é seu santo padroeiro?

CEARIM: São Jorge, sim senhor.

IRMÃO: E hoje é dia dele...

CEARIM: Pois é assim certo, eu até estou morrendo de alegria por ser neste dia. Dia do meu santo padroeiro.

IRMÃO: Sorte tem ele de hoje ser dia de São Jorge, que é também meu padroeiro. Dia no qual por respeito e para salvar a alma não tiro a vida de nenhum vivente.

CEGO: E essa agora que é de virar com tudo.

CEARIM: Me mate logo seu cangaceiro, que eu quero morrer no dia do meu Santo padrinho.

IRMÃO: Mato não, que é meu padrinho também.

CEARIM: Mata, vá...

IRMÃO: Mato de jeito nenhum...

CEGO: Ora veja que despropósito de coincidência. Assim não pode ser...

IRMÃO: Estou dando no pensamento que a gente até que podia deixar ele ir embora.

CEARIM: Eu queria ser matado, mas já que é o dia do nosso padroeiro...

CEGO: Mas não está certo não.

CEARIM: Olha aqui, seu cego descarado, ninguém lhe chamou na conversa. Não se meta na amizade de dois afilhados de São Jorge. *(Cutuca ele seu*

cangaceiro.) Até que vendo de lado esse cego tem uma cara de dragão, num tem?

CEGO: Por São Jorge eu também tenho muito respeito, mas é que se a gente solta ele vai diretinho na delegacia dar parte do acontecido. Já conheço as manhas desse danado. O melhor é guardar ele até a meia-noite que então o dia do seu santo padroeiro é passado, e não vai ter mais por que não dar cabo com a vidinha dele.

CEARIM: Ah cego da moléstia.

IRMÃO: Tá aí, muito bem pensado. Amarra o bicho e vamos esperar passar o tempo.

(Vão amarrando.)

CEGO: Enquanto a gente espera, não ia de muito mal um joguinho de baralho, dinheiro é o que não falta...

IRMÃO: Aceito e faço fé que um joguinho é sempre bom. Amarra bem forte pra não dar cuidado...

CEGO: E deixamos ele aqui bem no sol, pro cabra ir se acostumando com a quentura do inferno, que é pra onde vamos mandar o tal.

IRMÃO: Vamos ao joguinho numa boa sombra que tem ali na baixada.

CEGO: E tenho um baralhinho que está estralando de tão novo...

(O cego e o cangaceiro se afastam.)

CENA 13

Cachorro versus Madrinha

CEARIM: Ai, que desta vez não escapo...

MADRINHA *(aparecendo):* Cearim, meu filho, quer alguma coisa?

CEARIM: Olha aqui madrinha, já disse que não quero. A senhora pode

me soltar?

MADRINHA: Soltar?!

CEARIM: Então é bom a senhora ir dar uma voltinha por aí, que do jeito que vai indo a coisa eu vou acabar é mesmo apelando pro capeta de uma vez.

(Uma explosão: a Madrinha dá um grito. Logo surge de um lado o Capeta, o Cachorro.)

CACHORRO: Auuuuuu Auuuuur..... Me chamou?

CEARIM: O que foi... Eu chamei nada não... estava só brincando.

CACHORRO: Não gosto dessas brincadeiras. AurrAuAurrrgrgrgr.

CEARIM: Ai meu Deus do céu, é o próprio Cão em pessoa. Onde é que eu fui me meter.

CACHORRO: Chamou ou não chamou? Aurrrrgugugurr.

CEARIM: Olha aqui, quer saber de uma coisa? Pra quem meteu um pé na graça de vaca, meter os dois é quase o mesmo... Olha aqui, seu Cachorro, chamei sim, estava precisando de uma ajudinha pra escapar de uma enrascada em que me vi entrado.

CACHORRO: Vá dizendo, meu filho.

CEARIM: Estou preso por dois malfeitores que querem me matar.

CACHORRO: E o que quer que eu faça?

CEARIM: Que dê um jeito de me soltar.

CACHORRO: Olha aqui... Soltar, soltar, eu não posso não...

CEARIM: Então, mande alguém pra me soltar...

CACHORRO: Isso eu posso tentar mas duvido, que pra me escutar precisa ter umas orelhas certas.

CEARIM: Queria então que mandasse umas labaredas queimar o bandulho dos danados que estão ali jogando baralho.

Manda, seu Cachorro, manda.

CACHORRO: Aqui pra nós, pra dizer bem a verdade, esse negócio de fogo, raio, labareda, garfo, faca etc... Não é muito mais que história que os padres inventaram pra botar medo nos crentes...

CEARIM: O que é que o senhor pode fazer então?

CACHORRO: Posso te dar proteção enquanto você for mau. Se você praticar o mal, estarei sempre ao seu lado, para o que der e vier. Seja mau, Cearim, muito mau, e as coisas do mundo estarão sempre do jeito certo, pratique o mal e todos te darão respeito. Vá, meu filho, faça o mal.

CEARIM: Ir pra onde, amarrado deste jeito?! Até logo, então, seu Cachorro.

CACHORRO: Até, meu filho. Precisando de mim é só chamar...

CEARIM: Chamo sim... eu chamo...

CACHORRO (*fazendo um corno com os dedos*): Sempre alerta!

CEARIM: Sempre alerta...
(*Cão desaparece.*)

CEARIM: Essa é boa. Chamar pra quê, se não dá jeito em nada?

MADRINHA (*aparecendo*): Cearim, meu filho, quem estava ainda pouco conversando com você?

CEARIM: Ah era um... era um amiguinho meu, Madrinha.

MADRINHA: Esse cheiro de enxofre queimado não me engana. Foi o Cachorro quem esteve aqui não foi? Sempre fazendo

concorrência, o danado. Você não fez negócio nenhum com ele, não é meu filho?

CEARIM: Fazer, eu não fiz não. Olha aqui, madrinha, a senhora pode me soltar, pode?

MADRINHA: Que jeito eu poderia dar?

CEARIM: Olha, então a senhora me desculpe, mas eu prefiro ficar só, para poder pensar melhor e dar um jeito de escapar desta.

MADRINHA: Seja bom Cearim, e tuao estará bem.

CACHORRO (*em off*): Seja mau e tudo correrá bem.

(*A madrinha some num grito.*)

CEARIM: Sejo sim, seja tudo que vocês querem... Os danados jogando com meu dinheirinho, e depois vão me matar, o que que faço... Olha lá uma velha de preto, vou gritar pra ela vir me soltar... Velha, oh velha, socorro, oh de lá, socorro, oh de lá...

(*Vêm o cangaceiro e o cego.*)

CEGO: Depressa, bota ele dentro deste saco, que vem gente...

(*Cego e Cangaceiro amordaçam Cearim e o botam dentro do saco. Vem o vigário e os dois cantam e dançam o xaxado.*)

OS DOIS: Socorro oh de lá
Socorro oh de lá

Assim gritava o pobre infeliz

Pedindo ajuda e salvação

O senhor veio em sua proteção.

VIGÁRIO: Que é isso, meus filhos?

CEGO: Estamos cantando umas musiquinhas pra alegrar Deus, Seu Vigário.

IRMÃO: É que hoje é dia do meu santo padroeiro, e então pedi ao meu bom amigo...

CEGO: Bom amigo cego...

IRMÃO: Pois é, ao meu bom amigo cego, pra que cantasse umas rezas bonitas pra festejar a data do dia acontecido.

CEGO: Quem é rico, conta os seus. E quem é pobre canta pra Deus.

VIGÁRIO: Cantem, meus filhos, cantem.

(Os dois cantam e dançam. O vigário dança um pouco e depois vai embora.)

CEGO: Já foi?

CEARIM: É bom deixar o bichinho ensacado mesmo.

(Volta o vigário. Eles cantam de novo.)

VIGÁRIO: Olha aqui, meus filhos, vocês não viram por acaso meu sacristão? Ele estava junto comigo e, de repente, saiu correndo atrás de uma borboleta e não o encontrei mais...

CEGO: Eu não vi que sou um pobre cego, Seu Vigário.

IRMÃO: Não vimos não, Seu Vigário.

VIGÁRIO: Então continuem e que Deus vos abençoe.

(Os dois seguem cantando e o vigário desaparece. Quando vão voltar ao saco, o vigário volta novamente. Cantam.)

VIGÁRIO: Olha aqui, meus filhos, um santinho para cada um...

CEGO: Deus esteja...

IRMÃO: Em santa glória.

(Cantam de novo e esperam. O vigário não volta.)

CEGO: Pronto, agora foi de uma vez...

Olha aqui, é bom deixar o bichinho ensacado mesmo, que é pra não dar trabalho. Depois, é só meter umas balas no saco mesmo e o bicho já empacota de acordo... Vamos continuar o

joguinho...

IRMÃO: Pra já...

(Saem os dois. O saco pula que pula. Aparece o sacristão, correndo atrás de uma borboleta, tropeça no saco e cai.)

SACRISTÃO *(com a borboleta na mão):* Seu Vigário, olha que beleza de borboleta! *(Cai e levanta-se.)* Ué, o que será que tem dentro deste saco? Parece que não tem dono e tudo o que não tem dono pertence à Igreja, e na ausência do vigário, à sacristia.

(Abre o saco, descobre Cearim, tira-lhe a mordaca.)

SACRISTÃO: Nossa! O que é que você está fazendo aí?

CEARIM: Pois se eu... Olha eu... Foi aqui um...

CÃO *(em off):* Seja mau, meu filho. Auuuuuurrrgggrurururuauaua.

CEARIM *(mudando a chave):* Pois é, seu sacristão, o senhor veio me atrapalhar tudo de uma vez. Não tinha outra coisa que fazer que andar por aí abrindo os sacos alheios, que não são de sua conta? Agora então, que já estragou tudo, me desamarre.

(Sacristão vai desamarrando.)

CEARIM: Por que então tinha que se meter na minha vida, logo agora que eu ia arrumar ela de uma vez.

SACRISTÃO: Eu não estou entendendo nada de nada...

CEARIM: Pois eu conto... eu conto. Não é que eu estava andando por esta estrada aqui quando, de repente, topei com uma luz muito forte, muito bonita, muito brilhante. Parei meio com medo.

Era sabe o que? Um anjo...

SACRISTÃO: Um anjo, louvado seja!

CEARIM: Pra sempre seja louvado. Pra dizer bem a verdade, eram dois anjos. Um preto e um branco.

SACRISTÃO: Dois anjos. Louvado seja.

CEARIM: Pra sempre seja louvado.

Então, os anjos vieram voando e pararam bem em cima da minha cabeça. Daí o anjo preto, um anjão assim, com umas asas aqui nas costas, veio descendo mais baixo e falou: "Meu filho, estamos passando pelo mundo para dar prêmio aos homens de bom coração. Você foi o escolhido".

SACRISTÃO: Louvado seja!

CEARIM: Para sempre seja louvado.

Então, o anjinho branco veio, era uma belezinha, seu sacristão, com as asinhas de purpurina... Voava que nem uma curruíra, trui, trui, parou tremelicando as asinhas e falou delicadinho. Era um querubim. "Olha, meu filhinho, entre neste saco sagrado e depois viremos buscá-lo para passear no céu. E lá no jardim maravilhoso, onde os frutos são todos de ouro, poderá colher quantos quiser e assim, quando voltares à Terra, terás vida farta e regalada".

SACRISTÃO: De ouro?

CEARIM: De ouro.

SACRISTÃO: Louvado seja.

CEARIM: Para sempre seja louvado.

Daí, o anjinho subiu e o anjão preto veio de novo, vapt, vapt, vapt e disse: "Olha, meu filho, depois de entrar no saco sagrado do meu companheiro, não poderás falar com nenhum

mortal e se, por um acaso, algum o encontrar, então, como prêmio à bondade de samaritano de quem o encontrou, você deve ceder seu lugar a este (*aponta o sacristão*) samaritano. Coloque-o dentro do saco, que uma outra vez o premiaremos novamente".

SACRISTÃO: Louvado seja!

CEARIM: Para sempre seja louvado.

Pois não é, Seu Sacristão, que você deu de me encontrar e me tirou a vez de visitar o jardim do Paraíso.

SACRISTÃO: Não foi por mal, eu queria apenas salvá-lo desta situação.

CEARIM: E eu que queria colher os frutos de ouro pra ficar rico.

SACRISTÃO: Por isso o Senhor fez com que eu o encontrasse. Essa ambição desmedida.

CEARIM: Olha, Seu Sacristão... Vamos fazer um trato... Você me fecha dentro do saco novamente e eu me vou. Na volta trago umas frutinhas de ouro para você também... Umas abóboras.

SACRISTÃO: De jeito nenhum. Seria um pecado terrível. Os anjos não podem ser enganados. Em se tratando da vontade de Deus, não discuto, vou logo cumprindo... Me ponha dentro do saco.

CEARIM: Ah seu sacristão, como eu gostaria de ir... Logo, logo à meia-noite os anjos vêm buscar e você vai ver aquela anjaiada toda.

SACRISTÃO: Vamos, amarre bem forte e me esconda pra ninguém me encontrar. Escuta, os anjos disseram que os frutos eram de ouro?

CEARIM: E com pedras preciosas.

SACRISTÃO: Louvado seja.

CEARIM: Para sempre seja louvado.

Toma, meu filho, leva a tua borboletinha.

(Bota a borboleta no saco e fecha.)

CEARIM: A minha pele pela dele, que eu não sou mais besta.

CACHORRO *(em off):* Parabéns, meu filho.

CEARIM: Tá contente né, seu Cachorro. Vai ficar mais depois que eu terminar uns planos que eu tenho aqui no meu bestunto. Agora toca a esconder e esperar a meia-noite. Boa viagem, bom sacristão.

SACRISTÃO *(com mordança):* Louvado seja.

CEARIM *(canta):*

Viver é muito perigoso
Viver não é mole não
Tinha a ajuda de Deus
Tenho a ajuda do Cão
De ensacado que eu estava
Ensaquei o sacristão
Viver é muito perigoso
Viver não é mole não.

(Cearim vai saindo de cena.)

NARRADOR: E Cearim esperou escondido que as horas passassem. Dentro do saco milagroso, o sacristão esperava a hora gloriosa de visitar os jardins do Paraíso. E quando já era meia-noite...

(Vêm o cangaceiro e o cego.)

IRMÃO: Chegou a hora da hora mais triste para o nosso amigo.

CEGO: No fundo era um bom sujeito.

IRMÃO: É, pensando bem, era sim...

CEGO: É, mas vai metendo uns chumbinhos no buchinho dele.

IRMÃO: Tem certeza que já passou a meia-noite?

CEGO: Pois se olha a altura da lua.

IRMÃO: Pois se então, vamos lá.

CEGO: Vamos logo, que o joguinho estava bom.

IRMÃO *(vai atirar):* Espera aí. Não fica bem a gente mandar o tal sem encomenda. Umaz rezas iam de muito bem. Inda mais que sou um cabra cristão e afilhado de São Jorge.

CEGO: Pensando bem, está com a razão. Vamos dar uma rezadinha.

IRMÃO: Começa.

CEGO: Pode começar.

IRMÃO: Começa daí que eu repuxo daqui.

CEGO: Começa daí que eu trepuxo daqui.

IRMÃO: Pra dizer a verdade, não tenho nenhuma reza de memória que me alembra.

CEGO: Pois não é que eu também não? Não tem importância, o que vale é a intenção.

IRMÃO: Pois já ajuda levar o bruto pra perto daquele mato... Tá mais leve o desgraçado.

(Sai uma agüinha no chão.)

IRMÃO: Olha aí, compadre cego. Ele está se livrando dos pecados.

CEGO: Pronto, agora toca fogo de uma vez.

IRMÃO: Vai com Deus, infeliz.

(Taca dois tiros nele. Ouve-se um mugido e nada.)

CEGO: Pronto! Morreu!

(Canta.) Que Deus se apiedeie
Da alma deste coitado
Que de ir ao céu não arreceie
Pois que vai bem ensacado
Hoje vai um
Amanhã outro vai
E um dia nós vamos também

Bendito seja os dois: amém.

CEGO: Agora vamos terminar o joguinho.

(Os dois vão jogar em um canto. Cearim entra e vai até o saco.)

CEARIM: Pobre sacristão de uma figa... Pagou a ambição com a vida. Enfim, se ele foi bom, deve estar a caminho de um bom purgatório. Se não foi, que se lasque. Agora, vamos cuidar desses dois safados, que estão muito a fresco no seu joguinho.

(Cearim, escondido atrás de uma moita, chega até perto deles, que jogam.)

CEGO: Tome lá que esta num se mata.

IRMÃO: Pois leve um trunfo.

CEGO: Reboque de igreja velha, sapiquá de lazarento, tome de volta.

IRMÃO: Pois levo... Eta joguinho bão, a única coisa é que está me dando uma danada güela seca.

CEGO: Pois não é que em mim também. A gente podia caminhar até a bodega e tomar uns bons tragos.

IRMÃO: Falado e dito. Vamos tocar pé no caminho.

CEARIM *(escondido, com voz de fantasma):* Já vãooooooooo?
(Os dois estacam.)

IRMÃO: Ouviu isso, compadre?

CEGO: Foi um cachorro do mato.

CEARIM: Eu vou atrás
aaaiaiaiaiaiauaauraiiiii!!!

IRMÃO: Ai, Minha Nossa Senhora do Bom Parto... Bem me pareceu que a voz vinha dali daquele lado onde está o cadáver falecido morto por nós matado.

CEGO: Seja o que for, o melhor é ir

embora.

CEARIM: Até mais logoooooooooooo.

(O cego e o cangaceiro dão no pé. Cearim sai do esconderijo.)

CEARIM: Agora vou atrás deles, quero pegar os dois quando estiverem bem encachaçados.

CENA 14 Na Bodega

(Cego e Irmão jogam.)

BODEGUEIRO: Eu vou lá dentro fazer umas contas. Precisando de alguma coisa é só chamar.

IRMÃO: A gente chama. Pode ir seu bodegueiro. Olha, pra dizer a verdade, até que está me dando um receio que a tal voz que nós ouvimos era a alma do infeliz vagando perto do corpo do cadáver falecido do morto.

CEGO: Que nada, era um cachorro do mato.

IRMÃO: Rei.

CEGO: Dama.

IRMÃO: Opa, até parece que despachar aquele infeliz está me dando sorte no jogo...

CEGO: Oh azar da peste...

IRMÃO: Ainda que não queira me lembrar, parecia que a voz dizia assim: já vão, eu vou atrás.

CEGO: Não, parecia uma voz que dizia assim... Até logo jáaaaa.

CEARIM *(metido em baixo da mesa):* Tô aquiiii.

IRMÃO: Isso eu não ouvi.

CEGO: Nem eu.

IRMÃO: Então, por que é que falou?

CEGO: Eu não falei...

IRMÃO: Então, vai ver que fui eu mesmo e nem reparei.

CEARIM: Tô aquiiii.

CEGO E IRMÃO: Tá vendo? Você falou

outras paragens bem distantes...

IRMÃO: Vamos pra Tribobó...

CEARIM: Mais longe...

IRMÃO: Brocoió.

CEARIM: Vão mais longe, vão pra ponte que partiu!

IRMÃO: Pois vamos sim, senhora dona alma.

CEARIM: Se os encontrar novamente, levo os dois pras profundas... Correeeeiiiiii.

(Solta os dois.)

IRMÃO: Soltou. Dá no pé, cego.

CEGO: Já fui...

(Cearim ri às bandeiras despregadas.)

CEARIM: Seu bodegueiro... Seu bodegueiro...

BODEGUEIRO: Pronto... Ué, cadê os dois que estavam jogando baralho aqui?

CEARIM: Foram embora pra ponte que partiu. O baralho deles é inglês, tem mais de dez reis... Mas não se aborreça, que deixaram dinheiro pra pagar a conta... Olha seu bodegueiro, sabe quem tem umas terras pra vender por estas bandas?

BODEGUEIRO: Olha, pra dizer a verdade, a terra aqui tem só dois donos: as da fazenda do Coronel e as da fazenda do Padre.

CEARIM: Do vigário da paróquia?

BODEGUEIRO: Do vigário da paróquia.

CEARIM: E sabe se algum deles está querendo vender?

BODEGUEIRO: Que eu saiba, nenhum. Estas terras dão muito dinheiro...

CEARIM: Ora veja só. Seu bodegueiro, podia me vender aquele bauzinho, que eu estou precisando de um bauzinho

maior pra guardar umas coisinhas minhas.

BODEGUEIRO: Se quiser, pode levar aquele ali mesmo. Já está aí há muito tempo e acho que o dono não vem mais buscar. Era de um artista de um circo que passou por aqui, ficou me devendo umas contas e largou o baú de garantia.

CEARIM: Então muito obrigado, seu bodegueiro. Até mais ver.

(Sai com o baú.)

CEARIM *(abre o baú, remexe-o e tira uma roupa de bispo):* Olha só... uma farda de bispo... Não é que me bateu aqui agora, então o Seu Vigário tem umas terrinhas. Santas terrinhas. Espera aí que vou tirar uma consulta. Madrinha, oh Madrinha.....

MADRINHA: Cearim, meu filho, o que foi... Está bem, meu filho?

CEARIM: Muito bem, Madrinha. Olha, eu chamei a senhora por querer saber de uma coisa... Olha, Madrinha, quem é mais querido de Deus: os grandes reis ou os pobrezinhos que não têm nada?

MADRINHA: Ah, Cearim: "bem aventurados os humildes, pois deles é o reino dos céus".

CEARIM: E tem aquela outra ainda, dos camelos nos fundos das agulhas.

MADRINHA: Pois é certo, meu filho: "é mais certo um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino do céu".

CEARIM: Então, quer dizer que os ministros de Deus na terra têm que dar o bom exemplo?...

MADRINHA: Claro, meu filho, assim tem que ser.

CEARIM: Então, agora eu já vou com mais confiança.

MADRINHA: Vai aonde meu filho?

CEARIM: Nada não, Madrinha... É umas coisinhas minhas. Pode ir, viu Madrinha.

MADRINHA: Precisando de mim é só chamar.

CEARIM: Chamo sim... Vaaaa, adeussss Madrinha.

(Madrinha desaparece.)

CEARIM: Agora, vamos chamar o outro lado... Seu Cachorro, venha aqui pra gente bater um papinho.

CACHORRO *(aparecendo):*
Auuuuurrrggg. Pronto, meu filho, o que você quer?

CEARIM: Queria fazer uma perguntinha pro senhor.

CACHORRO *(cheira o ar):* Sniffsniff. Cearim, meu afilhado, quem estava aqui com você?

CEARIM: Ninguém não, uma conhecida...

CACHORRO: Esse cheiro de velas não me engana. Foi aquela sirigaita, sempre se metendo em tudo.

CEARIM: Ah, Seu Cachorro, me admira o senhor com um rabo desse tamanho ligar pra certas coisinhas. Eu queria fazer uma pergunta.

CACHORRO: Pode fazer, meu filho.

CEARIM: Se o vigário da paróquia tem umas terrinhas e eu tenho aqui no meu bestunto um plano de levar as terrinhas dele, qual é o certo?

CACHORRO: Mate o vigário, coma ele com farinha, beba o sangue do desgraçado, queime a igreja, jogue bomba na quermesse. Auuuu auurrrggguer.

CEARIM: Oh sujeitinho mau...

CACHORRO: O que foi? Auuuurrrggg.

CEARIM: Nada não, Seu Cachorro. Muito obrigado, já sei o que perguntei. Até à vista.

CACHORRO: Até à vista, meu filho, e seja mau.

CEARIM: Sejo, sim senhor.

CACHORRO: E não se esqueça: sempre alerta!

(Faz sinal de corno com a mão.)

Cearim faz sinal de figa e Cachorro de corno, até que os dois concordam.)

CENA 15

Porta da Igreja

(Cearim chega à porta da igreja.)

A batina ficou presa no cinto de sua calça.)

CEARIM *(imponente):* Seu Vigáriooooooooo. Senhor Vigáriooooooooo...

VIGÁRIO: Quem é a estas horas da noite.

CEARIM: É o bispo... Mandado do Papa.

VIGÁRIO: Ah, pois não. Mas como é que Vossa Reverendíssima chega assim, sem aviso e ainda mais a pé?

CEARIM: Vim de leiteira, mas deixei logo ali embaixo. Seu Vigário, vim aqui especialmente pra trazer um recado do Papa, o Santo Papa.

VIGÁRIO: Recado?!

CEARIM: Recado. O Santo Papa soube que o senhor vigário é dono de muitas terras... que tem fazendão. O Santo Papa não gosta disso não. Ele mandou dizer que tão logo possa, o senhor se desfaça dessas terras.

VIGÁRIO: Que eu me desfaça...

CEARIM: Mas o Santo Papa não quer que se desfaça das terras assim de repente. Quer que dê de graça ou venda por um preço bem barato. No máximo um baú de dinheiro.

VIGÁRIO: Um baú?!

CEARIM: Um baú. Hummmmm!!! Mas o Santo Papa não quer também que essas terras caiam nas mão de um herege qualquer por aí... O Santo Papa quer que o senhor dê as terras a um moço honesto, trabalhador, piedoso, cristão, humilde, devoto, caridoso, e que traga no pescoço uma corrente com santo e crucifixo.

(Cearim se volta e o Vigário olha atrás da batina dele.)

VIGÁRIO: E o que mais o Santo Papa manda dizer?

CEARIM: Manda dizer que faça isso bem logo, porque senão... Hummm. Agora vou embora que o Santo Papa está me esperando. Até logo, seu Vigário, cumpra as ordens. Tome lá um santinho. E, Seu Vigário, sempre alerta!

(O Vigário entra na igreja. Cearim corre aonde deixou o baú. Canta enquanto troca de roupa e coloca um grande crucifixo no pescoço.)

CEARIM *(canta):*

Viver é muito perigoso
Viver não é mole não
Já tive a ajuda de Deus
Tenho a ajuda do Cão.
Seu vigário está com medo
Vai me dar o fazendão
Já fui bispo, já vi anjo
Já posei de assombração.
Viver é muito perigoso

Viver não é mole não.

CEARIM *(chegando, muito humilde, à porta da igreja):* Seu Vigáriooooo, Seu Vigáriooooo...

VIGÁRIO: Quem seria... Ah, é você, meu filhinho?

CEARIM: Sou eu, seu Vigário. *(Beija sofregamente a mão do Vigário)* Bênção, santo Vigário.

VIGÁRIO: Deus te abençoe. O que quer, meu filho?

CEARIM: Nada, seu Vigário. Apenas vim ficar mais perto de Deus e nenhum lugar é mais perto que a sua Santa Casa.

VIGÁRIO: Muito bem, meu filho.

CEARIM: Vim também trazer um dinheiro pras caridades da paróquia. Eu também não tenho nada, mas quem dá aos pobres empresta a Deus.

VIGÁRIO: Muito bem, meu filho. E o que mais?

CEARIM: Queria também que o seu Vigário fizesse o favor de benzer este santo crucifixo que eu trago sempre pendurado no pescoço.

(Ostenta o crucifixo.)

VIGÁRIO: Espera aí, meu filho, que já vou te encher de bênçãos. Podem levar, está acusado de tentar roubar a Igreja de Deus.

(Surgem o Cabo e o Sargento.)

CABO: Esteje preso.

SARGENTO: Então, o senhor queria passar o conto do vigário no próprio dito cujo?

CEARIM: Volta e meia acabo dando com os costados na cadeia.

SARGENTO: Dê pra cá esse baú. O que é que tem dentro?

CEARIM: Uns dinheirinhos meus.

SARGENTO: Está confiscado.

Guardado e protegido pela lei.

CEARIM: E lá se vai o meu rico
bauzinho.

SARGENTO: Seu Cabo, fique tomando
conta da cadeia, assuma o
comando, enquanto eu vou até
em casa contar este dinheiro.
Qualquer coisa, dê o alarma.

CABO: Pode ir descansado, seu
Sargento...

(Cearim fica sozinho.)

CENA 16 **Cadeia**

CEARIM: Já estou eu de novo na
enrascada... E olha que com
proteção de tudo quanto é
lado... Proteção. Espera aí, quem
sabe se os dois juntos, o padrinho
e a madrinha, não me tiram
daqui de dentro. Espera aí que
eu vou fazer um chamado geral.
Primeiro o lado de baixo:
Padrinho... Seu Cachorro, vem
aqui bater um papinho.

CACHORRO: Aqui estou, meu filho.
Aurururruggg...

CEARIM: Viu o que me aconteceu de
seguir os belos dos teus
conselhos? Trancado nesta jaula
até nem sei quando...

CACHORRO: Seja mau, meu filho...

CEARIM: Sejo sim... Olha aqui, seu
Cachorro: eu andei ouvindo por
aí certas coisas que muito o
desmoralizam...

CACHORRO: O que foi, meu filho, fale
logo que já estou botando fogo
pelas narinas.

CEARIM: Pois andaram me dizendo...
Mas até tenho medo de contar,
só em pensar na raiva que vai
lhe dar.

CACHORRO: Fale logo, aposto como
foi de alguém da parte de cima.

CEARIM: Pra dizer a verdade, foi
mesmo a minha Madrinha da
parte de cima.

CACHORRO: Aquela... O que foi que
ela disse?...

CEARIM: Pois ela disse que o senhor
tem um medo dela que se pela.
Que, só de ouvir o nome dela, já
treme.

CACHORRO: Mas é uma mentira
deslavada. Não tenho medo
nem Dele, quanto mais dela. Não
acredite, meu filho, são intrigas
da oposição.

CEARIM: Não acredito não... Bom,
agora já pode ir embora... Até
logo, seu Cachorro. Precisando,
eu chamo, viu...

CACHORRO: Seja mau, meu filho. E,
sempre alerta.

CEARIM: Sempre alerta... Bem, agora
vamos ao lado de cima.
Madrinha, venha aqui,
Madrinha...

MADRINHA: Olá, meu filho... Como vai
a vidinha?

CEARIM: Uma mer... porcariazinha,
Madrinha. Estou presinho...

MADRINHA: Coitadinho. Seja bom.

CEARIM: Sejo, sim senhora...

MADRINHA: Por que me chamou?

CEARIM: Ah, Madrinha, é que eu
andei ouvindo umas coisas por
aí a respeito da senhora que até
estou perdendo a fé.

MADRINHA: Que coisas, meu filho... Ah,
se foi o tal caso do Espírito Santo,
eu subo lá em cima e chamo
meu marido pra tirar satisfações.

CEARIM: Desse caso aí não soube
nada, não senhora.

MADRINHA: Quem foi que falou? Só
pode ter sido alguém da parte
de baixo.

CEARIM: Pois foi justamente o meu padrinho da parte de baixo.

MADRINHA: Eu sabia! E o que foi que ele mentiu?

CEARIM: Tenho até medo de falar, só pensando na raiva que vai lhe dar.

MADRINHA: Pois fale, que já estou vendo nuvens vermelhas na minha frente.

CEARIM: Pois o meu padrinho me disse que senhora morre de medo dele, que só de saber que ele está por perto a senhora... fiupt... está sumindo.

MADRINHA: É uma mentira deslavada... Eu não tenho medo daquele pateta.

CEARIM: Eu sabia que a senhora não tinha medo dele...

MADRINHA: Nem dele, nem de mil iguais a ele.

CEARIM: Eu estou quase chamando ele aqui, pra ver com quem é que está lidando.

MADRINHA: Chamar o Cão? Mas não é preciso...

CEARIM: Olha o medo...

MADRINHA: Medo? Pode chamar, aposto que ele nem aparece eu estando aqui.

CEARIM: É pra já que eu vou chamar. Seu Cachorro, venha depressa que tem gente esperando.

(Surge o Cachorro. Madrinha se esconde atrás do véu e Cachorro atrás da capa.)

CACHORRO: Ai.

MADRINHA: Ui.

CACHORRO: Ai.

MADRINHA: Ui...

CEARIM: Agora que está bom mesmo isto aqui. A parte de baixo mais a parte de cima.

(Os dois estão com medo um do outro.)

CACHORRO: Eu não estou com medo de ninguém.

MADRINHA: Alguém aqui está com medo?

CEARIM: Pra dizer a verdade, eu estou um bocadinho.

CACHORRO: Por que me chamou, meu filho?

CEARIM: Agora que nós estamos todos reunidos, eu queria dizer umas coisas. Seguindo o conselho de vossas senhorias eu sempre me dei mal, agora queria ver se aqui nós três juntos, a gente não dava um jeito de me tirar daqui.

MADRINHA: Se quer sair, meu filho, seja bom.

CACHORRO: Seja mau, meu filho.

MADRINHA: Seja bom.

CACHORRO: Seja mau.

MADRINHA: Booommmm.

CACHORRO: Maaaauuuu.

CEARIM (engrossa): Que é isso aqui?! Que é isso aqui?! Que coisa impressionante! Seja mau, seja bom, seja mau, seja bom e eu aqui na jaula. Eu quero uma coisa certa.

MADRINHA: Pois eu subo lá em cima e logo mando dez anjinhos te buscar.

CACHORRO: Pois eu desço lá em baixo e mando dez capetas te salvar.

MADRINHA: Seus dez e mais vinte.

CACHORRO: Seus vinte e mais quarenta.

CEARIM: Truco! Pago pra ver!
(Cachorro e Madrinha somem. Cearim fica sozinho. Logo surgem Ercília e Cabo.)

ERCÍLIA: Olha, seu Cabo, o Sargento está se divertindo na minha casa, mandou trazer este baú aqui que fica mais bem guardado.

CABO: Será guardado. Como vão os negócios?

ERCÍLIA: Assim, assim...

CABO: Deve ter muita freguesia...
Umás meninas tão jeitosas que a senhora arrumou, inda mais a dona, uma belezura assim como a senhora...

ERCÍLIA: Quem é aquele preso ali?!

CABO: Aquele é um gaiato que quis passar o conto do vigário no vigário e se deu mal.

ERCÍLIA *(indo até a jaula):* Você?!

CEARIM: Eu mesmo, dona sem-vergonha. Fazia tempo que não aparecia. Desde o dia que levou meu dinheiro com aquela conversa de gostar de mim. A senhora é que devia estar aqui, mais o cego, o cangaceiro e o vigário.

ERCÍLIA: Mas foi bom, não foi?

CEARIM: Nem tanto, por um preço daqueles...

ERCÍLIA: Sabe, eu fiquei arrependida...
Pensei muito...

CEARIM: Sei.

ERCÍLIA: Se eu pudesse fazer alguma coisa por você...

CEARIM: Pois pode me ajudar a escapar. Olha...
(Cochicha.)

ERCÍLIA: Está certo. À meia-noite então.

CEARIM: O sargento vai estar na sua casa, não vai?
(À meia-noite.)

NARRADOR: E Cearim esperou e quando era meia-noite, o cabo dormia, chega o sargento bêbado e Ercília embriagada.
(Durante o diálogo, Ercília vai tirando a chave que está no pescoço do sargento.)

SARGENTO: Meu benzinho, você está protegida pela lei. Ninguém fecha a sua casa porque a lei, que no caso sou eu, está no seu lado.

ERCÍLIA: O senhor é tão valente, tão militar, tão inteligente!!!

SARGENTO: Minha filha, eu aqui neste fim de mundo estou me perdendo. Com a cabeça que tenho, em outro lugar já seria pelo menos general.
(Ercília vai até a cela. Abre a grade.)

CEARIM: Que é isso?

ERCÍLIA: Um vestido de mulher, assim ele não desconfia de nada.

CEARIM: Ah, de mulher eu não vou.

ERCÍLIA: Vamos logo, não temos tempo a perder.

CEARIM: Vou ficar falado em todos esses arraiás por aí. Ah se a madrinha me visse agora.
(Ercília vai entreter o Sargento enquanto Cearim vai saindo de fino com guarda-chuva na mão e lenço na cabeça.)

SARGENTO: Quem é essa mulher?

ERCÍLIA: É uma das meninas que veio me trazer um recado...

SARGENTO: Ah, que belezinha... Venha cá, minha filha... Como ela é acanhada.

ERCÍLIA: É que ela é nova ainda.

SARGENTO: Venha cá, belezinha, dá um beijinho pra lei. Não adianta esconder a carinha, eu sei que você é bonitinha...

ERCÍLIA: Ela é muito envergonhada.

SARGENTO: Só vai embora se me der um beijinho.

ERCÍLIA: Eu dou, não quer?

SARGENTO: Eu quero é dela. É por capricho.

CEARIM *(dá com o guarda-chuva com toda a força):* Toma beijinho, seu filho de uma égua. Vá beijar a mãe!

CENA 17

Mato

NARRADOR: Com este expediente, Cearim, ajudado por Ercília, conseguiu escapar da cadeia. Foi ao mato onde tinha deixado o baú com as roupas.

(Cearim vem vindo. Ouve um ruído e logo vem uma figura impressionante, com as roupas arreventadas e ramos de flores na cabeça.)

SACRISTÃO: Os anjos, todos os anjos... Anjo, você é anjo?

CEARIM: Que é isso... Ah! É a alma do sacristão vagando nas trevas.

SACRISTÃO: Os anjos, todos os anjos.

CEARIM: Pera aí, não é alma não... O sacristão está vivo, as balas pegaram na cabeça só de raspão e ele ficou bobo... Veja só que sorte a sua, Seu Sacristão. Agora não posso deixar você só no mato. Vem comigo, vamos procurar comida. Afinal, levou os tiros no meu lugar.

(Cearim abre o baú, tira dois hábitos de capuchinho, veste um e dá o outro ao Sacristão.)

CEARIM: Pra quem anda fugido da polícia, nada melhor que andar de frade. Vamos logo, que meu estômago está grudando de fome.

NARRADOR: E Cearim mais o Sacristão desmemorizado seguiram a passo lento pela estrada, em

busca de alguma boa alma que lhes desse o que comer.

Chegaram a uma roça, onde alguns camponeses trabalhavam.

CEARIM: Bons dias, meus irmãos.

CAMPONÊS: Bom dia, santo frade.

CEARIM: Estamos passando para encontrar uma boa alma que nos dê o que comer.

CAMPONÊS: Ih, seu frade, comida aqui não tem não. O Coronel fechou o armazém e só vai dar comida se a gente der metade da colheita e o Vigário faz a mesma coisa.

CEARIM: Pra nós não precisa ser muita coisa... uma carinha com farinha já dava pra quebrar o galho.

CAMPONÊS: Não temos nem pra nós, seu frade.

CEARIM: Estava pensando...

SACRISTÃO: Os anjos...

CEARIM: Cala a boca... Vede, irmãos, ele está variando de fome... Estava pensando que se nos désseis um de comer, eu ia fazer uma reza das boas pro Coronel e o Vigário abrirem o armazém.

CAMPONÊS: O que tem é só esta cuia de farinha...

CEARIM: Já serve, irmão, já serve... *(Cearim come e dá um pouco ao Sacristão.)*

CAMPONÊS: Tá bom de gosto, seu frade?

CEARIM: Está um pouco mofada. Mas pra quem ama, fedor de bode é perfume.

CAMPONÊS: Passou a fome, seu frade?

CEARIM: Aliviou.

CAMPONÊS: E a reza que o santo frade vai fazer pra o Vigário mais

o Coronel abrirem o armazém?

CEARIM: É pra já... Atenção!

CEARIM E SACRISTÃO (*cantam*):

Os anjos, todos os anjos

Os anjos, tão bonitinhos

Os anjos, tão gorduchinhos

Os anjos, tão peladinhos

Os anjos, tão bundudinhos.

CEARIM: Que é isso, dizer uma coisa destas dos santos anjinhos. Olha aqui minha gente, reza só não vai adiantar não.

CAMPONÊS: O que é que adianta, então?

CEARIM: O caso é o seguinte... As terras aqui só têm dois donos. As terras do Coronel e as terras do fazendeiro do Padre. Pois se são só os dois que tem terra é porque o resto não tem terra nenhuma. Então, o negócio é dar um jeito na esperteza e levar as terras do Coronel e do Vigário.

CAMPONÊS: Fazer uma coisa destas com o Vigário! Deus manda castigo.

CEARIM: Olha, ô berro de meia güela: Deus está de férias. O que tem de fazer é despachar logo o Coronel e o Vigário. Sei que vigário é ministro de Deus na Terra, mas também é dono de terras. Então, passa a vara nos donos da terra e o Vigário também vai no embrulho.

CAMPONÊS: Heresia... Mandado do diabo.

CEARIM: Olha aqui o insosso. O diabo renunciou...

CAMPONÊS: Acho que ele está falando certo...

CEARIM: Tem muitas coisas que vocês não sabem... Olha aqui gente, vem pra cá que eu quero contar

uma história pra vocês, uma história que aconteceu comigo... Era uma vez um lugar muito triste, perdido nos longes do sertão. Nos meses de verão...

NARRADOR (*continuando*): A chuva deixava de cair, os rios secavam e a terra rachava... E Cearim começou, ponto por ponto, a recontar sua história desde o dia em que tinha partido de sua terra, cantando em busca de felicidade... Contou tudo... O aparecimento da Madrinha, o testamento do Cangaceiro, o Cego, a noite com Ercília, o Irmão do cangaceiro, o Vigário, o truque do saco, o disfarce do bispo... Enfim, contou, ponto por ponto, tudo o que havia vivido desde o dia em que começara a grande caminhada em busca da felicidade. No seu recontar, os ouvintes foram entendendo que a bondade e a maldade não resolvem, que não é porque o homem é bom ou mau que as coisas acontecem, mas apenas porque o homem é como é. Foram entendendo que a terra devia ser de quem trabalhava nela. E Cearim, no recontar da história, estava com eles.

Quando Cearim acabou, um brilho novo e diferente dançava nos olhos dos lavradores e em seus corações uma vontade de vida nova começava a tomar forma. E, ao compreender a história, a raiva mais linda do mundo brilhava nos olhos dos lavradores.

CEARIM: Estou certo?

TODOS: Certo.

TODOS (*cantam: o Coro da Maldade*):

A gente não pode ser bom
A gente não pode ser mau
Quando a gente quer ser bom
acaba mal
Quando a gente é mau é bom
Quando a gente é bom é mal
O melhor é mesmo ser
Cada vez sempre mais mau.

CEARIM (*canta*):

Mas a maldade não vai pra
sempre existir
Pois um dia há de haver que a
bondade há de vir
Mas até esse dia chegar a
gente tem que ver
Também tem que pensar
pro dia chegar
também tem que lutar
Todos vão ser bons
Ninguém mais vai ser mau
Lindo dia de igualdade
Quando tudo vai mudar.

(Enquanto os camponeses cantam

"a boca chiusa".)

NARRADOR: Não guardo de meu
uso. Conto. Faço mesmo gosto
de contar e recontar. Só por
diversão de ver as caras
mudarem de jeito
quando a história muda de
jeito.

Escolho as partes curtas,
que dão bom lugar de começo,
meio e um bom ponto certo de
paragem...
Fim? Não... que só com morte ou
cataclismo.

NARRADOR (*canta*):

Era uma vez
Era uma vez
Era uma vez uma história
e dentro da história tinha outra
história
e na história da história
tinha uma porção de história
Era uma vez
Era uma vez
Era uma vez

FIM

Obs: Esta peça foi montada pelo Teatro de Arena de São Paulo, em 1961.

Ficha Técnica: Augusto Boal (direção), Flávio Império (cenário e figurinos),
Carlos Lyra (música).

Intérpretes: Lima Duarte (Cearim), Vera Ghertel (Madrinha), Arnaldo Weiss
(Cego), Milton Gonçalves (Cangaceiro e o Irmão do Cangaceiro), Riva Nimitz
(Prostituta), Solano Ribeiro (Sacristão), Nelson Xavier (Bodegueiro e o
Narrador) e Henrique Cesar (Cachorro).

ELES NÃO USAM BLACK-TIE

Gianfrancesco Guarnieri

Peça em 3 atos e 6 quadros.

Marco na história da dramaturgia brasileira, a peça foi escrita em 1955 e, segundo Gianfrancesco Guarnieri, na época com 21 anos, “nasceu de jorro. ia-se estruturando conforme o diálogo era posto no papel. Os personagens apareciam de repente, iam criando forma e a história pouco a pouco se estendia e formava sentido.”

Segundo escreveu Décio de Almeida Prado (Teatro em progresso, pp. 132 a 134, Editora Martins), “Gianfrancesco Guarnieri é um jovem fenômeno do nosso jovem teatro. Com 25 anos, só teve tempo de escrever duas peças. Pois as duas constituíram-se, como se sabe, em êxitos excepcionais, dos maiores de que se tem notícia, modernamente, em palcos brasileiros. Em menos de um ano e meio de atividade pública como autor, Guarnieri já teve certamente mais espectadores do que a maioria dos nossos dramaturgos em toda uma existência dedicada ao teatro. Ambas as peças, aliás, acabaram de sair do cartaz, partindo à procura de novas platéias. *Eles não usam black-tie* irá ao Rio de Janeiro depois de um giro pelo interior, enquanto Gimba se apresenta por uma semana no Teatro Municipal carioca, antes de ir representar o Brasil na Europa. O momento parece, portanto, oportuno para uma derradeira tentativa de se avaliar criticamente os seus respectivos méritos.

Eles não usam black-tie, se não estamos enganados, põe diretamente o dedo na ferida. A greve é o seu tema ostensivo, uma greve operária, de reivindicação de melhores salários, que acaba por separar pai e filho. O pai, revolucionário consciente de seus fins, forte da força de sua classe, é um dos cabeças do movimento. O filho, criado, por circunstâncias várias, em ambiente diverso, pensa em primeiro lugar no próprio futuro. Corajoso quando se trata de enfrentar outros homens – e o fato mesmo de furar deliberadamente a greve põe isso em evidência –, o seu medo é de outra natureza: o grande medo da nossa sociedade moderna, o medo de ser pobre. Jovem, nas vésperas de casar, com mulher e filho em perspectiva, só tem um cuidado: fugir de sua condição operária, melhorar de vida, subir – e quem que ousaria, de consciência tranqüila, lançar-lhe a primeira pedra? A ação, pois, pelo seu lado moral, prolonga-se além dos dados iniciais do problema, transcendendo de muito o caso local da greve. Numa sociedade bem organizada – nada custa sonhá-la e é desses sonhos que se alimenta o doloroso e lento progresso da humanidade – não haveria conflitos assim tão marcantes entre o interesse coletivo e o interesse individual. Ora, é uma alternativa desta natureza que o nosso jovem operário tem de enfrentar. Para ele, greve, revolução, são palavras longínquas e problemáticas promessas de um futuro melhor. A realidade imediata é a mulher, o filho, a fome, a miséria, à qual é preciso fugir a todo o custo. E uma sociedade que se fundamenta sobre o individualmente, como a nossa, não está em condições de exigir sacrifício de quem quer que seja.

Certo que o ponto de vista revolucionário, representado pelo pai, teria bons

argumentos a estas considerações. Mas a perspectiva da peça é a do filho: o drama é seu, ele é quem deverá pronunciar-se perante a existência concreta da greve. A sua posição, no fundo, não diverge muito da de qualquer rapaz de 20 anos chamado a decidir pela primeira vez entre as suas convivências pessoais e certos apelos de outra natureza, menos egoístas e mais generosos. O próprio Guarnieri, como homem, e como homem de teatro, é impossível que não tenha sentido por momentos a tentação do lançar ao mar a incômoda carga das ideologias humanitárias, cuidando, acima de tudo, de defender-se economicamente numa sociedade onde todos sabem defender-se com unhas e dentes. Nem é a nossa vida encarada moralmente, mais do que a soma de uma série de decisões de tal natureza. Não é preciso, portanto, ser operário, ter participado da preparação de uma greve, para sentir o impacto das questões propostas com tanta emoção pela peça. O segredo de *Ele não usam black-tie* é dizer respeito a todos nós, é ter alguma coisa a segredar à consciência de cada espectador.

Para sentir que é este o verdadeiro problema, veja-se como a própria gradação psicológica das personagens repete o choque entre o que é e o que deveria ser, indo do otimismo algo sonhador e ingênuo do pai, sempre pronto a acreditar na perfeição moral da humanidade, até o realismo sem ilusões da mãe. Não há cinismo nem desespero, nem amargura, e nem mesmo desengano, na bravura terra-a-terra com que "Romana" – a figura dramaticamente mais bem desenhada da peça – desafia diariamente a miséria. Mas as suas observações cruas, francas, desabusadas, sem circunlóquios, mordazes, chamam os homens para a realidade, neutralizam, como uma nota, levemente ácida, o falso sentimentalismo em que ameaçam cair tantas cenas.

Teria Guarnieri pensado em tudo isto ao escrever a sua peça? Não necessariamente, porque uma das virtudes de *Eles não usam black-tie* é exatamente a de não proceder do abstrato para o concreto. O seu ponto de partida são os homens, através dele é que entrevemos outros antagonismos, que são apresentados sempre como conflitos vitais, de ação, não como crítica de diretrizes teóricas. É essa inexistência de prevenções doutrinárias que possibilita ao autor simpatizar simultaneamente com todas as personagens. Se nem todas têm razão, todas, ao menos, têm as suas razões, que é preciso compreender. É admirável, com efeito, a isenção com que a peça, jogando pai contra filho, equilibra os dois pratos da balança. Apenas ao final intervém o autor, fazendo a noiva abandonar o operário que, traindo a greve, traíra os seus amigos e companheiros. Algumas espectadoras protestaram contra semelhante desfecho, em nome da psicologia feminina. Mas não se trata, aqui, de psicologia e sim de moral: o autor necessitava externar de algum jeito seu pensamento, dizer afinal de que lado estava, deixando a neutralidade do puro naturalismo para entrar no terreno em que desejava colocar-se: o da peça de idéias e mesmo de idéias políticas. É um direito seu, que só deixaríamos de lhe reconhecer se o texto escorregasse para a propaganda, coisa que ele tem sempre a dignidade artística de evitar.

Como peça de teatro, *Eles não usam black-tie* tem essa inconfundível espontaneidade das primeiras obras da juventude. Por entre os seus defeitos de concepção e de fatura (certa moleza de construção, certas ingenuidades, certos preciosismos, como a cena em

que o pai e filho se defrontam no terceiro ato, afetando falar um com o outro por interposta pessoa: 'O teu pai mandou te dizer', 'Diga a meu pai' etc.), o que sobreleva é a notação psicológica exata, viva, alerta, despida de literatura. Acabamos de vê-la pela terceira vez: rimos e nos emocionamos tanto quanto da primeira".

Entre outros críticos, todos favoráveis à peça, Sábado Magaldi, crítico e historiador de nossa dramaturgia, atualmente com um programa televisivo sobre o tema escreveu (Panorama do teatro brasileiro, 1962, pp. 229 a 231, Difusão Européia do Livro):

"*Eles não usam black-tie*, estreada em 1958, no Teatro de Arena de São Paulo, trouxe para o nosso palco os problemas sociais provocados pela industrialização, como conhecimento das lutas reivindicatórias de melhores salários. O título, de claro propósito panfletário, parecia ingênuo ou de mau gosto, não fosse também o nome da letra de samba que serve de fundo aos três atos. Embora o ambiente seja a favela carioca, o cenário existe apenas como romantização de possível vida comunitária, já que a cidade simboliza o bracejar do indivíduo só. Nem por isso o tema deixa de ser profundamente urbano, se o considerarmos produto da formação dos grandes centros, e nesse sentido a peça de Gianfrancesco Guarnieri se definia como a mais atual do repertório brasileiro, aquela que penetrava a realidade do tempo com maior agudeza.

Que a tese implícita do texto seja marxista, não se pode duvidar. Mas o Autor não deformou os caracteres em função de um objetivo político, desenvolvendo antes as situações para que a platéia concluísse a seu gosto. A dignidade artística do trabalho isenta-o de sectarismo, e a peça se beneficia de uma convicção sincera que enforma o entreccho com evidente consciência.

Gianfrancesco Guarnieri opõe duas mentalidades que a rigor se sintetizarão numa só, porque acredita fundamentalmente no homem, e ele, depois de descaminhos, encontra o rumo certo. O tradicional conflito de gerações se coloca de maneira diversa: o pai sempre fiel ao meio de origem não tibubeia quando deve enfrentar um problema; e o filho, entregue aos padrinhos e tendo servido como pajem, isto é, sendo um alienado da vida autêntica do morro, toma a decisão que a comunidade condena. Sugere o dramaturgo que as circunstâncias moldam o indivíduo, e o próprio pai se responsabiliza pela defecção do filho, por não querer considerá-lo congenitamente mau. Depois da prova definitiva o filho poderá integrar-se de novo no meio. A peça patenteia outra tese, segundo a qual o indivíduo que procura salvar-se sozinho, desconhecendo o interesse coletivo, se vota à solidão irremediável e ao desprezo dos demais. À vida difícil e sem comunicação da cidade, o texto opõe o trabalho árduo mas com apoio nos semelhantes, simbolizado na solidariedade vigente no morro.

O esquema de duas mentalidades antagônicas que buscam a síntese se repete no binômio que rege a vida humana: o amor e o trabalho. Os dois se acham intimamente entrelaçados na figura de Tião, fixando-se no decorrer da peça em intrigas paralelas. O amor por Maria leva o jovem a querer melhorar de nível financeiro, a fim de usufruir a existência perfeita. Quando, pelo desprezo dos colegas, é obrigado a procurar novo emprego, e pela reprovação paterna é coagido a deixar a casa, o amor também não tem possibilidade de completar-se, ao menos momentaneamente. Maria o receberá de volta, se ele se reintegrar na favela. Mas não o acompanha na peregrinação à cidade e se

encarregará de cuidar sozinha da criança que vai nascer, e que, na linha de fidelidade ao ambiente, receberá o nome do avô.

Tudo isso poderá parecer um pouco simplificado, até romântico ou primário, se o texto se incumbisse de filtrar a ideologia em afirmação de vida. Na contextura da peça, a simplicidade é elemento obrigatório, sem o qual as personagens não teriam razão de ser. Sente-se que todas foram tomadas ao vivo, em flagrantes sucessivos do cotidiano, nada elaborado para que não se perdesse a espontaneidade.

Romana, sob esse aspecto, é a criação mais feliz, uma autêntica mãe, como as generosas figuras do teatro de Brecht. A aspereza do trabalho não lhe tira o encanto essencial de viver, que se estende à função de companheira do marido e à de protetora da prole. A cena em que a noiva do filho vai confiar-lhe a gravidez demonstra, na naturalidade e no contentamento com que aceita a revelação, sua íntegra natureza humana. E assim existem as outras personagens, cujas reações são sempre verídicas, nada elaboradas. Sucedem-se no painel a poesia e a firmeza da noiva, o universo ainda infantil de Chiquinho e Terezinha, e o tipo contrastante de Jesuíno, o malandro venal. Nesse mundo não há também lugar para preconceitos raciais. E o compositor que passa todo o tempo ao vilão e, no fim, se entristece porque ouviu seu samba, no rádio, com a suposta autoria de outrem, marca o espírito de criação do morro, roubado pela cidade.

A linguagem acompanha fielmente a descrição natural da favela. As cenas de maior gravidade se alternam com os diálogos de saboroso coloquialismo, que mantém a peça em permanente vibração. Registre-se, com pintura admirável de costumes, o pedido de casamento em que falam o noivo e o irmão da noiva. A excessiva liberdade no conduzir as falas talvez tenha dispersado, às vezes, o diálogo, que se insinua em certos momentos por inúteis temas laterais.

O texto, embora trabalhado num sentido de dramatização dos efeitos, conserva também fluência na estrutura. A circunstância de não se perceber nunca o processo de elaboração do autor aumenta-lhe o interesse. A matéria não está, entretanto, bem distribuída, para que a tensão cresça de ato para ato. Depois da apresentação bem feita do primeiro, que acaba em festa, o segundo tem feição intimista, em que as personagens procuram definir-se para si mesmas antes do desfecho. Se se justifica psicologicamente essa tomada de consciência, do ponto de vista dramático o segundo ato perde em intensidade e em vigor, para só no terceiro verificar-se de novo a inteira adesão da platéia. Ainda assim, a estrutura tem a virtude de não filiar-se a fórmulas estabelecidas por escolas antigas ou contemporâneas, parecendo ditada pelas necessidades interiores do entreccho. Não cabe investigar influências ou semelhanças em seu processo literário”.

PERSONAGENS:

Maria

Tião

Chiquinho

Otávio
Romana
Terezinha
Jesuíno
João
Dalva
Bráulio

ATO I

(Barraco de Romana. Mesa ao centro. Um pequeno fogareiro, cômoda, caixotes servem de bancos. Há apenas uma cadeira. Dois colchões onde dormem Chiquinho e Tião.)

QUADRO I

MARIA *(falando baixo, entre risos):*
Pronto, lá se foi o sapato... Enterrei
o pé na lama...

TIÃO: Olha só como tá meu linho!
(Passa a mão pela roupa, risonho. Para fora.) Ei, Juvêncio! Tocando
na chuva estraga a viola! *(Pausa. O violão afasta-se.)* É um
maluco... Tocando na chuva.

MARIA: Fala baixo, tu acorda o
pessoá!

TIÃO: Acorda, não.

MARIA: É melhó a gente ir andando...
é só um pedacinho.

TIÃO: Pra ficá enterrada na lama?
Não senhora, vamos esperá estiá.

MARIA: D. Romana não vai achá
ruim?

TIÃO *(acendendo um lampião):* Não
sei porquê!

MARIA: Vamo embora, Tião. Tá tarde,
mamãe não dorme enquanto eu não
chego...

TIÃO: Qué te auietá? *(Pausa. A
cadeira):* Senta aqui.
*(Maria obedece. Tião senta-se no
chão junto dela. A viola continua. Pergunta.)*

MARIA *(sorrindo):* Tu gosta de eu?

TIÃO: Ó dengosa, eu sem tu não era
nada...

MARIA: Bobagem, namoradô como tu
era...

TIÃO: Tudo passou!

MARIA: Pensa que eu não sei? Todas
elas miando: "Tiãozinho pra cá,
Tiãozinho pra lá" ...*(Abraçando-o.)*
Mas eu robei `oce pra mim!

TIÃO: Todo eu!

MARIA *(fazendo bico):* Fingido!

TIÃO: Palavra, dengosa!

MARIA: Sei tudo tintim por tintim.

Quando `ocê morava na cidade
era o garoto mais sapeca do
Flamengo. Namorava uma
filhinha-do-papai que era vizinha
dos seus padrinhos e por causa
dela levou uma bronca deles. Viu
como sei tudo?...

TIÃO: Muito bem, o que mais?

MARIA: Sei muito mais. Tu era um grande
mentiroso. Dizia pra menininha que
era estudante, contava uma porção
de vantagem, até que um dia ela ia
te pegando servindo de babá.
Aí, quando tu viu ela, quis
escondê o carrinho da criança
atrás do murinho da praia. O
garoto caiu, machucou a cabeça
e tu levou uma bruta surra de

teus padrinhos, e a menina não quis mais nada com você!

TIÃO: É uma bela história, mas é também uma grande mentira que eu nunca escondi de ninguém que era cria dos meus padrinhos, muito menos pra aquela enjoada lá. *(Intrigado.)* Quem te contô tudo isso?

MARIA: Não digo.

TIÃO: Tá bem. Não pensa que eu vou rogá...

MARIA: E sem falá nas moças da fábrica de lã que tu namorava todas...

TIÃO: E nunca esquecendo a Brigitte Bardot que eu namorei três anos...

MARIA: Convencido!

TIÃO: Quem te contou essas histórias?

MARIA: Num adianta que eu não digo.

(Chiquinho resmunga e remexe-se.)

MARIA: Fala baixo que ele vai acordá!...

TIÃO: Chiquinho? Nem com uma bomba... Quem te contô?

MARIA: Não digo.

TIÃO *(abraçando-a e encostando seu rosto no dela):* Diz sim...

MARIA: Fica quieto, Tião. Teus pais acorda daqui a pouco. É melhó a gente ir indo...

TIÃO: Quem te contô?

MARIA: Foi o Jesuíno, pronto.

TIÃO: Safadão! Deixa ele pra mim!

MARIA: E não vai fazê diz-que-diz!

TIÃO: Tá bem. Gosto de tu toda a vida!

MARIA: Tomara!

TIÃO: Juro!

MARIA: Tomara sim... Se não gostá, eu vou sê a moça mais infeliz do mundo... Ainda mais agora!

TIÃO: Vou te gostá sempre! O Juvêncio continua tocando...O

samba é dele, sabe?

MARIA: Eu disse: Ainda mais agora!

TIÃO: Eu sei...

MARIA *(um pouco sem jeito):* Não.

Você tem de perguntá por que.

TIÃO: Por quê?

MARIA *(sem jeito):* Porque sim!

TIÃO *(num protesto):* Ah! dengosa!

MARIA: Porque parece que nós vamo...

TIÃO *(num berro):* Um garoto!

MARIA: Psiu!... Seu maluco!

TIÃO: Não! Fala sério!

MARIA: Parece que sim.

TIÃO: Mas não está certo, certo...

MARIA: Tá quase, quase...

TIÃO: O jeito, nega, é casá logo...

MARIA: Se tu quisé, eu fico feliz!

TIÃO: Ora, se quero. Marco o casamento amanhã mesmo!

MARIA: Precisa ficá noivo antes...

TIÃO: Não dá... Depois começa a aparecer, vai dá bolo na tua casa.

MARIA: Não aparece logo não. O bolo dá também se a gente casá sem noivá...

TIÃO: Então, é fazê o noivado logo...

MARIA: Mas, Tião, só se tu quisé mesmo...

TIÃO: É claro que eu quero, dengosa. Eu só tava esperando me ajeitá melhó na fábrica. Mas sendo assim, não tem outro jeito.

MARIA: Tu tá contente ou triste?

TIÃO: Mais do que contente... Só tem uma coisa... Eu gostaria que tu tivesse tudo, num queria que minha mulhé vivesse em barraco...

MARIA: Sempre vivi em barraco! E vivê com tu é o que interessa...

TIÃO: Eu é que não me ajeito muito no morro.

MARIA: Por quê? Aqui também tem

tanta coisa boa... Só o que eu quero é vivê contigo...

TIÃO: E vai vivê! Festa de noivado daqui dez dias, tá?

MARIA (*rindo feliz*): Tá...

TIÃO: Dá um beijo! (*Beijam-se.*)

MARIA: A chuva já parou, vamo indo...

TIÃO (*vai até a porta*): Parou nada...Vem vê!

MARIA (*indo até a porta*): É esquisito ele...

TIÃO: Eu já vi ele assim uma porção de vez, fica olhando o céu e parece não senti nada...

MARIA: Não sente mesmo, tá todo molhado!

TIÃO: E como faz samba, o danado. Ficou assim depois que aquela mulata deixou ele...

MARIA: Mesmo de antes ele era diferente. Tu nunca vai me deixá!...

TIÃO: Nunca! E tu?

MARIA: Nunca! Só se tu deixa de sê meu Tião!...

TIÃO: Nunca vou deixá de sê!... Já ouviu a letra desse samba dele?

TIÃO (*cantarola*):

Nosso amor é mais gostoso,

Nossa saudade dura mais

Nosso abraço mais apertado

Nós não usa as "bleque-tais".

Minhas juras são mais juras

Meus carinhos mais carinhoso

Tuas mão são mãos mais puras,

Teu jeito é mais jeitoso...

Nós se gosta muito mais,

Nós não usa as "Bleque-tais"....

MARIA: Bonito!... E tu diz que não se ajeita no morro, me deixou triste.

TIÃO: Esquece!

MARIA: Quem é que a gente vai convidá pra festa?

CHIQUINHO (*num pesadelo,*

acordando): Balisa!...Ahnnn!...

Não senhora.... (Senta-se no colchão assustadíssimo)... O quê?

MARIA: Eu disse que acordava.

TIÃO: Não foi nada. Dorme, Chiquinho.

CHIQUINHO: Ocês tão aí?... Que chuva, heim?

MARIA: Fala baixo, senão acorda sua mãe.

CHIQUINHO: Foram ao cinema?

TIÃO: Filme de deserto.

CHIQUINHO: Que legal!... Eu tava sonhando com escola de samba... Quem tá tocando?

TIÃO: Juvêncio.

CHIQUINHO (*desaprovador*): Manco e andando na chuva...

MARIA: Que é que tem uma coisa com outra?

CHIQUINHO: Escorrega mais... Tem café?

TIÃO: Se tivê é pra amanhã... E não vai fazê barulho que a velha levanta daquele jeito...

MARIA: Sabe, Chiquinho, nós vai ficá noivo daqui dez dias.

CHIQUINHO: Boa!... E quando casa?

TIÃO: Logo.

CHIQUINHO: Eu quero casá com Tezinha também...

TIÃO: Deixa de onda moleque!

CHIQUINHO: Vou casá sim. Deixa eu entrá pra fábrica...

TIÃO: Fábrica não dá sustento pra ninguém!

CHIQUINHO: Dá pra tu, dá pro pai, praquê não vai dá pra mim?

TIÃO: Dorme, vá...

CHIQUINHO (*deita-se, começa a rir*):

Tião, mamãe é gozada pra burro.

Ela dá as bronca, mas tem

esportiva. Hoje ela quis me batê

com a colhé de pau. Eu me

baixei e a colhé quebrô na pedra.

A mãe xingava e ria, xingava e ria!

MARIA (*rindo*): Dorme senão tu acorda ela...

(*Tião e Maria abraçam-se sorrindo.*)

OTÁVIO (*entra de capa, sacudindo o guarda-chuva*): Ué, que é isso?

TIÃO: Esperando a chuva passá!

MARIA: Boa-noite, seu Otávio!...

OTÁVIO: Salve!... Pegaram muita chuva?

MARIA: Um pouco...

OTÁVIO: Não passa tão cedo, não. Deixa chovê que espanta o calor.

(*Deixa o guarda-chuva num canto e começa a tirar os sapatos.*)

TIÃO: De farra, hein pai?

OTÁVIO: Farra?... Farra vão vê eles lá na fábrica. Sai o aumento nem que seja a tiro!... Querendo podem aproveitá o guarda-chuva, tá furado mas serve... Eu acho graça desses caras, contrariam a lei numa porção de coisas. Na hora de pagá o aumento querem se apoiá na lei. Vai se preparando, Tião. Num dou duas semanas e vai estourá uma bruta greve que eles vão vê se paga ou não. (*Vai até o móvel e pega uma garrafa de pinga.*) Pra combatê a friagem... Se não pagá, greve... Assim é que é...

TIÃO: O senhor parece que tem gosto em prepará greve, pai.

OTÁVIO: E tenho, tenho mesmo! Tu pensa o quê? Não tem outro jeito, não! É preciso mostrá pra eles que nós tamo organizado. Ou tu pensa que o negócio se resolve só com comissão. Com comissão eles não diminui o lucro deles nem de um tostão! Operário que se dane. barriga cheia deles é o que importa... (*Apontando a garrafa.*)

Não vão querê um golinho?

MARIA: Sabe, seu Otávio, o Tião resolveu uma coisa...

TIÃO: É sim, pai. Nós vamos ficá noivo!

OTÁVIO: Hum!... Se se gosta mesmo é o que tem que fazê!

TIÃO: Isso não tem dúvida. Daqui dez dias nós fica noivo...

OTÁVIO: Não tá meio apressado, não?

TIÃO: Tem de sê mesmo. Vamo fazê logo...

OTÁVIO: É uma teoria. Só que nós, ó, dinheiro é pouco...

MARIA: De todo mundo...

OTÁVIO: Vem dizê pra mim...

ROMANA (*interrompendo, sonolenta e furiosa*): Tem festa e eu não sabia?

OTÁVIO: Chiiiiiii!

ROMANA (*a Otávio*): E não vem depois se queixá de reumatismo. Andando na chuva, preparando encrenca, depois de velho fica bobo... (*A Maria.*) Como vai, Maria... É melhó ir andando; sua mãe daqui a pouco desentrevá e vem te procurá...

OTÁVIO: Calma, mulhé, calma...

ROMANA: Calma, sim! Quem levanta daqui a pouco sou eu!... Quem acorda vocês sou eu! Quem faz café sou eu!... (*Caindo em si.*) Mas que gandaia é essa...

TIÃO: A chuva, mãe. Paramo aqui por causa da chuva. Depois, papai chegou e tamo conversando...

OTÁVIO: Vão ficá noivo daqui dez dias...

ROMANA: Tá tudo louco! Não podia esperá até amanhã pra falá de besteira... (*A Maria.*) Desculpe, minha filha, não é contigo, não... Mas esses dois não pensam em nada. Chegam berrando e a velha que se dane sem dormi,

lavando roupa, acordando antes pra acordá eles... (*Quase berrando.*) Que noivado é esse?

TIÃO: Resolvemo ficá noivo, mãe...

OTÁVIO: Daqui a dez dias...

ROMANA: E isso é hora de se marcá noivado? (*Furiosa, a Otávio.*) Tu tava falando em greve. Não me vem com confusão de novo, Otávio... Noivado, greve... E a burra que se dane aqui...

CHIQUINHO (*sentado na cama*): Mãe, eu também vou...

ROMANA (*cortando*): E tu dorme aí que não é nada da tua conta. Eu acho bom cada um ir pra sua cama, amanhã a gente conversa. (*A Maria.*) Num é nada contigo não, Maria. Esses dois é que são de amargá... (*A Otávio.*) Deixa essa pinga e vem dormi que tu amanhã tem de levantá mais cedo...

(*Sai.*)

OTÁVIO: Ô furacão! Coitada, tem razão... Amanhã a gente conversa melhó. Daqui dez dias, vamo lá... Até amanhã, moça... Leva o guarda-chuva!...

MARIA: Até amanhã...

TIÃO (*está sério, evidentemente preocupado*): Mamãe é de morte...

MARIA: É o jeito dela... Eu gosto dela toda vida...

TIÃO: É boa, sim!... Vamos indo... (*O violão aumenta como se Juvêncio estivesse tocando encostado à porta do barraco.*)

MARIA: Que foi, Tião?

TIÃO: O quê?

MARIA: Tu tá preocupado, é por causa do garoto? Não quero que tu case por obrigação...

TIÃO: Não diz bobagem... Greve

agora não vai nada bem... Sempre dá bolo...

MARIA: Vamo indo...

CHIQUINHO: Tião! (*Tião volta-se.*)

CHIQUINHO: Diz prô Juvêncio continuá tocando aqui perto!... (*Os dois saem.*)

QUADRO II

CHIQUINHO E TEREZINHA (*Jogam cantando*):

Nosso amor é mais gostoso
Nossa saudade dura mais
Nosso abraço mais apertado
Nós não usa as "bleque-tais"!

OTÁVIO: Filho da mãe, pra emprestá uma porcaria dessa era melhor não ter emprestado nada!

CHIQUINHO E TEREZINHA (*cantando*):

Minhas juras são mais juras,
Meus carinho mais carinhoso,
Tuas mão são mais pura
Teu jeito é mais jeitoso
Nós se gosta muito mais
Nós não usa as "bleque-tais"!

OTÁVIO: Vão acabar com esse berreiro ou não vão?!

ROMANA: Deixa eles, Otávio. Festa é pra cantá...

OTÁVIO: E eu tô consertando essa droga pra tocá, mas quero sossego!

(*Os dois cessam a cantoria.*)

OTÁVIO (*a Romana*): Cadê a porca?

ROMANA: Que porca?

OTÁVIO: A do parafuso!

ROMANA: Eu que vou sabê! Deve tá aí pelo chão!

OTÁVIO (*procurando*): Chiquinho, vê se faz alguma coisa, ajuda aqui...

CHIQUINHO (*achando logo*): T'aqui, pai.

ROMANA: Tá tudo atrasado. Num deu pra fazê nada. E lava a roupa e faz comida, ajeita as bandeirinhas. Ainda bem que tu T'ái, Terezinha!

TEREZINHA: Eu até que num fiz nada...

ROMANA: Podia ter feito mais mesmo. As bandeirinhas do terreiro tão uma bela droga.

(Chiquinho está para roubar um sanduíche.)

ROMANA *(batendo-lhe com a colher na mão):* Deixa isso aí, capeta!

CHIQUINHO: Me dá um, mãe!

ROMANA: Dá o quê? Num tem quase nada! Vai tudo ficá com fome; mais não tem!

CHIQUINHO: Me dá!

ROMANA: Cala a boca! Me faz um favor, Tereza, me pega aquele tacho que tá lá fora.

TEREZINHA: Onde?

ROMANA: Perto do barril de chope! *(Terezinha sai apressada.)*

OTÁVIO: É barril grande ou pequeno?

ROMANA: Pequeno, ué!

OTÁVIO: Num dá pra nada!

ROMANA: O dinheiro que tu me deu dá pra muita coisa...

CHIQUINHO: Me dá, mãe!

ROMANA: Menino, se tu soubesse como me irrita esse teu "me dá", tu saía correndo e num voltava mais!

OTÁVIO *(às voltas com vitrola):* Acho que essa droga aqui não tem mais jeito!

ROMANA: Foi-se o dinheiro que tu me deu e ainda tive que pedi emprestado pro Bráulio...

OTÁVIO: Logo pro Bráulio!

ROMANA: Precisava, não é!

OTÁVIO: Bráulio tá mais duro que poste.

ROMANA: Mas deu.

OTÁVIO: Vai ver que era dinheiro do armazém ou do aluguel. Tu não deve pedir mais nada pr'aquele negro. É capaz até de vender as calças pra prestá um favor.

ROMANA: Segunda-feira mesmo eu devolvo...

OTÁVIO: Puxa! Até que enfim!

CHIQUINHO: Consertou?

OTÁVIO: O rádio acho que sim! *(Liga o rádio. Ouve-se a Ave-Maria das seis horas.)* Reza que a fome passa. *(Liga a vitrola.)* Deixa vê a vitrola... *(Começa a tocar A voz do morro.)* Batata!

ROMANA: Até que tu serviu pra alguma coisa!

OTÁVIO *(ouve um pouco, depois desliga a vitrola):* Chiquinho, tu comprou a champanhe?

ROMANA: Champanhe?

OTÁVIO: Noivado de meu filho é com champanhe! *(A Chiquinho.)* Onde é que tu botou?

CHIQUINHO: O quê?
(Entra Terezinha com o tacho.)

OTÁVIO: A champanhe!

CHIQUINHO: Eu inda não comprei!

OTÁVIO: Então, que é que tu está esperando, vai comprá! Já te dei o dinheiro.

CHIQUINHO: Pois é, deu!

OTÁVIO: Tu gastou o dinheiro, desgraçado?

CHIQUINHO: Gastá não gastei... Perdi!

TEREZINHA: Perdeu sim, eu vi!

ROMANA: Cala a boca que tu não é mulhé dele!...

OTÁVIO: Tu me dá esse dinheiro, menino, senão!...

CHIQUINHO: Perdi, palavra!

OTÁVIO *(correndo atrás dele):* Seu safado! Agora é que eu te mostro quando vale cinco mil cruzeiros. É quase um salário de

teu pai, filho da mãe!
(*Correm pela sala. Romana também procura acertar Chiquinho.*)

TEREZINHA: Ah! Não bate nele... Não bate nele...

OTÁVIO: Não corre que é pior!
Quando eu te pegá eu dou dobrado!

TEREZINHA: Deixa ele, seu Otávio!

ROMANA: Noivado de teu irmão, sem champanhe... Tu gastou em figurinha, desavergonhado!

CHIQUINHO: Gastei não, mãe, pergunta pra Terezinha!

TEREZINHA: Gastou não, perdeu. Eu vi.

OTÁVIO: Tu viu quando perdeu? Então por que não pegou?

ROMANA (*apanha as figurinhas do chão*): E tu vai perdê as figurinhas também, seu capeta.

CHIQUINHO (*parando*): Ah! Me dá mãe!

OTÁVIO (*agarrando-o*): Te peguei, seu capitalista!

CHIQUINHO: Perdi, juro!
(*Safa-se do pai e sai correndo.*)

OTÁVIO (*correndo até a porta*):
Aproveita a corrida e vai pedi mais duas dúzias de cerveja no boteco... E volta logo senão eu te racho!

VOZ DE FORA: Deixa de valentia, ó velho!

OTÁVIO: Vai te metê com tua vida!

TEREZINHA: Não fica com raiva, não, seu Otávio. Ele perdeu!

ROMANA: Deixa de sê mentirosa, menina. É demais! (*Apontando a menina.*) Isso aí pegou paixão por Chiquinho. Daqui a pouco vamo ter outro noivado...

OTÁVIO: Com esse estrepe de meu filho? Tu tá bem arrumada!

TEREZINHA: Que nada! Ele ainda é meio criança!

ROMANA: Criança, eu sei! Criança que faz criança não é mais criança.

(*Terezinha, com uma risadinha, sai correndo.*)

ROMANA: Tá louca! Tu reparou? Hoje em dia, essa moçada tá tudo de cabeça virada!...

OTÁVIO: Que é que tu queria, vivendo assim!... Deixa mudá de regime pra tu vê como melhora...

ROMANA: Não começa com tuas idéias, Otávio, pra mim isso é coisa do diabo e tá acabado!

OTÁVIO (*brincalhão*): Tu tá velha e burra!

ROMANA: Burra, sim... Agüentando o tranco aqui. Tu chega: Feijão na mesa. Tu sai: Café na caneca. Tu toma banho: camisa lavada. O ordenado não deu? A burra lavou roupa e arranjou a gaita...

OTÁVIO (*brincalhão*): E vai me dizê que tu é a única!...

ROMANA: Ah! Tu só tem prosa! Porque leu nos livro. Porque o velho disse, porque o velho falou. Eu sei que se não sou eu a dá murro, nós tava é fazendo o enterro das crianças. Uma já foi!

OTÁVIO (*após breve pausa*): Devia tá uma moçona!

ROMANA: Era bonita a danada...

OTÁVIO: Sabe uma coisa que eu nunca te disse? Tu é valente toda vida minha velha!...

ROMANA: Chorá pra que? Melhó pra ela. A beleza não durava muito, não. Eu acho que é assim que devia sê. Os filhos deviam morrê antes da mãe!

OTÁVIO: Que é isso velha!

ROMANA: Ora se devia! A mãe devia cuidá dos filhos desde a hora deles enxergá o mundo, até a

hora deles dizê adeus. Nas horas de aperto todo mundo berra: "mamãe"! Na hora de morrê quase ela tá perto. Eu tive perto de Jandira; ela morreu sorrindo; era noite de São João...

OTÁVIO (*abraçando a velha*): E hoje é o noivado do garoto... Nada de cara triste... Cadê ele, hein?

ROMANA: Tomando banho na casa do Eduardo!...

OTÁVIO: Deixa eu dá uma beliscada.

ROMANA: Larga isso, homem!...

OTÁVIO: Sabe, eu acho que ele vai se dá bem com Maria!

ROMANA: Ela é muito boazinha... Tu sabia que ela é diplomada?

OTÁVIO: Não.

ROMANA: Sim senhor! Diplomada em corte e costura. Ganhou até prêmio!

OTÁVIO: Já é uma profissão.
(*Belisca mais um sanduíche...*)

ROMANA: Otávio!... Não sobra nada!

OTÁVIO: Eu às vezes fico pensando na situação do Tião. Ele não sente bem com a gente, não!...

ROMANA: Por quê?

OTÁVIO: Ele viveu bem com os padrinho... A mudança foi dura pra ele...

ROMANA: Tião não ia ficá servindo de pajem toda vida, ia?

OTÁVIO: Mas a mudança foi dura... Tião ainda hoje é o tipo do rapaz de cidade, feito pra morá em apartamento...

ROMANA: É melhó do que morá em barraco...

OTÁVIO: Claro! Mas geralmente o sujeito melhora de casa e muda as idéia. O problema de Tião é esse - mora em casa errada! Dando um duro danado a gente se convenceu que melhorá só

com muita luta... Tião, não. Ele não quer melhorá, ele quer voltá a ser...

ROMANA: Tu devia é deixá de lê essa livraiada que tu vive lendo. Aposto que não ficava vendo problema onde não tem.

OTÁVIO: O pior é que tem... Mas ele vai sê feliz com Maria...

ROMANA: Estefânia é que não precisou de muita luta pra melhorá de vida! Marido dela era porteiro de um clube grã-fino. Muito puxa-saco, esperto que nem ele só, arrumou dinheiro emprestado e alugou apartamento. Fizeram rendez-vous, tá bem?! Agora já compraram apartamento; o maridom deixou a portaria e trabalha no escritório do clube. E é respeitado. Tudo quanto é sócio é freguês do rendez-vous. Tem todos eles na mão... Tão felizes, contentes... E sem muita luta, seu Otávio!...

OTÁVIO: Deixa isso, vamos embora, rápido!

ROMANA: Pra onde, seu louco!

OTÁVIO: Montá um rendez-vous!

ROMANA: Cruz Crédo, Ave-Maria, sai pra lá!

OTÁVIO (*abraçando-a*): Melhorá mesmo, só com muita luta, D. Romana!

TEREZINHA (*fora*): Viva a noiva, viva a noiva!

MARIA (*entrando*): Boa-noite, meus sogros!...

OTÁVIO: Pensei que não vinha!...

MARIA: Pedi pra saí mais cedo da oficina mas não houve jeito!...

OTÁVIO: Olha só, Romana. Até que se eu fosse mais moço...

ROMANA: Eu te dava com o martelo

na cabeça, velho sem-vergonha!
(*Para Maria.*) Ah! Maria, que
trabalhão... Tá tudo ainda uma
desordem... E lava a roupa, e faz
comida, e ajeita bandeirinha e
faz sanduíche...

MARIA: Imagino!... Eu queria ajudá,
mas a madame não quis sabê de
me deixá saí...

ROMANA: Ah! Já tou acostumada.
Trabalho é bom.

OTÁVIO: E sua mãe como vai?

MARIA: Na mesma, coitada. Muitas
dores, não pode nem mais sentar.
Tá tão triste, queria que a festa
fosse lá...

ROMANA: Pena que ela não possa
vir!..

MARIA: O João vem representá a
família. Ela disse pro senhor ir lá
em casa; tá doida por uma prosa.
É é melhó ir depressa, porque do
jeito que vai daqui a um mês ela
não pode mais falá...

ROMANA: É, tá no fim mesmo!...

OTÁVIO (*repreendendo-a*): Que nada,
Romana! Isso trata!

ROMANA: Isso!? Desculpe, menina,
mais isso não tem cura, não. Nem
pai-de-santo adianta mais. Olha,
dou mais três meses e olhe lá... É é
melhó, hein!... Mais tempo sofre
mais!

OTÁVIO: Tirou o dia pra dizê
bobagem!

ROMANA: É a verdade, e da verdade
ninguém escapa, meu nego. E
depois, cadeia foi feita pra
ladrão, caixão pra defunto. Pra
que ficá enganando os outros. É
o fim mesmo. É ou não é minha
filha?

MARIA: Tá na mão de Deus!

ROMANA: E depois é um dinheirão em
remédio!

OTÁVIO: Não há de ser nada, não.
Tem muito tempo pela frente. E eu
ainda vou prosá muito com a
velha!...

TEREZINHA (*fora*): Viva o noivo! Viva o
noivo!

ROMANA: Tamo até com porteiro
anunciador!

TIÃO (*entrando*): Minha santa! A mulher
mais feliz do mundo. Fica noiva do
rapaz mais bacana da Leopoldina.
(*Passa a mão pelo cabelo.*) Manja
só a cabeleira. (*Abraça Maria.*) Tá
bonita, mulher! Como é, mãe... E as
comida?

ROMANA: Perto do teu pai,
diminuindo!

OTÁVIO: É intriga. Teu irmão é que
tava comendo o tempo todo...

TIÃO (*beliscando no prato*): O noivo
tem direito. Bem, gente... Hoje é
meu dia... Já ganhei presente de
noivado...

ROMANA: Saiu o aumento?

OTÁVIO: Que aumento! Sem greve
não sai aumento!

ROMANA (*repreendendo-o*): Otávio!...

TIÃO: Aumento nada... Tive minha
chance no cinema!...

ROMANA: Como é que é?

OTÁVIO: Explica isso!

MARIA: Cinema?

TIÃO: Cinema, cinema. Vistavisão,
Cinemascope e outras vigarice...
Cinema!...

ROMANA: Ah, vai tomá banho!

OTÁVIO: Explica isso!

TIÃO: Muito simples. Tou calmamente
vindo pra casa quando eu vejo
um monte de gente, polícia... Não
tava com pinta de ser desastre...
Fui espiar não é... Fura aqui, fura
ali, cheguei perto das cordas de
isolamento... Era uma filmagem!
Uma porção de artista, uns cara

correndo de lá pra cá, o diretô da fita de boina na cabeça... De repente, o cara de boina me chama... Eu fui, né... Ele mandou eu andá na frente da máquina e dizer: "Que beleza". E eu disse.

MARIA: E depois?

TIÃO: Depois ele filmou. Eu andei de novo e repeti: "Que beleza".

ROMANA: E quanto tu ganhou?

OTÁVIO: Parece gringo!

TIÃO: O que eu ganhei? (*Tira um cartão do bolso.*) Esse cartão! Cineasta Antônio Di Rocca - Escritório, av. Getúlio Vargas...

ROMANA: Deus faça que esteja em bom lugar!

TIÃO: 1.058. Tá bom?

MARIA: Mas do que adianta?

TIÃO: Meu amor, do que adianta? O homem achou que eu tenho panca pro troço. Mandou eu aparecer por lá pra acertá novos detalhes!

OTÁVIO: Não sei, não.

TIÃO: É fato minha gente! Tiãozinho direto da Leopoldina para a Cinelândia. (*Cantarola música de jornal da tela e teatralmente para Maria.*) Desde que te vi meu coração ficou partido, minha alma cheia de fogo, agora te abraço e me redimo dos meus pecados. Zi endi! Que tal?!

ROMANA: Minha filha deixa esse Tirone Pover aí e me ajuda a levar esses pratos lá pra fora. O pessoal deve tá chegando.

TIÃO: Caçoa, caçoa que não te dou entrada de graça!

MARIA: Até que seria bom, hein!

TIÃO: Seria não, minha nega, vai sê! (*Saem as duas levando os pratos.*)

OTÁVIO: É sério isso?

TIÃO: Ora se é, tá aqui o cartão!

OTÁVIO (*lendo*): Di Rocca. Brasileiro 100%.

TIÃO: Diretor de cinema e estrangeiro por luxo, Seu filho, meu pai, tá de caminho feito. O que é que diz aí vanguarda esclarecida?

OTÁVIO: Que tá tudo podre e que é preciso dá um jeito, isso, é que devia dizê. Mas esses vagabundos de intelectuais ficam discutindo se o velho era um filho da mãe, ou não, se os bigodes atrapalham ou deixaram de atrapalhar! E aqui continua tudo subindo, ninguém mais pode vivê, e eles discutindo se o velho era personalista ou não! Que vão tomá banho!

TIÃO: Tem uma nota sobre a greve na primeira página!...

OTÁVIO: Se até as oito horas da noite não derem o aumento, greve geral na metalúrgica!

TIÃO: Ninguém tem peito, pai!

OTÁVIO: Como não tem peito? Tá esquecendo do ano passado?

TIÃO: Eu não tava lá.

OTÁVIO: Mas eu estava! Deram o aumento ou não deram?

TIÃO: Deram parte do aumento, parte! E mesmo assim porque todas as categorias aderiram! Mas aguentá o tranco sozinho, ninguém.

OTÁVIO: Espera só a assembléia de hoje e vai ver se tem peito ou não! Eu tinha avisado, hein! O ano passado entramos em acordo com o patrão e foi o que se viu. Agora, aprenderam.

TIÃO: E por que entraram em acordo?

OTÁVIO: Porque parte da comissão amoleceu...

TIÃO: Tá vendo, t'áí! Se, em greve de conjunto metade da turma

amoleceu...

OTÁVIO: Metade da turma não senhor! Metade da comissão.

TIÃO: E então?

OTÁVIO: E então, o quê? Eram pelegos! A turma topava mas tinha meia dúzia deles que eram pelegos. A turma topava, os pelegos deram pra trás.

TIÃO: Não, pai. Pro senhor, quem não pensa como o senhor é pelego...

OTÁVIO: Nada disso! Eram pelegos no duro. T'áí a prova: Tá tudo bem arrumado na fábrica. Tudo chefe e fiscal. O que é isso? Peleguismo, traidores da classe operária...

TIÃO: Então metade da turma lá da fábrica é pelego, porque tá tudo com medo da greve!

OTÁVIO (*furioso*): Não diz besteira, seu idiota! A turma que t'áí é a mesma turma que fez greve o ano passado e que agüentou tropa de choque em 51...

TIÃO: E por isso mesmo tão cansados e não querem sabê de arriscá o emprego...

OTÁVIO: Tu tá discutindo como um safado!... Pois fica sabendo que lá tem operário e não menino-família pra medrá.

ROMANA (*entrando*): Não grita tanto homem! Só vive discutindo política!

(*Pega mais sanduíche e sai.*)

OTÁVIO (*baixando a voz*): Tu vai me dizê com o resultado da assembléia de hoje!

(*Pausa.*)

TIÃO: Os pelego que furaram a greve o ano passado tão bem de vida, é?

OTÁVIO: Depende do que tu chama de bem de vida. Pra mim eles estão na merda, merda moral

que é pior! Se venderam, né!

TIÃO: É! (*Pausa.*) Eu queria casá daqui a um mês, pai!

OTÁVIO: Bom!

TIÃO: O senhor gosta de Maria, não é, pai?

OTÁVIO: Pode ser uma boa companheira!

TIÃO: Ela é diplomada, sabia?

OTÁVIO: Tua mãe me disse... Que é que tem isso? Diploma não vale nada. Esse governo que t'áí é tudo diplomado! Analfabeta mas honesta, mal educada, mas falando errado mas com... Com aquele (*Procurando.*), aquele treco que só a gente tem aqui dentro (*Bate no peito*). Essa é a mulhé que eu queria pra meu filho...

TIÃO: Além de tudo, ela tem esse... Treco, pai!

OTÁVIO: Sei não. Tu parece que não tem...

TIÃO: Por quê?

OTÁVIO: Tu tem medo...

TIÃO: De quê?

OTÁVIO: Uma porção de medos... Um é de perdê o emprego.

TIÃO: Não é medo...

OTÁVIO: Então por que tu foi vê se arrumava emprego no escritório da fábrica?

TIÃO: Ganha mais.

OTÁVIO: Tu também procurou na farmácia do Dalmo... Lá ganha menos...

TIÃO: Foi pra ter uma idéia...

OTÁVIO: Sinceramente?

TIÃO: Não tenho nada pra econdê!...

OTÁVIO: Tu acha que aguenta as luta da fábrica sem medo!...

TIÃO: Se os outros aguentá.

OTÁVIO: Se não aguentasse?

TIÃO: O senhor acha que a turma vai topá a greve?

OTÁVIO: A assembléia é hoje à noite.
Bráulio tá lá, ele vem com as
novidade... T'áí um que tem esse
tal treco... Emprestou dinheiro pra
nós... É capaz de vender as
calças pra prestá um favor...

TIÃO: Tem poucos assim!

OTÁVIO: Engano.

TIÃO: Ninguém vale nada, pail!

OTÁVIO: Como você tem medo!

TIÃO (*irritado*): Mas medo de que,
bolas!

OTÁVIO (*impertubável*): De ser pobre...
Da vida da gente!

TIÃO (*com um gesto de quem afasta os
pensamentos*): Ah! Tou é nervoso...
Tou apaixonado, pai... Não liga,
não!

(*Entram Chiquinho e Terezinha.*)

TEREZINHA: O pessoal tá chegando!

OTÁVIO (*a Chiquinho*): Tu comprou as
cervejas, seu estrepe?

CHIQUINHO: Duas dúzias, pai! Né,
Terezinha?

TEREZINHA: Comprou sim, seu Otávio,
eu vi!

(*Entram Romana, João e Maria.*)

ROMANA: T'áí o genro, Otávio. Olha
só que pratão de doce que ele
comprou...

OTÁVIO: Pra que se incomodá, seu
João!...

JOÃO: Deixa pra lá... Como é que é,
Tião...

TIÃO: Tudo bom...

ROMANA: Mas vamo sentá, João, uai!
Cadeira só uma, mas tem
caixote!

(*João e Maria sentam-se nos caixotes,
a cadeira fica vazia.*)

OTÁVIO: Vamo então dá a partida.
Tenho uma caninha aí que é um
regalo. Vomo vê?

JOÃO: É, uma caninha vai bem!

VOZ DE MULHER DE FORA: Romana, ó

Romana!

ROMANA: É a Eulália, já vai pedi
coisa! (*Alto.*) Já tô indo, sua chata!
(*Sai. Chiquinho e Terezinha acompanham.
Os homens bebem.*)

JOÃO: É boa.

TIÃO: Paulista.

JOÃO: O pessoal tá atrasado.

OTÁVIO: Vem tudo junto. Se entrá a
vizinhança é que vão sê elas!

JOÃO: Vê lá o Carmelo, hein!

OTÁVIO: Esse se entrá sai a tiro!

TIÃO: Moleque arruaceiro.

JOÃO: Um cara desses devia tá vai
em cana!

OTÁVIO: Dedo-duro da polícia lá em
cana?! Tem até regalia!

ROMANA (*entra esbaforida*): Mais um
pra sofrê! A Cândida do 36 vai
dá a luz!...

OTÁVIO: O morro tá em festa, hoje...

ROMANA: Qual festa! A mulhé tá
berrando que nem uma bezerra.
Pra mim é mais que um. Aquilo é
gêmeo no mínimo!

JOÃO: Então isso não é motivo pra
festa, D. Romana?

ROMANA: Pra tu pode sê, que não vai
tê que sustentá... Eu sou que nem
japonês: Morreu faz festa, nasceu
desata a chorá!

JOÃO: Assim, também não...

MARIA: Ela tá precisando de ajuda.

ROMANA: O mulherio tá todo lá. E
depois, eu ensinei uma simpatia
que é tiro e queda. Num dou
mais duas horas e os bichinhos
vão nascê que nem rolha de
champanhe!

OTÁVIO: Chamaram a parteira?

ROMANA: Já! Mas não era preciso,
não.

OTÁVIO: Romana, tu não entende do
negócio. Fica inventando moda,
é capaz de complicá a mulhé...

ROMANA: Ora, te aquieta, Otávio...

JOÃO: Eu acredito em simpatia. Meu tio uma vez...

(Entram com estardalhaço: Jesuíno, Dalva e dois casais.)

JESUÍNO: Música pessoá que nós chegamo!

OTÁVIO: Ora viva, pensei que tivessem ficado em outra festa pelo caminho!

ROMANA: Seu frajola, descarado! Óia só, faz a gente esperá mais de mês e depois aparece com a cara limpa, limpa...

JESUÍNO: Dá cá um abraço, minha velha! *(Para seu Otávio.)* Como é, seu Otávio, tem música ou não tem?

DALVA: Palmas pros noivos!
(Todos batem palmas; abraçam-se cumprimentando Tião e Maria.)

OTÁVIO: Vamos fiacando a gosto, minha gente. A casa é de pobre mais é nossa!

ROMANA *(gritando para fora):* Chiquinho e Terezinha! Vão preparando os copo que a turma já vai entrá no chope...

TEREZINHA *(de fora):* Já tamo preparando!

OTÁVIO *(indo à vitrola):* Dei um duro danado consertando essa droga, vamo vê se não desmerece.

ROMANA: Pro que é emprestado tudo serve!

JESUÍNO: Falô a véia de ouro!

ROMANA *(rindo):* Dá mais um abraço, moleque sem-vergonha!

(Abraçam-se.)

CHIQUINHO *(entra com Terezinha):* Olha o chope!

(Começa a música.)

OTÁVIO: Funcionou!

JESUÍNO *(chamando):* Darvinha!

DALVA *(pulando pra Jesuíno):* Tô aqui!

JESUÍNO: Vamo mostrá como se dança! *(Dançam agarradinhos, passos de gafeira.)*

OTÁVIO: Olha lá que eu sou mestresala!

TIÃO: Maria, não vamos deixá eles passá na nossa frente não, gruda aqui!

(Dançam também, os outros riem. Otávio vai de par em par separando os que estão muito juntos.)

OTÁVIO: Não escracha que essa gafeira é de respeito!

(Chiquinho e Terezinha entram na dança.)

ROMANA *(apontando):* Óia só esses dois!

JESUÍNO: Trocá de par!
(Jesuíno pega Maria.)

TIÃO: Vamo nós, Darvinha!

TEREZINHA: Cuidado, Maria!

CHIQUINHO: Zuíno, tão te passando pra trás!

OTÁVIO: Logo agora que ele vai trabalhá no cinema, tu precisa tomá cuidado, se não te passam pra trás mesmo, Maria!

DALVA: O quê? O Tião também vai trabalhá no cinema?

ROMANA: Chegou todo prosa, minha filha.

JOÃO: Até que enfim vou ter parente rico!

DALVA *(espantada):* O Jesuíno também vai. Prova táva ele...

JESUÍNO: Trocá de par!
(Trocamos novamente.)

TIÃO *(contrariado):* Tu também, Jesuíno?

JESUÍNO: Uai! Sou mais feio que tu por acaso?

DALVA: Ele tá de encontro marcado com um cineastra! Um italiano!

OTÁVIO: Que nem o cara que falou com o Tião! Só dá estrangeiro.

JESUÍNO *(parando de dançar, no que é acompanhado por Tião):* Tá

aqui, Antonio Di Rocca!

TIÃO: É o meu, ora!

JESUÍNO: Não! Esse é o meu.

DALVA: Então, estão os dois!

OTÁVIO: Parece, não é? O cartão é o mesmo!

TIÃO: Pois é! Tu encontrou o homem na rua, não foi?

DALVA: Que nada, ele foi na fábrica procurá o Jesuíno.

TIÃO: No duro, é?

DALVA: Foi sim!

ROMANA: Cinema sim, eu sei. Isso é conto-do-vigário!

JESUÍNO: Conto nada, D. Romana. O homem até me perguntou se eu não conhecia um tal de Sebastião... Eu não me lembrei do Tião, pensei que fosse outro...

TIÃO (*irritadíssimo*): Devia ser outro. Porque eu encontrei o homem na rua. Disse "que beleza" na frente da máquina e ele marcou encontro comigo... Ele não me conhecia antes...

JESUÍNO: Mas você não disse pra ele que trabalhava na fábrica?

TIÃO: Disse.

JESUÍNO: Então foi isso!

TEREZINHA: Arranja lugar pra mim no filme?

JESUÍNO: Tu queima qualquer fita!

CHIQUINHO: Queima nada!...

JESUÍNO: Perdão, eu tava só brincando!.

MARIA (*que se mantivera séria ouvindo*): Puxa, que coincidência, não é?

JESUÍNO: Parece até mentira!

TIÃO (*rindo amarelo*): Parece mesmo! (*Mudando logo.*) Mas como é que é? Vamo animá isso ou não vamo?

(*Recomeça a música.*)

ROMANA: Quem quiser dançar é melho ir pro terreiro, lá tem mais espaço!

OTÁVIO: O pior é que não tem muita luz!...

JESUÍNO: Que é isso, compadre. Pior não, melhor!

DALVA: Faz de conta que é "boite". (*Pronuncia como está escrito.*)

ROMANA: É, "boite" de podre só pode ser terreiro escuro!

TIÃO: O chope tá lá fora é só ir servindo.

TEREZINHA: E o pedido?

MARIA: Já não, pera aí!

TEREZINHA: Mas vai tê pedido?

JESUÍNO: Vamo lá Tião, te anima!

TIÃO: Tá cedo ainda!

ROMANA: Mete os peitos, rapaz!

OTÁVIO: O pior é que não tem nada melho pra beber. O Chiquinho quebrou a garrafa de campanhe!

CHIQUINHO: Eu perdi, pai, palavra! (*Leva um tapa.*)

DALVA: Como é que é, Tião!

TIÃO (*a Maria*): Vamo?

MARIA: Vamo!

(*Todos se reúnem em volta da mesa.*)

TIÃO (*em meio a um grande silêncio*): Bem... Hum... Seu João. Eu conheci Maria, gostei... E quero casá... Porque gosto dela, e ela de mim... É só.

(*Palmas.*)

JOÃO: Seu Sebastião, eu, em nome da família de Maria, em nome de nossa mãe que doente não pode está aqui, eu quero dizê pra todos que é com alegria e satisfação que nós te recebemos na família, fazendo o único pedido que tu faça a Maria feliz! E que esteja tudo na graça de Deus!

DALVA (*enquanto todos batem palmas*): Muito bem, assim é que é!

JESUÍNO: Um viva pros noivos!

TODOS: Viva!...

OTÁVIO: E com cachaça mesmo!

(Serve cálices.) Aos nossos filhos!
Ao futuro casamento e à
Libertação do Brasil!

ROMANA: Otávio!

CHIQUINHO: Pro terreiro pessoá, tem
chope!

TEREZINHA: Vamos pra "boite"!

*(Saem todos menos Romana, Jesuíno e
Tião.)*

ROMANA: Liga o bichinho ali, Tião!
*(Tião liga a vitrola. de fora vêm risadas.
Romana vai ao outro quarto.)*

JESUÍNO: Tu quer mesmo é cartaz,
hein, vagabundo?

TIÃO: Cartaz, por quê?

JESUÍNO: O negócio do filme.

TIÃO: Onde tu encontrou o cartão?

JESUÍNO: Onde tu encontrou também.
Na subida do morro. Tinha uma
porção, tudo esparramado!

TIÃO: Não fica te fazendo de besta
que tu também inventou uma
história

*(Pausa. Romana atravessa a cena,
cantarolando, dirigindo-se ao terreiro.)*

JESUÍNO: Não foi pra me mostrá, não.
Foi pra Dalvinha tê mais coisa
comigo, me achá mais bacana,
Tu sabe como é mulhé. Elas sim só
querem cartaz!
Eu inventei essa história por causa
dos velhos. Eles ficaram contentes.

JESUÍNO: Tua mãe achou vigarismo...

TIÃO: Da boca pra fora. No fundo tá
se babando! E o pai então?
Fingiu que não ligou, mas ficou
todo bobo. Pra eles é bom, têm a
impressão que a gente pode subi
mesmo na vida. E isso bem que
podia tê acontecido mesmo...

JESUÍNO: Ah! Lá isso podia...

TIÃO: Com franqueza, velho... Me dá
uma secura de saí daqui!

JESUÍNO: Sim, e ir pra onde...?

TIÃO: Embora! Não te enche essa

vida, não. Trabalha, trabalha... e
sempre lutando... E pra que?

JESUÍNO: É o jeito, é se virá... Escuta, tu
não tá topando muito a greve
não, não é?

TIÃO: Deixa issi pra lá, amanhã a
gente conversa.

JESUÍNO: Essa greve dá bode rapaz!

TIÃO: Deixa, deixa... Vamo lá pra
fora...

CHIQUINHO *(na porta):* Com' é Tião,
Maria tá lá fora sozinha.

TIÃO: Tô indo, tô indo...

*(Balbúrdia na porta – entram todos
com Bráulio.)*

MARIA: Chegou o Bráulio. Tá com
notícias da fábrica!

OTÁVIO *(dando a cadeira a Bráulio):*
Senta, homem, tá cuspidando o
pulmão!

BRÁULIO *(arfando):* Êta subidinha braba!

ROMANA: E eu que subo isso umas
quatro vezes por dia!

BRÁULIO: A senhora é de ferro, D.
Romana. O nego não tem os
purmões lá muito em dia, não!

OTÁVIO: Boa a Assembléia?

BRÁULIO: `Tava.

MARIA: O que resolveu?

BRÁULIO: Pera aí, deixa eu acalmá o
ar!

VOZ DE FORA: Romana, ó Romana!

ROMANA: Ô! Gente chata!

(Sai.)

OTÁVIO: Nossa turma táva toda lá?

BRÁULIO: Só faltou você

*(Continua arfando e enxugando o
suor com o lenço.)*

OTÁVIO: Tu vai bebê uma caninha da
boa. Se ainda deixaram pra esse
negro.

(Serve pinga.)

BRÁULIO: Pouquinho, Otávio,
pouquinho! *(Beberica um pouco.)*
Bem, minha gente, segunda-feira

greve geral!

(Silêncio.)

OTÁVIO *(triumfante, olhando para Tião):*

Eu não falei? A turma é do barulho!

TIÃO *(sério, abraça Maria):* Tinha muita gente lá?

BRÁULIO: Tinha, tinha... A turma do sindicato `tava toda...

OTÁVIO: Já tem gente aderindo?

BRÁULIO: Por enquanto é muito cedo...

Não, o negócio não vai ser sopa. Segunda-feira, cedinho, vamo se concentrá na porta da empresa. Vão querê obrigá a gente entrá, mas nós não entra!

TIÃO *(rígido):* Não vai ser sopa!

OTÁVIO: Não é a primeira que a gente faz!

(Silêncio, Bráulio beberica.)

TEREZINHA: Dança comigo seu Otávio?

OTÁVIO: Danço sim! *(Brincalhão a Chiquinho.)* Não adianta me olhá feio...

CHIQUINHO: Pai, eu perdi o dinheiro, num joguei, não!

OTÁVIO: Tá bom, vai...

TEREZINHA: Vamo dançá no terreiro! *(Saem. O samba na vitrola aumenta devagarinho. Sebastião continua estático abraçando Maria que olha preocupada. Bráulio beberica...)*

BRÁULIO: Dá cá um aperto de mão *(Maria e Tião seguram as mãos de Bráulio).* Felicidades pra vocês... Quando é que casam?

TIÃO: Daqui um mês, eu queria... Daqui um mês...

(Pausa, o samba aumenta.)

ROMANA *(que começa a gritar de fora irrompe aos berros):* Eu falei! Nasceu, nasceu! Gêmeos. A Cândida teve gêmeos... Minha simpatia não falha! Pessoal a festa muda pro 36, a Candida

teve gêmeos!...

Fim do primeiro ato

ATO II

(Mesmo cenário. Domingo de manhã. Romana ocupa-se com a casa. Chiquinho zanzando pelo barraco. Tião na porta do barraco absorto em seus pensamentos.)

QUADRO I

ROMANA: O que estraga é que homem não pode vê festa sem bebê. Teu pai sabe que não pode bebê e já tava de cara cheia...

CHIQUINHO: Gozei foi com o porre do Mauro. Levou um bruta tombo na descida... Rasgou a calça...

ROMANA: Aproveita o exemplo, Chiquinho... Quando tu fô a festa, bebe mas não mistura...

CHIQUINHO: Eu misturei e não aconteceu nada...

ROMANA: Tu deixa de saliência, garoto... Não aconteceu nada... Todo mole dormindo no colo da Tereza. Se tu tivesse bom ia levá uns tapa.

CHIQUINHO: Dormi foi de sono, não foi de porre!

ROMANA: O Bráulio é que é duro na queda... Tá com os purmão arrebetando mas bebe bem...

CHIQUINHO: Gozado o jeito dele... Um pouquinho, só um pouquinho... E vai engolindo...

(Pega um gíbi e senta-se.)

ROMANA: E a Cândida, coitada, quase morrendo, com a casa cheia de bêbado... Tu viu, Tião? Uma porção de bêbado em volta

dos gêmeos: “Que bonitinho!”
Até bêbado esses caras não tem franqueza. *(Pausa.)* Não sei porquê essa mania de achá criança recém-nascida bonita. É feio que dói! E se puxaram a mãe vão ser mais feio ainda!... Ei, Tião, tá me ouvindo...

TIÃO: Hum!?

ROMANA: Tô falando contigo...

TIÃO: Sei...

ROMANA: Sabe o quê? Tá ficando louco?

TIÃO: Tô pensando...

ROMANA: Na morte da bezerra?

TIÃO: Em como seria bom viajá.
Pegava um avião e zuuuuuum! Ia embora. Tomava café aqui, almoçava na Bahia... Jantava no México... Dormia no Japão... Eu e Maria... Já imaginou se Maria fosse japonesa que gozado?

ROMANA: Tá de porre ainda...

TIÃO: Tou não!...

ROMANA: Mas que ontem tu tava, tava.

TIÃO: Um pouquinho...

ROMANA: Pouquinho muito... Sorte que teu pai também tava, senão ia saí muita discussão... O que tu disse pra ele não se diz.

TIÃO: O que foi que eu disse?

ROMANA: Então tu não lembra?

TIÃO: Palavra que não.

ROMANA: Ainda bem...

TIÃO: O que foi que eu disse?

ROMANA: Um monte de ingratidão... Que o culpado da tua vida era teu pai... Que a gente devia tê te deixado com teus padrinhos... Que se tu tivesse na cidade, Maria não ia precisá continuá trabalhando e um monte de besteira...

TIÃO: Bebedeira!...

ROMANA: É, mas é bêbado que a gente se abre... Eu fiquei cismada.

TIÃO: Não tem motivo mãe...

ROMANA: Só se tu fosse burro poderia querê tê ficado com os teus padrinho....

TIÃO: Isso não... Se não fosse eles eu não tava vivo...

ROMANA: Não faz romance... Cuidei de Jandira, cuidava de tu também...

TIÃO: Com papai na cadeia, a senhora sozinha, duvido muito!

ROMANA: E mesmo se não cuidasse, eles não fizeram coisa melhó... Conheço aquela láia, queriam é pajem pros filhos, um criadinho... e vieram com a conversa de educá você, de fazê você um homem... Então por que não te puseram na escola? Pra te mandarem pro grupo foi um custo... Tu hoje podia tá formado, Tião...

TIÃO: Mas não tô... O que passô, passô!

ROMANA: Mas que tu tá meio enfezado, tá... Que é, é a ressaca?

TIÃO: Preocupação... Tenho que casá no mês que vem...

ROMANA: E casa uái!... Quem resolveu foi tu mesmo, aguenta a mão...

TIÃO: Mas é duro, mãe...

ROMANA: Todo mundo acaba casando. Duro é, mas a gente sempre se vira...

TIÃO: Sabe, mãe, uma coisa que me invoca... É Maria tê de continuá trabalhando depois de casada...

CHIQUINHO (*imperturbável, lendo o Gibi*): Pensamento burguês...

ROMANA: A conversa não chegô na cozinha... E se tu vive repetindo o que houve teu pai dizê, vai pará em cana sem sabê por quê... (A

Tião.) Que é que tem trabalhá?
Não mata, não... Olha eu... Tô
aqui dando duro ano mais ano e
ainda não morri.

TIÃO: É!...

ROMANA: Tu tá é precisando de um
purgante...

TIÃO: Tô bom...

ROMANA: Tu é outro que não pode
bebê...

TEREZINHA (*entra correndo*): Seu
Otávio tá quase brigando no
botequim!...

ROMANA: Nossa Senhora, pronto...
Esse Otávio!...

TEREZINHA: Tá quase; ainda não tá,
não! É por causa de greve. Seu
Antônio disse que a greve é coisa
de vagabundo. Aí, seu Otávio
disse que vagabundo era quem
ganhava dinheiro com a barriga
encostada na caixa. Aí, seu
Antônio disse que quem não
consegue dinheiro é porque não
gosta de trabalhar. Ai seu Otávio
disse que seu Antônio era ladrão
e "Caspitalista". Aí, eles ficaram
berrando que não entendi mais
nada!...

ROMANA: Isso ainda dá encrenca...

TIÃO: Dá não... Seu Antônio é o
português mais de nada que eu
já vi.

ROMANA: Vai lá, Tião... Diz pra teu pai
criá juízo!...

TIÃO: Tá. Não te preocupa, não. O
velho fala, fala, mas acaba em
nada... (*Vai saindo.*) Vamo Chico...

CHIQUINHO: Eu fico... (*Tião sai.*) Mãe...
A senhora podia me arrumá uns
trocado?

ROMANA: Pra quê?

CHIQUINHO: Pra ir ao cinema com
Terezinha...

TEREZINHA: Tem filme do Oscarito...

ROMANA: E teu ordenado?

CHIQUINHO: Cabô.

ROMANA: Então vai ao cinema pro
mês, pra aprendê não esbanjá!

CHIQUINHO: Esbanjei não... Seu Álvaro
é que descontou uns troços que
sumiram do armazém.

ROMANA: Tu anda roubando as coisas
do Álvaro, seu safado?

TEREZINHA: Cruz credo, D. Romana,
rouba não!

ROMANA: Tu cala a boca anjo da
guarda!

CHIQUINHO: Roubei nada, mãe!

ROMANA: Eu vou conversá com ele.
Mas fica sabendo, se tu tirou um
feijãozinho que for tu vai apanhá
tanto que nem sei!

(*Pega uma trouxa de roupa e sai.*)

TEREZINHA: Tu roubou?

CHIQUINHO (*assustado*): O quê?...

TEREZINHA: As coisas do armazém?

CHIQUINHO: Roubá, eu não roubei,
não!

TEREZINHA: E por que tu não reclamou
com o seu Álvaro?

Agora nós fica sem ir ao cinema!

CHIQUINHO: Adianta nada reclamá...
Ele tem de descontá de alguém...
Desconta de mim!

TEREZINHA: Mas não tá certo!

CHIQUINHO: E depois, eu não robei
mas deixei roubá!

TEREZINHA: Chiquinho, tu deixou?!

CHIQUINHO: Deixei. Mas não tive
culpa, não. Eles me obrigaram...

TEREZINHA: Quem?

CHIQUINHO: A turma do Tuca, aquele
moleque sardento que vende
amendoim... A turma dele é
braba... A Amélia tava cheinha
de compra. Tinha três dúzias de
fruta, uma porção de chocolate e
o uísque do Dr. Pedro. Eu passei
perto do Tuca... Eu tava até rindo

pra ele não cismá comigo! Mas foi pió, perguntô praque eu tava rindo...

TEREZINHA: Eu se fosse tu quebrava a cara dele!

CHIQUINHO: É uma turma de mais de vinte!... Tiraram tudo!

TEREZINHA: Mas tu deixou?

CHIQUINHO: Que jeito? E depois eles foram legais. Me deram fruta e chocolate...

TEREZINHA: E tu devolveu?

CHIQUINHO: Tinham tirado mesmo! As fruta eu comi, o chocolate eu te dei.

TEREZINHA: Aquele chocolate que tu me deu era esse?

CHIQUINHO: Era!

TEREZINHA (*com raiva*): Tu mente, hein, Chiquinho! Tu não disse que tinha guardado dinheiro só pra me dá chocolate?

CHIQUINHO: Ficô mais bonito, num ficô?

TEREZINHA (*zangada*): Tu mente muito.

(*Pausa.*)

CHIQUINHO: Terezinha, tu gosta de mim?

TEREZINHA: Num sei, não!

CHIQUINHO: Diz que gosta!

TEREZINHA: Tu é muito encrênqueiro, vive apanhando. Não faz nada direito. Depois fala em casá! Casá de que jeito? Praquê tu não contou a seu Álvaro o que aconteceu com as coisas? Ele não te descontava.

CHIQUINHO: Contá eu contei! Ele não acreditou. Disse que não me mandava embora porque tem bom coração... Mas descontou!

TEREZINHA: Podia ter contado tudo pra seu Otávio, ele dava um jeito!

CHIQUINHO: Ele não ia acreditá. E

depois, se acreditasse, ia me chamá de froxo!

TEREZINHA: Tu foi sim!

CHIQUINHO: Foi o que?

TEREZINHA: Frouxo, mole! Eu dava um escândalo!

CHIQUINHO: Mulhé pode dá escândalo, homem não! Tem de aguentá calado; malandro não estrila, aguenta a mão!

TEREZINHA: E fica sem dinheiro...

CHIQUINHO: Mas aguenta a mão. (*Pausa.*) Terezinha, se eu pudesse eu te dava tudo!

TEREZINHA: Chocolate roubado!

CHIQUINHO: É gostoso do mesmo jeito!

TEREZINHA: Isso é! (*Ri.*) Sabe o que eu queria, Chiquinho... Os dourado da igreja... Tu não acha bonito? Aqueles pano branquinho e tudo dourado. Tem cada Nosso Senhor grande.

CHIQUINHO: Eu acho mais bonito terreiro!

TEREZINHA: Não tem nada dourado!

CHIQUINHO: Mas tem fantasia, dança!

TEREZINHA: Mas não tem Nosso Senhor!

CHIQUINHO: Mas tem uma porção de santo!

TEREZINHA: De cabeça pra baixo, e as velas tão grudada no chão, não tão enfiada em castiçá.

CHIQUINHO: Mas tem cantoria, na missa não tem!

TEREZINHA: Como é que não tem? Deixa de sê bobo, tem mais do que em terreiro!

CHIQUINHO: Mais é que não tem!

TEREZINHA: Tem!

CHIQUINHO: Não tem, Terezinha!

TEREZINHA: Tem, tem, tem, tem! Diz que tem, senão, não falo mais com tu!

CHIQUINHO: Ah! Deixa de sê boba!

TEREZINHA: Não falo mais com tu!

CHIQUINHO: Então tem!... Tu não sabe conversá! Quer sempre tê razão... Por isso é que eu gosto da Amélia. Com ela não tem disso, não responde...

TEREZINHA (*indignada*): Que Amélia?

CHIQUINHO (*rindo*): A cesta... A cesta de compras...

TEREZINHA: Tu é biruta mesmo, vive dando nome pras coisas!

(*Chiquinho ri. Terezinha ri também... Os dois acabam gargalhando e beijam-se. Entram Romana e Maria.*)

ROMANA: Que sem-vergonhice é essa!...

MARIA: Amor, D. Romana!

ROMANA: Amor, eu sei!

TEREZINHA: Não é nada, não. Brincadeira!

CHIQUINHO: Brincadeira? Então tu não gosta de mim?

TEREZINHA: Tu é burro hein, Chiquinho! (*Sai correndo, Chiquinho atrás.*)

MARIA: Que bonitinho!...

ROMANA: Quero vê beleza, quando Terezinha ficá de barriga grande.

MARIA: Que nada, D. Romana!

ROMANA: Que nada? Conheço o mundo, nega... Vocês vê tudo cor-de-rosa. Eu não. Vejo ali, na batata. O que é, é.

(*Pausa.*)

MARIA: Tião demora?

ROMANA: Daqui a pouco tá aqui! Mas fala com ele, viu... Fala mesmo... Se tu tá com cisma, o melhó é franqueza...

MARIA: Mas a senhora não achou que ele tava esquisito?

ROMANA: Preocupado... Noivado, casamento, greve... Bebedeira! Isso passa.

MARIA: Eu chego até a pensá que ele é capaz de furá a greve!

ROMANA: Tião? Deixa disso... Tião é filho de Otávio, o maior greveiro carioca... Mas por quê?

MARIA: Fala em greve, Tião emburra... Ontem ele tava meio tonto, disse uma porção de coisa, que isso não é vida... Que fazê greve todo ano não dá futuro pra ninguém... Que a gente nunca ia tê sossego!... Ele tá com medo que a greve não dê certo e que seu Otávio, ele e o resto da turma perca o emprego...

ROMANA: Bobagem!... E depois, as greve que Otávio se meteu sempre deu certo... Tião tá é bêbado... Mas fala com ele... Melhó é franqueza... Se ele tivé com vontade de fazê bobagem tu pode aconselhá...

MARIA: É sim!

ROMANA: Tião fura a greve nada!... Tião é operário, pode tê suas esquisitice, mas não foi feito pra adulé patrão...

MARIA: A senhora tem razão...

JESUÍNO (*entrando*): Ôpa!...

ROMANA: Entra bêbado sem-vergonha... Tu é escandaloso hein, peste?

JESUÍNO: Té que nem!

ROMANA: Tu soltou palavrão que não foi vida.

JESUÍNO: Costume!... Com'ê, noiva!... Cadê Tião?

ROMANA: Foi tirá Otávio de uma confusão... Daqui a pouco t'á aqui...

JESUÍNO: Contente, moça?

MARIA: E não é pra tá?

JESUÍNO: Tu é quem sabe!

MARIA: Tô sim...

JESUÍNO: Assim é que é!...

ROMANA: Então, amahã ocês tão de greve...

JESUÍNO: Pois é, mais uma...

ROMANA: Mais alguns cruzeiros...

JESUÍNO: É preciso!... Seu Otávio deve tá com a louca!

ROMANA: Nem me fala... Só isso que me dá medo... Otávio é estourado pra esses negócios...

JESUÍNO: Vai dá tudo bem.

MARIA: Eu vou indo, D. Romana... Mamãe tá sozinha!

ROMANA: Não vai esperá Tião?

MARIA: Encontro no caminho...

ROMANA: Então aproveita e me ajuda com essa ropua lá pra fora! Senta, Zuíno. Fica à vontade.

JESUÍNO *(a Maria):* Encontrando Tião, diz que tô aqui...

MARIA: Tá bem... *(Saem.)*

(Jesuíno fica só. Assobiando um samba, vai até o fogão, serve-se de café. Examina os móveis. abre uma gaveta. Encontra um papel, lê e cai na gargalhada...)

ROMANA *(fora):* E teu pai?

TIÃO: Não houve nada, nada. Ele foi procurá o Bráulio.

TIÃO *(entrando):* Tá rindo sozinho!

JESUÍNO: Disso aqui! Tu é poeta, é Tião?!

TIÃO: Largo isso, metido!

JESUÍNO: Tião, tu apaixonado é a coisa mais gozada que já vi!...

TIÃO: Tu precisa perdê essa mania de xeretá o que não é da tua conta...

(Com raiva, rasga o poema.)

JESUÍNO: Cuidado, Tião! A gente não pode ficá muito caído por mulhé, não! Mulhé gosta é de dureza... Olha a Dalva... Se eu fosse muito babão ela já tinha me botado pra trás... E olha que sou bom de cama!

TIÃO: Deixa de prosa!... Tu foi vê o Carlos?

JESUÍNO: Fui, mas não encontrei. Foi pra Petrópolis. Falei com o irmão!

TIÃO: E daí?

JESUÍNO: Se a greve gorá, eles despedem os cabeça. Se não gorá...

TIÃO: E do nosso caso?

JESUÍNO: Só o Carlos pode resolvê... Amanhã ele tá aí. É mais que certo. Se não conseguir emprego no escritório, vai pra chefe de turma. Dez mil a mais!

TIÃO: Já melhora... E sem greve!

JESUÍNO: A condição é essa. Ficá do lado deles, e vigiá o movimento do pessoal!

TIÃO: Espião!...

JESUÍNO: Espião, nada! Auxiliar de gerência...

TIÃO: Mas é o jeito... Esse negócio não dá futuro, Jesuíno... Greve! Greve! E daí? A turma fez greve o ano passado, já tá em outra... E assim por diante. Tu consegue um aumento numa greve, eles aumentam o produto, condução, comida, tudo!... Tu tá sempre com a corda no pescoço...

JESUÍNO: O jeito é o cara se defendê como pode!...

TIÃO: Sabe, Zuíno. Maria vai tê um filho meu.

JESUÍNO: O que?

TIÃO: Maria vai tê um filho meu!

JESUÍNO: Tá brincando!...

TIÃO: Ia brincá? Preciso casá no mês que vem... E te juro pela alma de minha mãe que eu caso com Maria e não faço ela passá necessidade. O negócio é consegui gente com boas relação... Daí é subi...

JESUÍNO: Tem um porém...

TIÃO: Qual?

JESUÍNO: Se a greve der certo, o

peçoá vai xingá a gente de tudo quanto é nome!

TIÃO: Quem tem de sustentá mulhé sou eu, não eles! Problema é meu, não deles! Que fiquem por aí com suas greve, eu não sou trouxa. Já imaginou, Zuíno... A gente entra pro escritório, faz um curso de qualqué coisa, sai da fábrica e arruma a vida...

JESUÍNO: Não é tão fácil, não...

TIÃO: Precisa dá duro! É muito mais inteligente do que ficá fazendo greve por três mil cruzeiro...

JESUÍNO: Vou sê franco contigo, o desprezo do peçoá me mete medo.

TIÃO: Que desprezem! Amizade deles não me ajeita na vida!

JESUÍNO: É essa mania... Chamam logo de traidô, pelego...

TIÃO: Traidô, nada! Greve é a defesa de um direto, nós não qué usá esse direito e tá acabado. Cada um resolve seus galhos como pode.

JESUÍNO: A gente pensa assim, eles não. É um peçoá teimoso!

TIÃO: Não, velho, tô resolvido. Vou casá e vou tê a vida que eu quero tê. Vida de morro estraga qualqué amô!

JESUÍNO: Então, tu tá resolvido a saí daqui?

TIÃO: Se a greve der certo, é o jeito. Mas duvido. Ninguém aderiu, a turma tá sozinha, vai gorá. Se gorá fico mais um pouco. Tô em negócio com um barraco. Fico por lá até arrajá pouso na cidade.

JESUÍNO: Sabe, Tião. Eu acho que tu não pensô direito nas consequência disso!

TIÃO: Só vivo pensando nisso, Zuíno. Tô

resolvido...

JESUÍNO: O negócio, Tião, é ter uma chance "batata"! O que a gente tem é pormessa do gerente. O escritório não tá lá muito certo e o aumento é só de pouco...

TIÃO: Enquanto não tivé outra chance, essa é a melhó! Como tá não pode ficá. Isso é vida de cão!

JESUÍNO: Sabe, outro dia, o "grã-fino" veio falá comigo. Conversa vai, conversa vem, me elogiô, disse que eu tenho panca etc. e tal. Resultado, me convidô pra turma dele.

TIÃO: E tu?

JESUÍNO: Eu não disse nem que sim, nem que não!

TIÃO: Se metê com ladrão não dá futuro pra ninguém!

JESUÍNO: O pior é essa mania do cara ser direito...

TIÃO: Direito o cara tem que ser.

JESUÍNO: Direito! Todo o mundo rouba! Os maiorá aí, tão por cima mas não é indo a missa, não! É roubando no duro!

TIÃO: Tu tá pegando barco errado!

JESUÍNO: Te garanto que resolvia. A gente não tava aqui com esses problema.

TIÃO: Você vai se daná!

JESUÍNO: Eu não disse que vou topá! O pió é isso, não tenho coragem! Primeiro arrombamento eu tava em cana direto, ou no hospitá, morto de medo. Não é questão de sê honesto, não. É medo! O que a gente não tem, Tião, é chance! Olha, se eu topasse o negócio com o "grã-fino", arrumava uns cobre, comprava um carro, ia pra praça como motorista. Depois, tu ia vê, ia tê até escritório. O negócio é dá

chance! Essa era uma, eu perco de medroso!...

TIÃO: Isso não é chance, velho, é arapuca. Chance é a fábrica! Chance é tu conhê gente de posição! Chance é tu tê cabeça. e aproveitá as situação!

JESUÍNO: Não, velho! "Grã-fino" tá cheio do ouro! Já imaginou a cara desse pessoal? Todo mundo convencido que vida da gente é essa e que não sai disso. E tu aparece com escritório, secretária... Aí, ninguém vai te perguntá como tu conseguiu! Pode tê roubado, matado... Ninguém pergunta! Só querem é sê teu amigo... E tu diz: "Aproveitei a chance, companheiro" ... Muitos desses conseguiram ser até Presidente da República...

TIÃO: Pois não, seu Presidente.

JESUÍNO: Conseguiram, sim! Nós é que somo trouxa, eu mais! Não tenho coragem pra pegá a chance, vou perdê porque sou trouxa!

TIÃO: Tá bêbado, Zuíno!

JESUÍNO: Bêbado!... Queria pegá a chance pra te mostrá. Chegava a Presidente, liberava o jogo de bicho e ajeitava as finança do país.

TIÃO: Chega, Zuíno. Tá enchendo!...

JESUÍNO: Não posso falá nessas coisa que me dá dor de cabeça.
(Pausa.) Tião!

TIÃO: Hum!

JESUÍNO: Tu vai sê pai mesmo? Gozado!...

TIÃO: Vou pegá minha chance!

JESUÍNO: Se a greve der certo, o que pode acontecê é a gente levá muita bordoadada do pessoal!

TIÃO: Dá certo, nada!...

JESUÍNO: Mas se der?!

TIÃO: O jeito é arriscá! Vou furá a greve. Vou falá com o gerente, e ficá do lado dele.

JESUÍNO: Tião! Tem outro jeito...

TIÃO: Qual?

JESUÍNO: Furá e não furá...

TIÃO: Como?

JESUÍNO: A gente explica a situação pro Carlos. A gente finge que fura mas de combinação com eles, assim não dá bolo!

TIÃO: A turma ia sabê logo! Tu parece que nunca viu piquete. Ia sê pió. E depois é covardia...

JESUÍNO: Deixa de panca! Covardia por quê? É um jeito melhó do que arriscá e levá pancada. Tu pode evitá inclusive o desprezo da turma. Tu pode te arrumá na fábrica e ficá bem com o pessoal! Pensa bem, Tião! E depois, tu já pensou em Maria, ela pensa como eles, é capaz de não gostá...

TIÃO: Maria é minha mulhé e gosta de mim. O que eu fizé ela vai achá certo!... O que ela podia achá errado é eu tê medo de tomá posição. Mas eu vou tomá posição, contra a greve. Furo a greve e ninguém tem nada a vê com isso!

JESUÍNO: Olha, velho!... Eu me lembro do Torquato; arrebutaram o menino...

TIÃO: Tu tem medo de briga, é? Depois, essa greve gorou antes de começá.

JESUÍNO: Tião, eu sou pela sorte. Vamo tirá no palito. Se eu ganhá, a gente fura de combinação com a gerência. Se tu ganhá, a gente fura de fato...

TIÃO: Besteira! Eu tô fazendo isso

consciente. Único jeito que eu tenho é me arrumá, não devo satisfação pra ninguém. Quem quisé que se arrebente de fazê greve a vida toda por causa de mixaria. Eu não sou disso. Quero casá e vivê feliz com minha mulhé! Se a turma quisé, pode dá o desprezo... Nesse mundo o negócio é dinheiro, meu velho. Sem dinheiro, até o amor acaba! Pois eu vou sê feliz, vou tê amô, e vou tê dinheiro, nem que pra isso eu tenha de puxá saco de meio mundo!

JESUÍNO: Tu tá com a razão. Vamo furá com peito!

TIÃO: Que seja o que Deus quisé!

JESUÍNO: Amém!

TIÃO: Agüenta a mão. Por enquanto ninguém precisa sabê. Se a greve gorá, fica tudo como está!

JESUÍNO: Isso!...

TIÃO: Amanhã, a gente sai mais cedo e vai direto pra fábrica. Talvez a gente evite os piquete. Se for tudo como eu penso, muita gente vai entrá na fábrica. Aí, o negócio não tá tão ruim, não.

JESUÍNO: E se der certo, Tião?

TIÃO: É agüentá a mão!... Tu faz o que quisé, mas tua idéia é besta, vai sê pió!

JESUÍNO: Já não tá mais aqui quem falô! Amigo é amigo, topado!

(Pausa.)

TIÃO: Tu vai encontrá a Dalva hoje?

JESUÍNO: Tá claro.

TIÃO: Eu vou ao parque, à noite, com Maria. Já tá funcionando?

JESUÍNO: Deve tá. Tinha um bruto cartaz, lá embaixo, anunciando pra hoje a inauguração!

TIÃO: Eu vou lá com Maria!

OTÁVIO *(entra num rompante,*

seguido de Bráulio arfante): Eu disse que esses cafajestes iam reagir, eu disse!

JESUÍNO: Que é que houve?

OTÁVIO: Prederam o Onofre, o Maфра e o Tito. Foi hoje de madrugada. Tão pensando que vão metê medo na gente!

BRÁULIO: Turma de safados! Agora é que é tempo de aguentá firme mesmo. Nem que seja preciso passá mais fome, o jeito é aguentá!

JESUÍNO: Por que é que prederam?

OTÁVIO: Porque são os cabeças. Querem metê medo na turma pra greve gorá! Mas eu sabia que ia ser assim!

BRÁULIO: Eu tava dizendo ontem que não ia sê sopa!

(Jesuino e Tião entreolham-se.)

OTÁVIO: Turma de safados! E o Antônio do boteco dizendo que quem entra em greve é vagabundo!

BRÁULIO: E tudo isso por causa de mais três mil cruzeiros.

ROMANA *(entrando com o balde cheio de roupa):* Chi! Bráulio! O negócio tá ruim pra teu lado. O Zequinha veio avisá pra tu não ir pra casa que tem uns home da polícia na porta!

BRÁULIO: Já tou sabendo! Querem vir pra cima de mim também! É por causa do sindicato. Deixa eles pra lá!

TIÃO *(saindo da sala num rompante):* Tá tudo errado, tá tudo errado!

(Pausa.)

OTÁVIO: Que é que deu nele?!

JESUÍNO: Bobagem, seu Otávio. O Tião tá apaixonado. *(Cantando.)* Paixão quando puxa na gente, derruba o cristão!

QUADRO II

(Domingo à noite... Tião e Maria chegam em frente à casa da moça...)

TIÃO: Contente?

MARIA: Tô!

TIÃO: Pergunta?

MARIA: Tu gosta de eu?

TIÃO: Demais!... Pergunta de novo.

MARIA: Tu gosta?

TIÃO: Assim, não. Pergunta inteiro

MARIA: Tu gosta de eu?

TIÃO: Eu por tu era capaz de qualquer coisa!

MARIA: Não diz isso!

TIÃO: Palavra!

MARIA: Tava bonito o parque, não?

TIÃO: Tava... Tu comeu tanto sorvete que é capaz de fazê mal!

MARIA: Desejo!... *(Tião ri.)* E se for menina, Tião...

TIÃO: Esquece. Vai sê um muleque, parecido comigo...

MARIA: Durval é nome bonito, sim.

TIÃO: Tá na hora de tu entrá...

MARIA: Pera um pouco... Olha a cidade lá embaixo!

TIÃO: Tu não gostaria de ir pra lá?

MARIA: Hum, hum... Não. É fria... Eu gosto do morro.

TIÃO: Muito?

MARIA: Eu gosto do pessoal. Olha o cruzeiro, Tião! Como tá bonito, cheio de vela acesa...

TIÃO: Macumba.

MARIA: Eu acho que tu fez macumba pra me pegá...

TIÃO: Tu é que fez mãe-de-santo!

MARIA: Quem sabe?... Imaginou nosso barraco? Olha o barraco do Espanhol. Tu já viu amor tão grande, ele e Luiza? Luiza também vai tê nenê...

TIÃO: Perto tá o barraco da Zéfa. Foi em cana, hoje. Carmelo matô o

Bodinho...

MARIA: Não fala em tristeza.

TIÃO: São tristeza do morro.

MARIA: Na cidade é pió... Só que ninguém se conhece...

(Começa a viola do Juvêncio.)

TIÃO: Lá vem o Juvêncio...

MARIA *(abraça Tião fortemente):* Tião, não te mete em encrenca amanhã!

TIÃO: Que encrenca?!

MARIA: Não sei. Não te mete em encrenca!

TIÃO: Não tem susto!

MARIA: Pensa na turma, Tião. Aqui todo mundo te qué bem. E eu mais do que ninguém...

TIÃO: Tá preocupada com quê?

MARIA: Com ocê! Porque quando fala em greve tu te aborrece...

TIÃO: Não pensa nisso. Não é assunto em que mulhé se mete...

MARIA: É sim!... O que é que tu tem medo...

TIÃO: Medo! Tu também me vem falá em medo? Medo de nada! Quero é vivê bem com ocê... Só! Greve me aborrece porque sempre dá bolo, a gente pode perdê emprego... Ah! Não pensa nisso... O que eu fizé é pra nosso bem!

MARIA: Não te mete em encrenca!

TIÃO: Tu não confia em mim?

MARIA: Confio!...

TIÃO: Então, não pensa mais... Fica quietinha, sem pensá. Pensa só no Durval! Dele tu precisa cuidá...

MARIA: Teus olhos me dão calma!... *(Abraçam-se.)*

TIÃO: Tu não gostaria de viajá, vê nova gente.

MARIA: Gostaria... Mas ia tê saudade...

TIÃO: Tu não gostaria de saí daqui? Pensa!

MARIA (*olha em volta*): Gostaria! Mas levando todo mundo comigo: D. Romana, Mamãe, João, Chiquinho, Seu Otávio, Terezinha, Ziza, flora... O Espanhol... Todo mundo. (*Olhando para o lado do cruzeiro.*) Até o cruzeiro lá do alto... (*Pausa.*) Favela sem cruzeiro deve sê feia!

TIÃO: Eu não acho favela bonita...

MARIA: Não é não... mas a gente faz ficá... Tu me faz a favela bonita!

TIÃO: Vou embora...

MARIA: Tião... Pede pro Juvêncio tocá aqui perto...

TIÃO: Peço sim!...

MARIA: Cuidado, Tião.

TIÃO: Vai dormi...

(*Beijam-se... Maria entra. Tião fica iluminado pelo refletor que se apaga em resistência enquanto o samba cresce finalizando o ato.*)

Fim do segundo ato ATO III

QUADRO I

ROMANA: Tu acordou cedo, hein?

TIÃO: É!

ROMANA: O café já tá pronto

TIÃO: A senhora também acordou mais cedo...

ROMANA: Serviço, filho, muito serviço!

TIÃO (*procurando*): Cadê minha caneca?

ROMANA: Pode deixá que eu preparo. Pão não tem!

TIÃO: Não faz mal!...

ROMANA: Tu não dormiu quase nada...

TIÃO: É...

ROMANA (*apontando Chiquinho que ressona*): Esse aí é que, se a gente não acorda, vai até de tarde!

TIÃO: É da idade.

ROMANA (*aproximando-se de Tião*): Tu tá enfezado por quê?

TIÃO: Eu?

ROMANA: Deixa disso, fui eu que te fiz e te conheço bem. Essa testa franzida não me engana. O que é que há?

TIÃO: Nada, ué!

ROMANA (*com intenção*): Tu vai fazê piquete?

TIÃO: O quê?

ROMANA: Piquete de greve. Tu vai fazê?

TIÃO: Num sei. Acho que já tem gente bastante.

ROMANA: Num vai te metê em bolo, hein?!

TIÃO: Que bolo é que pode dá?

ROMANA: Greve sempre dá bolo?

TIÃO: Nem sempre.

ROMANA: Polícia chegou, tu sai de perto! Num vai te metê a valente!

TIÃO: Não precisa se preocupá.

ROMANA: Vê lá, hein?

TIÃO: Eu sei o que faço. Não se incomode!

ROMANA: Quer mais café?

TIÃO: Não, tá bom assim!

ROMANA: Não vai esperá teu pai pra saí?

TIÃO: Não!

ROMANA: Por quê?

TIÃO: Pra quê?

ROMANA: Tu sempre esperá!...

TIÃO: Hoje tá muito cedo. Num vou esperá...

ROMANA: Tá bem.

TIÃO: Se Maria vier, diz pra ela não se preocupá. Ela também tá com besteira na cabeça.

ROMANA: Eu digo. (*Pausa.*) Tu passeou com ela ontem?

TIÃO (*vestindo o paletó e examinando a carteira e os documentos*): No

parque. Tava bom... Ela comeu três sorvetes! *(Sorrindo.)* É uma esganada!...

ROMANA: Vê lá, hein?

TIÃO: Deixa de bobagem, minha velha!

ROMANA: Tá com o endereço no bolso?

TIÃO: Que endereço?

ROMANA: O daqui. Se te aconteceu alguma coisa a gente sabe logo!

TIÃO: Que é isso, mãe!

ROMANA: Tu tá com o endereço ou não?

TIÃO: Tou sim, tá na carteira.

ROMANA: Então vai com Deus!

TIÃO: Eu volto logo! *(Sai.)*

(Romana tira um baralho da gaveta e dirige-se para a mesa. Sentada, começa a distribuir as cartas como fazem as cartomantes.)

OTÁVIO *(de dentro):* Ô Romana!

ROMANA *(escondendo apressadamente as cartas):* O que é?

OTÁVIO: Cadê minha cueca limpa?

ROMANA: Tá debaixo da trouxa de roupa.

OTÁVIO: Tu vive enfiando as coisa!

ROMANA: Sorte tua de eu ter lavado! *(Vai até Chiquinho.)* Ei! Chiquinho, tá na hora!

CHIQUINHO *(resmungando dormindo):* Terreiro é mais bonito... Hum, hum. Tem cantoria...

ROMANA: Acorda estrepe, tá na hora!

CHIQUINHO *(idem):* Tou acordando... Hummm...

(Vira-se para o outro lado.)

OTÁVIO *(entra afivelando o cinto):* Puxa, dormi demais!

ROMANA: Tá cedo ainda!

OTÁVIO: Cedo, nada! Eu já devia tá na fábrica, preciso organizá o meu piquete... Tá pronto o café?

ROMANA: Tá quentinho!

OTÁVIO *(olhando para Chiquinho):* Não vai deixá ele chegá atrasado no armazém!

ROMANA: Eu já chamei ele, mas tá cedo ainda. Vou deixá ele dormir mais um pouco.

OTÁVIO: Cadê Tião?

ROMANA: Já foi!

OTÁVIO: Já saiu? Ora essa...

ROMANA: Tava com uma daquelas caras!...

OTÁVIO: E por que não me esperou?

ROMANA: Sei lá, foi embora!...

OTÁVIO: O Tião é capaz de fazê besteira!...

ROMANA: Que besteira?

OTÁVIO: Sei não! Desde quando a gente começou a falá em greve, ele anda meio esquisito... Mas não há de sê nada. Tá ruim o café, hein, Romana!

ROMANA: Deixa de luxo, velho!

OTÁVIO: Sorte que tá quente, a gente não sente bem o gosto!

(Pausa.)

ROMANA: Não vai te metê em bolo, hein?

OTÁVIO: Que bolo é que pode dá?

ROMANA: Greve sempre dá bolo.

OTÁVIO: Nem sempre.

ROMANA: Polícia chegou, tu sai de perto! Num vai te metê a valente!

OTÁVIO: Não precisa se preocupá!

ROMANA: Vê lá, hein!

OTÁVIO: Eu sei o que faço, não se incomode!

ROMANA: Quer mais café?

OTÁVIO: Não, tá bem assim!

ROMANA: Já soltaram os três que foram presos?

OTÁVIO: Ainda não. Talvez eles soltem hoje. A turma tá fazendo força!

ROMANA: Eles não iam soltá ontem à noite?

OTÁVIO: Mas não soltaram. *(Veste o casaco para sair.)* Não deixa o Chiquinho chegá atrasado.

ROMANA: Eu acordo ele logo. Vê lá, hein!

OTÁVIO: Deixa de bobagem, minha velha!

ROMANA: Tá com o endereço no bolso?

OTÁVIO: Que endereço?

ROMANA: O daqui. Se te acontecê alguma coisa a gente sabe logo!

OTÁVIO: Que é isso, Romana?

ROMANA: Tu tá com o endereço ou não?

OTÁVIO: Tou sim, tá na carteira.

ROMANA: Então, vai com Deus!

OTÁVIO: Eu volto logo!

(Sai.)

ROMANA *(fica um instante parada perto da porta. Lentamente, vai até Chiquinho que continua ressonando):* Acorda logo, Chiquinho. Já tá na hora!

(Chiquinho resmunga.)

ROMANA: Vamos, vamos... Deixa de moleza!

CHIQUINHO: Ah! Eu já fui, mãe!
(Resmungando.) Porcaria!...
Qualquer dia eu faço uma greve também!

(Romana vai até a mesa onde volta a botar as cartas. Olha absorta para cada carta que tira do maço, ora com júbilo, ora com ar de profunda preocupação. Chiquinho espreguiça-se, olha em torno e começa a vestir-se lentamente.)

ROMANA: Não estou gostando é desse quatro de espada.

CHIQUINHO *(com voz de sono):* O quê, mãe?

ROMANA: Anda depressa que se tu chegá atrasado eu te racho o couro!

CHIQUINHO *(aproximando-se da mãe):* A senhora tá botando carta, é?

ROMANA: Não está vendo?

CHIQUINHO: Então a senhora tá cismada com alguma coisa?

ROMANA: Vai te lavá diabo!

CHIQUINHO: É por causa da greve, né mãe?

ROMANA: Não te mete onde tu não é chamado.

CHIQUINHO *(apontando as caras):* O que é que diz aí?

ROMANA: Diz que se tu não for logo te aprontá eu racho tua cabeça!
(Chiquinho vai lavar-se na tina.)

ROMANA: Que seja o que Deus quisé!

CHIQUINHO: Será que a greve dura muito, mãe?

ROMANA: Sou eu lá quem vai sabê?!

CHIQUINHO: As cartas não disseram?

ROMANA: Não disseram nada.

(Romana, decidida, agarra Chiquinho e lava-lhe energicamente o rosto. Enxuga-o.) Senta aí pra tomá café!

CHIQUINHO *(obedece):* Assisti um firme bem bacana ontem! Um firme de Oscarito. A Tezinha deu até escândalo de tanto ri... Era firme do tempo antigo! Cada roupa gozada! Tudo de cabelo grande. No fim, o bandido levou uma bruta surra do Oscarito! Mas era briga pra ri! A senhora precisa ir ao cinema, mãe!

ROMANA: Pra perdê tempo? Eu não.

CHIQUINHO: Perde não, é gozado! Se Tião entrá pro cinema é que vai sê bacana. Até o Tuca vai se babá todo!

ROMANA: Tu está andando de novo com aquela turma?

CHIQUINHO: Eu não! Mas, se ele soubé que o Tião trabalha no cinema,

ele vai se mordê de raiva. Aquele moleque é invejoso!

ROMANA: E se eu soubé que tu anda metido com aquela gente, tu vai apanhá como nunca apanhou!

CHIQUINHO: Puxa, mãe! É por isso que a senhora tá sempre cansada, vive me prometendo pancada!

ROMANA (*rindo*): Também tu vive se metendo onde não deve. Toma o café anda. (*Pega um pedaço de pão da gaveta.*) E come esse pão!

CHIQUINHO: Tá duro, mãe!

ROMANA: Deixa de luxo e dá graças a Deus! Pão melhor só no almoço e se a greve der certo, porque se não...

CHIQUINHO (*pára um instante, como que ouvindo*): É a Tezinha!

ROMANA (*admirada*): Tu tem antena, é!

TEREZINHA (*entrando*): Bons dias!

CHIQUINHO: Veio cedo, hein!

ROMANA (*a Tezinha*): Senta aí, tu tá botando os bofes pra fora!

TEREZINHA: Eu trouxe o leite. Tem duas xícaras!

ROMANA: Bobagem tua.

TEREZINHA: Chiquinho precisa engordá!

ROMANA: Tu tá acostumando mal esse menino.

CHIQUINHO: Qual nada. Me dá, Tezinha!

TEREZINHA: Tá frio!

ROMANA: Vai assim mesmo. O café tá quente demais!

(*Serve o leite.*)

CHIQUINHO: Eu tava contando pra mãe o firme que a gente viu.

TEREZINHA (*começa a rir desbragadamente*): Gozado pra burro!

CHIQUINHO: Eu não disse pra senhora

que ela deu escândalo de tanto ri!

TEREZINHA: A cara daquele homem é a coisa mais gozada que eu já vi!

CHIQUINHO: Tu te lembra a hora da garrafada?

TEREZINHA: E quando ele bateu com a luva daquele home de ferro na cara do bandido!

CHIQUINHO: Não! Melhor é o tropeção que ele leva na escada!

TEREZINHA: E o mocinho! Que carinha!

CHIQUINHO: Carinha tinha a princesa!

TEREZINHA: Muito magra...

ROMANA (*sem quebrar a vivacidade e o ritmo do diálogo*): Tu viu o pessoal da fábrica descendo?

TEREZINHA (*quebrando só agora o ritmo*): Senhora?

ROMANA: Tu viu a turma da fábrica por aí?

TEREZINHA: Arguns! Tavam no boteco de seu Antônio. Seu Otávio eu encontrei na descida...

ROMANA: O Tião, tu encontrou?

TEREZINHA: Vi sim, tava dando uma bronca no Jesuíno.

ROMANA: Por causa de quê?

TEREZINHA: Não sei!

ROMANA (*a Chiquinho*): Vamos andando, seu Chiquinho. Tá na hora!

CHIQUINHO: Tou com uma bruta preguiça!

ROMANA: Anda depressa.

CHIQUINHO: Vou pegá a Amélia. (*Vai para o quarto dos fundos.*)

ROMANA (*a Terezinha*): Eles tavam discutindo sobre a greve né?

TEREZINHA: Parecia sim.

CHIQUINHO (*entra com a cesta de compras*): Té logo, mãe. (*A Terezinha.*) Tu vem?

ROMANA: Deixa a menina sentá um

pouco. Que grudação! Vai embora!

CHIQUINHO: Té logo.

ROMANA: Vai com Deus!

TEREZINHA: De noite eu venho aqui.

CHIQUINHO: Tá.

(Enquanto sai, berra o samba-tema que se perde aos poucos.)

ROMANA: Tu já tomou café?

TEREZINHA: já sim.

ROMANA: Bem, toca a trabalhá!

TEREZINHA: Muita roupa?

ROMANA: Um montão. E tudo pra entregá amanhã!

TEREZINHA: A tia também tá dando duro. Ela aumentô os preço.

ROMANA: Vai me descurpá, mas assim já é exploração! Ainda se fosse um serviço bem feito!... Mas nem passá ela sabe!

TEREZINHA: É que ela tá meia doente, já não tem vontade...

ROMANA: Vontade eu também não tenho, mas um pouco de capricho não custa! Minha filha Jandira é que era um táco pra passá roupa. Ela chegava tarde dos baile! Mas não tinha conversa, passava roupa até de manhã alta! Também, durou pouco... Eu avisava, mas qual! Mocinha, mocinha, na farra! Também, se destraiu. Tirou alguma coisa da vida!... Morreu numa noite de São João!

TEREZINHA *(pensando)*: O pai morreu em dia de Ano-bom. Eu não lembro, era criança.

ROMANA *(que enquanto isso arrumou a roupa dentro do balde)*: Bom, lá vou pra bica!

TEREZINHA: Eu vou com a senhora.

ROMANA: É melhor ir pra tua casa, ajudá tua tia. E pode dizê pra ela que, pra mim, aumentá os preço

é exploração!

TEREZINHA *(rindo)*: Digo sim. Mas a tia não é ruim de todo. Pegou a roupa da Cândida pra lavá, sem cobrá tostão. E vai lavá até a Cândida ficá boa...

ROMANA: Com aqueles dois garoto pra cuidá, Cândida, tão cedo, não vai tê sossego!... *(Saem as duas.)*

(A cena fica vazia durante alguns instantes. A luz que vinha aumentando de intensidade, denotando o avanço da manhã, atinge seu máximo.)

ROMANA *(de fora)*: Ué, tu por aqui a essa hora?

MARIA *(idem)*: Queria falá com a senhora.

ROMANA *(idem)*: Vamos entrando. Êta sol brabo!

MARIA: Não precisa se incomodá por mim, não.

ROMANA: Estou mesmo precisando de uma sombra. *(Entram as duas.)* Tu falou com Tião?

MARIA: Falei. Ele tá preocupado com o casamento da gente. Tem medo que a greve não dê certo, de perdê o emprego e não podê mais casá

ROMANA: E então?

MARIA: Ele disse que sabe o que faz!... Eu me quietei um pouco!

ROMANA: Seja o que Deus quisé! Tu vai pra oficina, não vai?

MARIA: Daqui a pouco... Sabe, D. Romana, eu gosto muito do Tião!

ROMANA *(um tanto espantada com o inesperado da frase)*: Bom pra ele.

MARIA: Eu gosto muito da senhora também!

ROMANA: Uai! Obrigada, eu gosto de tu também!

MARIA: Eu acho a senhora o tipo de

mãe que sabe entender os filhos!

ROMANA: *Pode ser...*

MARIA: A gente tem confiança na senhora!

ROMANA: Tanto elogio dá pra desconfiá!

MARIA: Não é elogio, não. A gente não pode escondê nada da senhora, a gente precisa contá tudo e pedi conselho...

ROMANA: Então, tu qué me contá alguma coisa. Vamos lá!

MARIA: A senhora sabe que eu gosto muito do Tião...

ROMANA: Tu já disse isso. Eu acredito.

MARIA: Eu acho que ele também gosta de mim!

ROMANA: Eu também acho.

MARIA *(sem saber como continuar):* Pois é, e quando a gente gosta, a gente gosta muito e... e... E não pensa muito...

ROMANA: Pois é...

MARIA: Quando conheci Tião, eu gostei logo dele! Ontem, no Parque, eu vi que gosto ainda mais!

ROMANA: Minha filha, se tu qué me convencê que gosta mesmo do Tião, não precisa dizê mais nada que eu já estou mais do que convencida!

MARIA: Eu sei... Mas é que tem uma coisa que eu gostaria que a senhora soubesse...

ROMANA: Então, vamos lá.

MARIA: A senhora se lembra de um batizado em Coelho da Rocha que nós fomos?

ROMANA: Se lembro, o Otávio pegou um bruta pifão! Depois daquilo se convenceu que tá ficando velho.

MARIA: Foi boa a festa.

ROMANA: E depois?

MARIA: Eu fui com Tião, com a

senhora...

ROMANA: *Com Otávio, Chiquinho, Terezinha, Jesuíno, e daí? Vai falando menina, num precisa tê medo.*

MARIA: Nós passamo a noite lá e... A senhora sabe... Eu gosto muito do Tião e ele gosta de mim...

ROMANA *(com toda calma. Calmíssima.):* Tu tá grávida, né, minha filha?

MARIA *(no mesmo tom):* Tô sim senhora.

ROMANA: E é isso que tu tinha pra me dizê?

MARIA: Eu estou escondendo de todo mundo, mas não queria escondê da senhora.

ROMANA: Eu tava meia desconfiada mesmo!...

MARIA: Desconfiada?

ROMANA: É. A gente sempre muda de jeito quando fica mulhé de um homem e tu ficou desse jeito.

MARIA: Só não quero que a senhora fique aborrecida!

ROMANA: Eu, por quê? Problema é de vocês!

MARIA: Nós vamo casá. Eu não conto pra niguém. Mamãe vai ficá chateada se souber...

ROMANA: Pode deixá. Eu não digo nada, não.

MARIA: E o que a senhora acha que eu devo fazê?

ROMANA: Pari, minha filha! O que é que tu quer fazê?

MARIA *(sem jeito):* Eu sei... Eu digo, devo esperá quieta até casá? Vou precisá casá no mês que vem!

ROMANA: Por isso é que Tião tá tão preocupado com o negócio do emprego, não é?

MARIA: Acho que sim... É sim.

ROMANA: Bobagem dele. A gente sempre se vira na hora "h"!

MARIA: É isso que eu queria contá pra senhora.

ROMANA: Tua sorte foi ter encontrado Tião. Ele é bom garoto. Outro talvez te largasse por aí. Tião, não. Não precisa tê medo!

MARIA: Não tenho, não. Eu sei disso. Por isso é que eu fui mulhé dele...

ROMANA: Até que é gostoso sabê que a gente vai sê avó!

MARIA: Pois é!

ROMANA: Otávio é que vai se babá todo!

MARIA: Eu queria pedi mais uma coisa pra senhora. Não contá pra mais ninguém, nem pra seu Otávio!

ROMANA: Coitado do Otávio, ele ia ficá contente! Por causa de que não contá?

MARIA: Vergonha. Eu ia tê vergonha!

ROMANA: Vocês são gozada! De fazê não tem vergonha, não é?

MARIA: D. Romana!

ROMANA: Tá bem. Não conto nem pro Otávio. Mas vai sê duro...

MARIA: Obrigado. A senhora é um anjo.
(*Beija a velha.*)

ROMANA: Êpa, vamos deixá de grudação! (*Intrigada.*) Esse mundo é gozado. Acontece as coisas pra gente e a gente nem sente. Tudo acontece assim, sem mais nem menos, "acontecendo". Qual! Tu quer menino ou menina?

MARIA: Preferia menino.

ROMANA: E Tião?

MARIA: Também. (*Animada.*) A senhora imaginou se ele entrá pro cinema?

ROMANA: Com o tal do Rocca? Isso é conversa!

MARIA: Quem sabe, às vezes... Tião vai

falá com ele.

ROMANA: O gozado é que Jesuíno também encontrou o tal Rocca! Não, minha filha, aí tem coisa!

MARIA: Que coisa?

ROMANA: Bobagem, deixa pra lá!

MARIA (*depois de um instante*): Durval! A senhora acha que seria um bom nome pro menino?

ROMANA: Por que Durval?

MARIA: Assim! Tem Orlando, Roberto...

ROMANA: Meu premeiro namorado, em Minas, se chamava Durval!

MARIA: Então, não pode. Vai se chamá Otávio!

TIÃO (*entrando*): Você aí dengosa?

ROMANA: Já de volta?

MARIA: Como é que foi?

TIÃO: Tudo bem.

MARIA: Deu certo a greve?

TIÃO: Como é que a gente vai sabê?

ROMANA: Mas a turma topou a greve?

TIÃO: Topou. Dezoito operários furaram a greve.... Só.

MARIA (*abraçando-o*): Eu não dizia? Pra que tê medo?

ROMANA: Deu algum bolo?

TIÃO: Tinha muito polícia na porta, mas acho que não deu nada.

ROMANA: Teu pai?

TIÃO: Vi um instante. Tava conversando com um cara que queria entrá. Depois, não vi mais.

MARIA: Qué dizê que o trabalho parou mesmo?

TIÃO: Parou!

MARIA: E os que furaram a greve?

TIÃO: Um levou uns tapas. Só isso.

ROMANA: Olha, tu me desculpe, mas eu tava com a impressão que tu ia furá, sabe?

TIÃO (*vai até o fogão e se serve de café frio*): É...

MARIA: Quer dizê que tá tudo em

ordem?

TIÃO: Tá!

ROMANA: Tu devia ter vindo com o teu pai. Ele é capaz de fazê besteira.

TIÃO: Ele estava meio ocupado ainda...

ROMANA: Ainda bem que não deu bolo.

MARIA: Viu como foi fácil?

TIÃO: Não foi fácil. Eu tinha meio razão quando dizia que a turma não ia topá. No princípio, uma porção de gente queria entrá na fábrica. Os piquete é que trabalharam direito e convenceram todo mundo... O pai não descansou. Acho que o patrão não deve gostá muito dele, não!

ROMANA: E aquele safado do Jesuíno, em piquete também?

TIÃO: Deixa o Jesuíno pra lá, coitado...

MARIA: Bateram em um que furou, é?

TIÃO: Uns tapa só. A polícia tirou o rapaz do meio da turma e os outros operários não deixaram bater...

ROMANA: Bom. Agora nós é que vamo ter uma conversinha!

TIÃO (*pondo-se em guarda*): Nós?

ROMANA: Sim senhor, seu cínico! Então o senhor é pai, não é?

TIÃO (*a Maria*): Ah, você veio contá?

MARIA: Vim.

ROMANA (*a Sebastião*): Tu merecia umas bordoadas, seu apressado. E ainda fica quieto, com a cara mais cínica do mundo!

MARIA: D. Romana!

ROMANA: Que D. Romana! Tu não tem culpa de nada, mas ele tem. Aposto que a idéia foi dele!

TIÃO (*com meio sorriso*): É mãe, a senhora vai sê avó!

ROMANA: Já tá batizado. Vai sê Otávio!

TIÃO: Não era Durval?

MARIA: Otávio tem uma razão, Durval não tem.

TIÃO: Então, Otávio!

ROMANA: Tá certo, nome do avô! Ele vai ficá se babando, mas essa bobinha não quer que conte. Otávio ia pulá de contente.

TIÃO: É, ele ia ficá contente...

ROMANA: Deixa contá, vá!

MARIA: Não conta, não!

ROMANA: Tá bom, não conto...
(*Começa a rir.*) Tou imaginado a cara do velho. Ele já tem orgulho desse estrepe aí, ainda mais com um neto!

TIÃO: Não sei, não!

MARIA (*abraçando o namorado*):
Que bom, né, Tião?

TIÃO (*abraçando-a com força*): Sabe mãe, eu quero bem. E quando a gente quer bem é capaz de uma porção de coisas!...

ROMANA: Chi! Lá vem o outro dizendo que quer bem! Vai contando, vai! Maria também começou assim: "D. Romana, eu gosto muito, porque eu gosto de verdade!" - Qual!

ROMANA: Contá o quê? Vocês quando começam a dizê que gostam etc. e tal, acabam contando coisas!

TIÃO: É só isso. Eu quero bem e eu sou capaz de fazê uma porção de coisas.

BRÁULIO (*entra arfando como no primeiro ato*): D. Romana... Uff!.. Éta, surdinha!... (*Estanca ao ver Tião.*) Ah! Você já tá aqui!

ROMANA: Nem esperou pelo pai!

BRÁULIO: E nem podia esperá. Preferiu se escondê logo junto da mamãe

e da noivinha!

TIÃO: Não te mete nisso Bráulio!

BRÁULIO: Não te mete, não te mete!
Assim é fácil! Me desculpe D.
Romana, mas não sei por que seu
filho veste calças!

ROMANA (*confusa e irritada*): Pera aí,
seu Bráulio! O que é que houve?

TIÃO: Nada, mãe! Só que eu fui um
dos dezoito que furaram a greve.
Só isso!

BRÁULIO: De tu eu não esperava isso,
Tião!

TIÃO: Bráulio! Tu não sabe porque foi!

BRÁULIO: Não, velho, pra isso não tem
desculpa. Tu traiu a gente e isso
não tem desculpa.

MARIA (*segurando a mão de Tião*):
Por que, Tião?

TIÃO: Não te preocupa, Maria. O que
interessa pra gente é que eu não
vou perdê o emprego. Eu entrei,
furei a greve, o encarregado
tomou nota do nome da gente.
Deu mil cruzeiros pra cada um de
gratificação e disse que a gente
não ia arrependê. pra mim é o
que basta.

ROMANA: Desta vez, filho, tu fez
besteira!

TIÃO: Cada um resolve seus galhos
como pode! O meu, eu resolvi
desse jeito.

BRÁULIO: Traindo teus companheiros!
Se todo o mundo pensasse assim,
adeus aumentos meu velho!

TIÃO: Eu não podia arriscá!

BRÁULIO: Arriscá o quê?

TIÃO: Meu emprego. A gente precisa
viver!

BRÁULIO: O que é que tu arriscava,
não arriscava nada!

TIÃO: Como não? Se eu perco meu
emprego como é que eu fico?

BRÁULIO: Não fica muito pior, não!

Arriscá salário mínimo é o mesmo
que não arriscá nada. E depois,
todo mundo tem seus galhos pra
quebrá, ninguém ia agüentá
muito tempo. Tu quis agi sozinho,
meu velho, e sozinho não
adianta!

TIÃO (*obstinado*): Greve é defesa de
um direito. Eu não quis defender
meu direito e chega!

BRÁULIO: Tu te sujai, Tião! Agora vai sê
pior!...

TIÃO: Tenho meu emprego!

BRÁULIO (*exaltando-se mais*): Ninguém
vai perdê o emprego, a gente já
venceu a greve!

TIÃO: Podia não vencer!

ROMANA: Chega de bate boca!
Vocês resolvem isso depois!

MAIRA (*a Tião*): Tu não devia!

TIÃO: Não te preocupe, dengosa, eu
sei o que faço!...

ROMANA (*com amargura*): Por isso tu
não saiu com teu pai, por isso tu
não voltou com o teu pai...

BRÁULIO: Nem adiantava esperá...
Otávio foi um grande cara. Se
não fosse ele e mais meia dúzia
da turma de piquetes, a greve
gorava. É assim que a gente
deve pensá, Tião, e não tirá o
corpo fora, resolvê os galhos pela
metade, deixando os outros no
fogo...

TIÃO (*gritando*): Vai te metê com tua
vida!

ROMANA: Tu cala a boca, Tião!

BRÁULIO: Otávio ficô entusiasmado e
começou a fazê comício na porta
da fábrica. Foi em cana!
Prenderam ele como agitadô!

ROMANA: Otávio foi preso? Aquele
quatro de espadas nunca me
enganou!

MARIA (*a Tião*): E tu sabia disso?

BRÁULIO: Não, disse ele não sabia.
Nessa hora ele tava recebendo
gorjeta do encarregado!

TIÃO (*avançando para o negro,
possesso*): Olha, Bráulio, tu não
provoca!

ROMANA (*interpondo-se*): Cala essa
boca. (*Tira o avental.*) Eu vou até
lá...

BRÁULIO: Não vale a pena, D.
Romana, tá uma turma tratando
de soltá ele!

ROMANA: Que turma! Eu sô mulher
dele, num sô? Eu vou lá! Meu
marido preso, quem é que cuida
disso aqui? Eu vou lá!

(*Vai para o quarto dos fundos.*)

MARIA: Será que ele vai ficá muito
tempo preso?

BRÁULIO: Não, não podem. Tem que
soltá logo.

ROMANA (*volta com um par de
sandálias na mão e senta-se para
calçá-las*): Tu vai comigo até lá,
Bráulio!

BRÁULIO: Eu acho que não vale a
pena, mas se a senhora quer...

ROMANA: Que não vale a pena!

TIÃO: Eu vou também!

ROMANA (*autoritária*): Tu não te mexe
daqui! Depois a gente conversa!

MARIA: Eu vou com a senhora, pode
deixá!

ROMANA: Num cumplica as coisas. Tu
vai pra oficina se não perde o
dia... A gente desce junto!

TEREZINHA (*entra correndo*): D.
Romana, os garoto do 28 pisaram
na roupa estendida e sujaram
tudo!

ROMANA: Se eu pego um desses
moleques eu torço o pescoço.
Terezinha, meu anjo, vem cá! Tu
dá um jeito na roupa pra mim, dá
uma enxaguada. Depois, tu põe

o feijão no fogo mais o arroz, tá
bom? Eu vou até a polícia.

TEREZINHA: Polícia?

ROMANA: É. Prenderam o Otávio. Tu
ajeita tudo. De passagem eu
aviso tua tia; depois te dou uns
cobre pro cinema. Vamos
embora, Bráulio! Maria, toca pra
oficina! (*A Bráulio.*) Ele tá na
Central?

BRÁULIO: Foi pro D.O.P.S.

ROMANA: D.O.P.S.? Vamo depressa se
não ele entra na pancada!
Cuida do feijão, Terezinha, fogo
baixo! Vamo embora, gente!

(*Saem. Tião não esboça movimento
algum. Quando todos desaparecem...*)

TEREZINHA (*como quem anunciasse
festa*): Prenderam seu Otávio!
Prenderam seu Otávio!

QUADRO II

(*Mesmo cenário. Segunda-feira, 7
horas da noite. Em cena: Tião e
João.*)

TIÃO: Não adianta, cunhado. O que
fiz tá feito e eu faria de novo.

JOÃO: Não tou discutindo isso. Tou só
dizendo que agora não tem mais
jeito. Tu vivê no morro não vive
mais. Só se prová que quer voltá
atrás.

TIÃO: Esquece. Isso eu não faço!

JOÃO: Tu já viu o ambiente como é
que está, ninguém mais te olha.
Se falam contigo é pra te gozá. E
de covarde pra baixo! Pra Maria
também não é bom!

TIÃO: Maria não é obrigada a
agüentá. Eu vou embora e levo
ela comigo.

JOÃO: Sei não cunhado. Escuta. Eu sei
que tu não furou a greve por
covardia. Eu sei que tu não é

covarde, foi pra se defendê. Tu não tinha a confiança que os outros tinham. Mas tu não é contra a gente, não custa se retratá. Explica com franqueza, eles vão entedê. Devolve o dinheiro que o gerente te deu, adere à greve, faz alguma coisa!

TIÃO: Não tenho nada que pedi desculpa a ninguém. O que fiz, fazia de novo. Cada um resolve seus galhos do seu jeito!

JOÃO: Então, meu velho, hoje mesmo é saí daqui. Conheço o Otávio, ele vai te mandá embora!

TIÃO: Problema dele! Eu vou embora, me arrumo, fui criado na cidade. Depois, dou um jeito. Arranjo uma casa de cômodos, alguma coisa, e levo Maria...

JOÃO: Eu pensei que tudo ia sê bem diferente!

TIÃO: Eu também gostaria que fosse.

JOÃO: Tu toma cuidado por aí. Tem gente querendo te pegá.

TIÃO: Que venham. Não tenho medo, sei me defendê. Já deixei esse cincão na cara de muita gente!

JOÃO: Tu viu que pegaram Jesuíno!

TIÃO: Bem feito pra ele. Eu tinha avisado.

JOÃO: Tá com o braço quebrado.

TIÃO: O que ele fez não se faz. Querê enganá os outros tá errado. Eu disse que a turma ia sabê.

JOÃO: Pegaram ele quando ia saindo da fábrica e depois souberam de tudo. Esse é outro que azarou.

TIÃO: Pera aí, tem uma diferença! Ele procurou se ajeitar, eu não. Tinha uma opinião e fui até o fim. Furei greve e digo pra todo mundo!

JOÃO: Bom, se precisá de um amigo sabe que tem um aqui às ordens!

TIÃO: Obrigado, velho. Nessa altura,

amigo, já não adianta muito, não. É esquisito, não é mais o problema de um cara contra, é um problema maior! Eu sabia que a turma ia dá o desprezo se a greve desse certo, mas não pensava que ia sê assim. Não é só desprezo que a gente sente, é como... Sei lá!... É como se a gente fosse peixe e deixasse o mar pra vivê na terra... É esquisito! A gente faz uma coisa porque quer bem e, no fim, é como se a gente deixasse de ser.

JOÃO (intrigado): Não estou te entendendo!...

TIÃO: É. É muito esquisito!

MARIA (entrando apressada): Já tá solto. Tão subindo o morro!

JOÃO: Agora, velho, é agüentá!

MARIA: Tá toda a turma com o seu Otávio. Que bom, tão fazendo uma bruta festa pra ele...

TIÃO: Eu estraguei a festa.

MARIA (indecisa): Tião... Tião...

TIÃO: Fala.

MARIA: Nada. Escuta, é melhor tu ir embora. Depois, tu conversa com seu Otávio. Quando ele estiver mais descansado...

TIÃO: Não. O que tem que ser, tem que ser. Eu espero ele. Não é bicho, é meu pail!

MARIA: Não é por tua causa, por causa dele. É melhor conversá com ele depois.

JOÃO: Pros outros já foi duro, imagina pra ele...

TIÃO: Tu diz que é meu amigo e fala assim? Tá bom... E tu, Maria?

MARIA: Eu o quê?

TIÃO: Já virei lobisomem pra você também?

MARIA: Deixa disso. Eu sei que foi por minha causa. Eu tou do teu lado...

TIÃO (*sério*): Que bom!... É, seu João!
A gente deixa de ser... É que nem
peixe na terra...

(*Sai.*)

MARIA: Como é que ele tá?

JOÃO: Desse jeito. Aposto que ele
queria não tê feito nada. Mas é
orgulhoso que nem uma peste!

MARIA: Não foi por mal!

JOÃO: Vai explicá isso a todo mundo!

MARIA: E agora?

JOÃO: Agora, Maria, é agüentá. Aqui
ele não pode ficá. O pai,
pensando como pensa, não
deixa ele em casa. Vai sê
questão de honra. O jeito é ele
deixá o morro... Disse que depois
vem te buscá, que vai arranjá um
quarto numa casa de cômodos.

MARIA (*pensativa quase chorando*):
Vai tê que deixá o morro.

JOÃO: Ele tá sofrendo, mas foi
apressado. Não sei porque esse
medo da greve! Os outros todos
confiaram, ele não.

MARIA: João, eu tô com medo!

JOÃO: Calma!

MARIA: Tou sim! Tu já imaginou? Deixá
isso tudo, assim, de repente? Tião
não conhece mais ninguém, vai
tê que fazê novas amizade...

(*De fora, vozes e "salves" para Otávio.*)

JOÃO: Tão aí? Agüenta a mão, não
faz cara de choro!

(*Entram Romana, Chiquinho,
Terezinha, Bráulio e Otávio.*)

ROMANA: Senta, meu velho, senta! Tu
já andou demais!

BRÁULIO: É melhor descansar!

OTÁVIO: Deixa disso, também não me
mataram! (*Vendo João e Maria.*)
Vocês tão aí? Como é que é seu
João? Que cara de espanto é
essa, D. Maria? Fui em cana, só
isso!

MARIA: Mas tá tudo bem?

OTÁVIO: Tamos aí, na ativa!

BRÁULIO: Também, D. Romana fez
revolução na polícia!

OTÁVIO: Êta, velha barulhenta! Quase
que fica também.

ROMANA: E não é pra gritá? Prendê o
homem da gente, assim à toa?

CHIQUINHO: O senhor ficou atrás das
grade, pai?

OTÁVIO: Que grade! Fiquei numa sala
e num tava sozinho, não! Tinha
uma porção!

CHIQUINHO: E bateram no senhor?

ROMANA: Deixa de perguntá besteira,
menino.

BRÁULIO: O fato é que tu tá solto e
pronto pra outra. Não é, bichão?

OTÁVIO: E bem pronto. Só as costelas
que doem um bocado mas,
amanhã, tá tudo em dia!

BRÁULIO: A turma é ou não é do
barulho?

OTÁVIO: Êta, se é! Nego ia entrando,
a gente conversava uns minutos e
pronto! Já tava o homem
ajudando no piquete. O
aumento vai saí estourado!

MARIA: A greve dura muito?

BRÁULIO: Acho que não. Mais um ou
dois dias. Eles tem que concordá,
se não o prejuízo é maior!

OTÁVIO (*a Bráulio, interessadíssimo*): É
verdade que a Sant'Angela tá
pra aderi?

BRÁULIO (*com uma risada alegre*): É
sim senhor!

OTÁVIO (*contentíssimo*): Isso é que
serve! (*A Romana.*) Velha, dá um
café aqui pro papai!

ROMANA (*indo ao fogão*): Já, já. Mas
tu não toma jeito, hein,
descarado?

BRÁULIO: Isso é assim mesmo, D.
Romana!

TIÃO (*aparecendo na porta*): Com licença!

(*Todos esfriam. Mudos. Estáticos.*)

TEREZINHA (*depois de alguns instantes quebra o silêncio*): Tá vendo Tião, soltaram seu Otávio!

(*Chiquinho dá-lhe um beliscão. Pausa.*)

ROMANA: Vai ficá que nem estaca na porta, entra!

TIÃO (*a Otávio*): Eu queria conversá com o senhor!

OTÁVIO: Comigo?

TIÃO (*firme*): É.

OTÁVIO: Minha gente, vocês querem dá um pulo lá fora, esse rapaz quer conversá comigo.

ROMANA: Eu preciso mesmo recolhê a roupa!

JOÃO: Já vou indo, então. Até logo, seu Otávio, e parabéns!

OTÁVIO: Obrigado! (*Saem. Tião e Otávio ficam a sós.*) Bem, pode falá.

TIÃO: Papai.

OTÁVIO: Me desculpe, mas seu pai ainda não chegou. Ele deixou um recado comigo, mandou dizê pra você que ficou muito admirado, que se enganou. E pediu pra você tomá outro rumo, porque essa não é casa de fura-greve!

TIÃO: Eu vinha me despedir e dizer só uma coisa: não foi por covardia!

OTÁVIO: Seu pai me falou sobre isso. Ele também procura acreditá que num foi por covardia. Ele acha que você até que teve peito. Furou a greve e disse pra todo mundo, não fez segredo. Não fez como o Jesuíno que furou a greve sabendo que tava errado. Ele acha, o seu pai, que você é ainda mais filho da mãe! Que você é um traidô dos seus

companheiro e da sua classe, mas um traidô que pensa que tá certo! Não um traidô por covardia, um traidô por convicção!

TIÃO: Eu queria que o senhor desse um recado a meu pai...

OTÁVIO: Vá dizendo.

TIÃO: Que o filho dele não é um "filho da mãe". Que o filho dele gosta de sua gente, mas que o filho dele tinha um problema e quis resolvê esse problema de maneira mais segura. Que o filho é um homem que quer bem!

OTÁVIO: Seu pai vai ficá irritado com esse recado, mas eu digo. Seu pai tem outro recado pra você. Seu pai acha que a culpa de pensá desse jeito não é sua só. Seu pai acha que tem culpa...

TIÃO: Diga a meu pai que ele não tem culpa nenhuma.

OTÁVIO (*perdendo o controle*): Se eu te tivesse educado mais firme, se te tivesse mostrado melhor o que é a vida, tu não pensaria em não ter confiança na tua gente...

TIÃO: Meu pai não tem culpa. Ele fez o que devia. O problema é que eu não podia arriscá nada. Preferi tê o desprezo de meu pessoal pra poder querer bem, como eu quero querer, a tá arriscando a vê a minha mulhé sofrê como minha mãe sofre, como todo mundo nesse morro sofre!

OTÁVIO: Seu pai acha que ele tem culpa!

TIÃO: Tem culpa de nada, pai!

OTÁVIO (*num rompante*): E deixa ele acreditá nisso, senão, ele vai sofrê muito mais. Vai achar que o filho dele caiu na merda sozinho. Vai

achar que o filho dele é safado de nascença. *(Acalma-se repentinamente.)* Seu pai manda um recado. Diz que você não precisa aparecê mais. E deseja boa sorte pra você.

TIÃO: Diga a ele que vai ser assim. Não foi por covardia e não me arrependo de nada. Até um dia. *(Encaminha-se para a porta.)*

OTÁVIO *(dirigindo-se ao quarto dos fundos):* Tua mãe, talvez, vai querê falá contigo... Até um dia! *(Tião pega uma sacola que deve estar debaixo de um móvel e coloca seus objetos. Camisas que estão entre as trouxas de roupa, escova de dentes etc.)*

ROMANA *(entrando):* Te mandou embora mesmo, não é?

TIÃO: Mandou!

ROMANA: Eu digo que vocês tudo estão com a cabeça virada!

TIÃO: Não foi covardia e não me arrependo!

ROMANA: Eu sei. Tu é teimoso... E é um bom rapaz. Tu vai pra onde?

TIÃO: Vou pra casa de um amigo da fábrica. Ele mora na Lapa.

ROMANA: E ele vai deixá tu ficá lá? Também furou a greve?

TIÃO: Furou não, mas é meu amigo. Vai discuti pra burro, como todo mundo discute, mas vai deixá eu ficá lá uns tempos. é ele e a mãe, só!

ROMANA: E depois?

TIÃO: Depois o quê?

ROMANA: O que tu vai fazê?

TIÃO: Vou continuá na fábrica, tá claro! Lá dentro eu me arrumo com o pessoal. Arranjo uma casa de cômodos e venho buscar Maria!

ROMANA: Tu fez isso pra ir pra uma

casa de cômodos com Maria?

TIÃO: Fiz tudo isso pra não perder o emprego!

ROMANA: E tu acha que valeu a pena?

TIÃO: O que tá feito, tá feito, mãe!

ROMANA: Teu terno tá lavando. Tu busca outro dia.

TIÃO: A senhora é um anjo, mãe!

ROMANA: Tu vai vê que é melhó passá fome no meio de amigo, do que passá fome no meio de estranho!...

TIÃO: Vamos vê!

ROMANA: Dá um abraço! *(Abraçam-se.)* Vai com Deus! E deixa o endereço daqui no bolso, qualquer coisa a gente sabe logo!

TIÃO: Se não fosse a senhora, eu diria que tava agourando! Eu venho buscá o resto da roupa...

MARIA *(entrando):* Tu vai embora?

TIÃO: Tu já não desconfiava?

MARIA: E agora?

(Romana vai para o fundo e fica impassível.)

TIÃO: Tá tudo certo. Não perdi o emprego, nem vou perdê. A greve tá com jeito de dá certo, vou ser aumentado. Tu vai receber aumento na oficina. Nós vamos pra um quarto na cidade, nós dois. Depois, vem o Otavinho e vamos levando a vida, não é assim?

MARIA: Quer dizê que tu perdeu os amigo?

TIÃO: Sobram alguns! Teu irmão, alguns da fábrica...

MARIA *(abanando a cabeça, profundamente triste):* Não... Não...

TIÃO: Nós vamos casá, vamos embora, fazê uma vida pra

gente. Isso que aconteceu...

MARIA: Não... Não tá certo... Deixá isso, não tá certo!...

TIÃO: Não te preocupa, dengosa, vai dá tudo certo. Nós vamos pra cidade, só isso!... Eu fiz uma coisa que me deu o desprezo do pessoal, mas você não. Você não tem o desprezo de ninguém!...

MARIA (*cai num choro convulsivo*): Não... Não tá certo!

TIÃO: Maria, não tinha outro jeito, querida. Eu tinha que pensar... A greve deu certo como podia não dar... E tudo aconteceu na última hora... Quando eu cheguei na fábrica a maioria queria entrá. Depois é que mudou... Eu fui um dos primeiros a entrá... Podia não ter dado certo. Papai pode ainda perdê o emprego. Eles dão um jeito! E eu? Tu já imaginou o que podia acontecer? Agora não, nós tá seguro!

MARIA (*sempre chorando*): Não tá certo!... Deixá isso, não certo, deixá isso...

(*Perde as forças e cai chorando copiosamente.*)

TIÃO: Mariinha, escuta! Eu fiz por você, minha dengosa! Eu quero bem! Eu tinha... Eu tinha que dá um jeito... O jeito foi esse.

MARIA: Deixá o morro, não! Nós vamo sê infeliz! A nossa gente é essa! Você se sujou!... Compreende!

TIÃO: É que eu quero bem!... Mas não foi por covardia!

MARIA (*idem*): Foi... Foi... Foi... Foi por covardia... Foi!

TIÃO (*afrito*): Maria escuta!... (*A Romana.*) Mãe, ajuda aqui!

(*Romana não se mexe.*) Eu tive... Eu tive...

MARIA: Medo, medo, medo da vida... Você teve!... Preferiu brigá com todo mundo, preferiu o desprezo... Porque teve medo!... Você num acredita em nada, só em você. Você é um... Um convencido!

TIÃO: Dengosinha... Não é tão ruim a gente deixá o morro. Já é grande coisa!... Você também quer deixá o morro. Depois a turma esquece, aí tudo fica diferente!...

MARIA: Eu quero deixá o morro com todo mundo: D. Romana, Mamãe, Chiquinho, Terezinha, Ziza, Flora... Todo mundo... Você não pode deixá sua gente! Teu mundo é esse, não é outro!... Você vai sê infeliz!

TIÃO (*já abafado*): Maria, não tem outro jeito!... Eu venho buscar você!

MARIA: Não pode, não pode... Tá tudo errado, tudo errado!... Por quê?... Tá tudo errado!...

TIÃO (*quase chorando também*): Maria você precisa me entender, você precisa me ajudá!... vem comigo!...

MARIA: Não vou... Não vou!...

TIÃO: Foi por você...

MARIA: Não... Não... Tá tudo errado! (*Chora convulsivamente.*)

TIÃO: Maria, pelo menos tu sabe que eu arranjei saída. (*Quase com raiva.*) Agora tá feito, não adianta chorá!

MARIA: Eu acreditei... Eu acreditei que tu ia agi direito... Não tinha razão pra brigá com todo mundo... Tu tinha emprego se perdesse aquele... Tu é moço...

Tinha um cara do cinema...

TIÃO (*irrita-se cada vez mais. Uma irritação desesperada.*): Mariinha, não adiantava nada!... Eu tive... Eu tive...

MARIA: Medo, medo, medo...

TIÃO (*num grande desabafo*): Medo, está bem Maria, medo!... Eu tive medo sempre!... A história do cinema é mentira! Eu disse porque eu quero sê alguma coisa, eu preciso sê alguma coisa!... Não queria ficá aqui sempre, tá me entendendo? Tá me entendendo? A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não saí nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!...

MARIA: Sozinho não adianta!... Sozinho tu não resolve nada!... Tá tudo errado!

TIÃO: Maria, minha dengosa, não chora mais! Eu sei, tá errado, eu entendo, mas tu também tem que me entendê! Tu tem que sabê por que eu fiz!

MARIA: Não, não... Eu não saio daqui!

TIÃO (*num desabafo total*): Minha Miss Leopoldina, eu quero bem!... Eu queria que a gente fosse que nem nos filmes!... Que tu risse sempre! Que sempre a gente pudesse andar no parque! Eu tenho medo que tu tenha de sê que nem todas que tão aí!... Se matando de trabalhá em cima de um tanque!... Eu quero minha Miss Leopoldina... Eu te quero bem! Eu quero bem a todo mundo!... Eu não sou um safado!... Mas pára de chorá! Se você quisé eu grito pra todo

mundo... Que eu sou um safado! (*Gritando para a rua.*) Eu sou um safado!... Eu traí... Porque tenho medo... Porque eu quero bem! Porque eu quero que ela sorria no parque pra mim! Porque eu quero viver! E viver não é isso que se faz aqui!

MARIA: Tião!...

TIÃO: Mariinha, minha dengosa. (*Atira-se sobre ela. Abraçam-se.*) E agora, Maria, o que vou fazer?

MARIA: Não posso deixá o morro... Deixando o morro, o parque também ia ser diferente! Tá tudo errado!... Reconhece!

TIÃO: Não posso ficá, Maria... Não posso ficá!...

MARIA (*pára de chorar. Enxuga as lágrimas.*): Então, vai embora... Eu fico. Eu fico com Otavinho... Crescendo aqui ele não vai tê medo... E quando tu acreditá na gente... Por favor... Volta!

(*Sai.*)

TIÃO: Maria, espera!... (*Correndo, segue Maria. Pausa.*)

OTÁVIO (*entrando*): Já acabou?

ROMANA: Vai falá com ele, Otávio... Vai!

OTÁVIO: Enxergando melho a vida, ele volta. (*Retorna ao quarto, entram Chiquinho e Terezinha.*)

CHIQUINHO: Sabe, mãe, aquele samba...

TEREZINHA: O samba do "Nós não usa Black-Tie".

CHIQUINHO: Tá tocando no rádio...

ROMANA: O quê?

TEREZINHA: O samba do Juvêncio, aquele mulato das bandas do cruzeiro!

CHIQUINHO: Ele tá chateado à beça. O samba tá com o nome de outro cara. (*Sai correndo.*)

TEREZINHA: Eu fiquei com pena do Juvêncio. Tá perto da bica, chorando! Chiquinho! *(Sai.)*
(Romana, sozinha. Chora

mansamente. Depois de alguns instantes, vai até a mesa e começa a separar o feijão. Funga e enxuga os olhos...)

FIM

Obs: Esta peça foi representada pela primeira vez em 22 de fevereiro de 1958 no Teatro de Arena de São Paulo, sob a direção de José Renato, com o seguinte elenco: Miriam Mehler (Maria), Gianfrancesco Guarnieri (Tião), Flávio Migliaccio (Chiquinho), Eugênio Kusnet (Otávio), Lélia Abramo (Romana), Celeste Lima (Terezinha), Francisco De Assis (Jesuíno), Henrique Cesar (João), Riva Nimitz (Dalva) e Milton Gonçalves (Bráulio.)

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2.333, 9º andar
Cep.: 01301-980 - São Paulo - SP**



IMPRESA OFICIAL
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE